

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**

ISABELA ALVES PEREIRA

*Em busca de questões da língua árabe*, de Germanos Farhat: edições e tradução

Versão corrigida

São Paulo  
2023

ISABELA ALVES PEREIRA

***Em busca de questões da língua árabe, de Germanos Farhat: edições e tradução***

Versão corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção de título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Pra. Dra. Safa Alferd Abou Chahla Jubran

São Paulo

2023

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

### Termo de Anuência do (a) orientador (a)

**Nome do (a) aluno (a): Isabela Alves Pereira**

**Data da defesa: 03/10/2023**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Safa Alferd Abou Chahla Jubran**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27/11/2023

*Safa A.C Jubran*

---

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P436b      Pereira, Isabela  
            Em busca de questões da língua árabe, de Germanos  
Farhat: edições e tradução / Isabela Pereira;  
orientadora Safa Jubran - São Paulo, 2023.  
            97 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de  
concentração: Estudos da Tradução.

1. Tradução. 2. Língua árabe. 3. Sintaxe. 4.  
Germanos Farhat. 5. Igreja Maronita. I. Jubran, Safa,  
orient. II. Título.

## **Agradecimentos**

Primeiramente a Deus, meu tudo.

De modo especial à minha orientadora, Safa Jubran, pela competência, dedicação, paciência, disponibilidade e incentivo.

Ao meu amado esposo, meu melhor amigo e companheiro, por toda ajuda.

Aos professores Felipe Benjamin e Paula Caffaro, por toda ajuda com sugestões e materiais.

Aos professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, meus primeiros mestres e formadores, especialmente João Baptista, Suely Lima e Bianca Graziela.

Aos professores e funcionários atuantes no programa LETRA, pela competência no trabalho e dedicação com a formação dos alunos.

Ao meu querido amigo Abuna George Khayat, por toda pronta ajuda e orações.

## RESUMO

PEREIRA, Isabela A. *Em busca de questões da língua árabe, de Germanos Farhat: edições e tradução*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Germanos Farhat (1670-1732) foi um bispo maronita em Aleppo e importante estudioso da língua árabe. Dedicou-se ao estudo do árabe e produção de obras literárias, catequéticas e linguísticas na língua, a fim de estimular seu pleno domínio pelos maronitas, que até então usavam o siríaco como língua litúrgica. Uma de suas obras mais importantes, escrita em 1705, foi “Em busca de questões da língua árabe”, que circulou amplamente nas escolas otomanas até o início do século XX, com diversas edições. Germanos se propôs a produzir um material de estudo gramatical para os cristãos ao mesmo tempo substancial e de fácil compreensão, de modo que pudessem dominar facilmente o árabe. Foi tão bem-sucedido em seu objetivo que “Em busca de questões da língua árabe” chegou a ser utilizado por importantes nomes do Renascimento Árabe (*Nahḍa*), como Buṭrus al-Bustāni, Saʿīd aš-Šartūnī e Nāṣif al-Yāzījī. A obra é organizada em três livros: “Livro primeiro: flexão dos verbos”, “Livro segundo: flexão dos nomes”, e “Livro terceiro: sintaxe”, utilizando como *corpus* a própria Bíblia. O autor divide cada livro em seções, que são divididas em pesquisas e estas, por sua vez, em questões, em que Germanos discutirá os principais aspectos desses três assuntos. Esperando bem apresentar a obra, este trabalho tem o objetivo de: (a) comparar as edições de Saʿīd aš-Šartūnī (1882), Buṭrus al-Bustānī (1854) e Tobia Mtīnī (1857); e (b) fazer uma tradução comentada da “Introdução pelo Autor” e da seção “Das Frases”, do terceiro livro.

**Palavras-chave:** Germanos Farhat; Baḥṭ al-maṭālib; língua árabe; sintaxe; Igreja Maronita.

## ABSTRACT

PEREIRA, Isabela A. *The Pursuit of The Arabic Language Issues, by Germanos Farhat: Editions and Translation*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Germanos Farhat (1670-1732) was a Maronite bishop in Aleppo and an important scholar of the Arabic language. He engaged in Arabic language studies and writing literary, catechetical, and linguistic works in that language to encourage its mastery by the Maronites, who until then had used Syriac as a liturgical language. One of his most relevant works, which was written in 1705, was “The Pursuit of the Arabic Language Issues”, widely circulated in Ottoman schools until the beginning of the 20th century, with several editions. Germanos intended to write a grammar study material for Christians that was both substantial and easy to understand, so they could easily master Arabic. He was so successful in his purpose that “The Pursuit of the Arabic Language Issues” was used by important names of the Arab Renaissance (*Nahḍa*), such as Buṭrus al-Bustānī, Saʿīd aš-Šartūnī and Nāṣīf al-Yāzījī. The work is organized into three books: “Book First: Inflection of Verbs”, “Book Second: Inflection of Nouns”, and “Book Third: Syntax”, using examples from the Bible as *corpus*. The author divides each book into sections, which are divided into pursuits and then into questions, in which Germanos will discuss the main aspects of these three subjects. Attempting to well present Farhat’s work, this paper aims to: (a) compare the editions of Saʿīd aš-Šartūnī (1882), Buṭrus al-Bustānī (1854) and Tobia Mtīnī (1857); and (b) make a commented translation of the “Introduction by the Author” and the section “On Phrases”, of the third book.

**Keywords:** Germanos Farhat; Baḥṭ al-maṭālib; Arabic language; syntax; Maronite Church

## ملخص

PEREIRA, Isabela A. *بحث المطالب في علم العربية, لجرمانوس فرحات: تبعات وترجمة*.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

كان جرمانوس فرحات (1732-1670) أسقفًا مارونيًا في حلب وباحثًا مهمًا في اللغة العربية. انخرط في دراسات اللغة العربية وكتابة الأعمال الأدبية والتعليم المسيحي واللغوي بتلك اللغة لتشجيع الموارد على إتقانها، الذين كانوا يستخدمون حتى ذلك الحين السريانية كلغة طقسية. أهم أعماله التي سُهرت، والذي كتبه في عام 1705، هو "بحث المطالب في علم اللغة"، الذي تم تداوله على نطاق واسع في المدارس العثمانية حتى بداية القرن 20، بواسطة طبقات عديدة. كان جرمانوس ينوي كتابة مادة دراسة قواعد للمسيحيين تكون جوهريّة وسهلة الفهم، حتى يتمكنوا من إتقان اللغة العربية بسهولة. وقد نجح في مهمته لدرجة أن الكتاب أُستخدم من قبل أشخاص مهمّين من عصر النهضة العربية (مثل بطرس البستاني، وسعيد الشرتوني، وناصر اليازجي). هذا العمل يحتوي على ثلاثة كتب: **الكتاب الأول**: تصريف الأفعال، **والكتاب الثاني**: تصريف الأسماء، **والكتاب الثالث**: بناء الجملة، باستخدام أمثلة من الكتاب المقدس. وكل واحد منها يُقسم إلى عدة أقسام. يناقش جرمانوس الجوانب الرئيسية لهذه الموضوعات الثلاثة. ومحاولة لتقديم هذا الكتاب بشكل جيد، تهدف هذه الرسالة إلى؟ (أ) مقارنة طبقات سعيد الشرتوني (1882) وبترس البستاني (1854) وطوبيا متيني (1857)؛ (ب) القيام بترجمة مقدمة المؤلف وقسم الجمل من الكتاب الثالث والتعليق عليها.

**الكلمات الافتتاحية:** جرمانوس فرحات؛ بحث المطالب؛ اللغة العربية؛ نحو؛ الكنيسة المارونية.



## Lista de Figuras

Figura 1 - Primeiras páginas da edição (1).....	27
Figura 2 - Post scriptum da edição (1).....	28
Figura 3 - Exemplo de glosa à margem, na edição (1).....	28
Figura 4 - Folha de rosto da edição (2).....	29
Figura 5 - Post scriptum da edição (2).....	30
Figura 6 - Capa da edição (3).....	31
Figura 7 - Destaque, na capa, dos elementos adicionais na edição (3).....	32
Figura 8 - Comparação de um mesmo trecho nos índices das edições (1), (2) e (3).....	33
Figura 9 - Trecho da “Nota”, da edição (3).....	33
Figura 10 - Equívoco das edições (2) e (3), corrigido pela errata (Figura 9) que não consta na edição (1).....	34
Figura 11 - Trecho do “Dicionário dos Componentes da Sintaxe”, da edição (3).....	35
Figura 12 - Trecho do “Índice Alfabético com as Matérias”, da edição (3).....	35
Figura 13 - Capa da edição (4) com o título “Farol do Estudante na Investigação dos Tópicos”.....	36
Figura 14 - Capa da edição (4) com o título “Investigação dos Tópicos e Estímulo dos Estudantes”.....	37
Figura 15 - Trecho do “Índice do que incluiu esse autor, dos capítulos e do vocabulário”, da edição (4).....	38
Figura 16 - Trecho da edição (4) correspondente ao exemplo da Figura 10, das outras edições.....	39
Figura 17 - Trecho da "Corrigenda" da edição (4).....	41
Figura 18 - Trecho da Suma Teológica (EDIÇÕES LOYOLA, 2009, p. 137).....	46

## Transliteração adotada<sup>1</sup>

Grafema árabe	Transliteração
ا	ā
ب	b
ت	t
ث	<u>t</u>
ج	j
ح	ḥ
خ	ḫ
د	d
ذ	<u>d</u>
ر	r
ز	z
س	s
ش	š
ص	ṣ
ض	ḍ
ط	ṭ
ظ	<u>ḍ</u>
ع	c
غ	g
ف	f
ق	q
ك	k
ل	l
م	m
ن	n
ه	h

---

<sup>1</sup> Conforme Caffaro (2018).

و	ū (vogal longa) w (semiconsoante)
ي	ī (vogal longa) y (semiconsoante)
ى	à
ء	,
ð	t (quando pronunciado entre duas vogais)
وُ	u
اَ	a
اِ	i

### Observações sobre a transliteração

1. As vogais breves que marcam o caso serão transliteradas de modo sobrescrito e apenas quando estiverem marcadas no texto árabe usado de referência para a tradução proposta neste trabalho.
2. O artigo *al* será transliterado sem a *Hamza* – que dependendo do contexto pode ou não ser pronunciada – e separado por hífen para deixar claro ao leitor que se trata do artigo.
3. Na fonética árabe, o *lām* do artigo é assimilado pela letra posterior quando esta é uma letra solar (ت ث د ذ ر ز س ش ص ض ط ظ ل ن). Neste trabalho, a transliteração do artigo obedecerá a essa marcação fonética, suprimindo o “l” e dobrando a letra posterior ao artigo. Por exemplo: الشرتوني / aš-Šartūnī.
4. Os nomes próprios árabes também serão transliterados, com exceção do nome do autor Germanos Farhat.
5. As palavras transliteradas aparecerão em *itálico*, com exceção dos nomes próprios e do nome da obra “Baḥṭ al-maṭālib”, que se optou por manter apenas entre aspas.

## Sumário

Introdução .....	14
Capítulo I: Germanos Farhat e sua obra .....	17
1.1. <i>Sīrat</i> Germanos Farhat: a trajetória do monge e bispo arabista .....	17
1.2. A obra “Em busca das questões da língua árabe” e suas edições .....	25
Capítulo II: Tradução Comentada da “Introdução pelo Autor” e da seção “Das Frases” .....	49
2.1. A “Introdução pelo Autor” .....	50
2.2. A seção “Das Frases” .....	56
Considerações finais.....	78
Referências bibliográficas.....	80
ANEXO.....	83
Apêndice I.....	84
Apêndice II.....	88

## Introdução

A língua árabe é idioma oficial de 25 países, localizados no norte da África e no Oriente Médio. Embora tenha sido e seja ainda hoje majoritariamente difundido enquanto língua litúrgica do Islã, o idioma árabe e toda a sua riqueza é utilizado pelas mais diversas confissões religiosas, incluindo o cristianismo. Esta dissertação se concentrará na realidade dos maronitas, na Grande Síria.

*Bilād aš-Šam*, conhecida no Ocidente como Grande Síria, Síria Histórica ou Síria Natural, é uma região histórico-cultural do Oriente Médio que compreendia territórios do Líbano, Síria, Jordânia e Palestina, região também chamada de “Levante”. A Grande Síria sempre foi uma região de disputa por sua posição geográfica estratégica, importância econômica e relevância histórica. Dentre as várias questões inerentes à sua história, destaca-se o fato de ser o berço das três grandes religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islã.

A partir do anúncio do cristianismo no Levante, os mais diversos ritos foram surgindo e se estabelecendo nas comunidades nascentes, e se mantiveram por séculos com suas línguas e hábitos próprios de culto. Com o advento do Islã e o estabelecimento dos árabes na região, os cristãos tiveram de conciliar suas práticas culturais e ritos às novas condições estabelecidas. Uma das principais modificações trazidas pela dominação árabe foi a difusão e o uso de sua língua na região. De acordo com Khatlab (2009), embora houvessem tribos cristãs falantes do árabe na Síria e no Iraque, a maioria das comunidades era falante de variantes do siríaco<sup>2</sup>.

Uma das comunidades cristãs nascidas na região é a Igreja Maronita, fundada no século V. Estabelecida em torno do monastério construído inspirado no modelo de vida de São Maron, a Igreja Maronita é uma das principais Igrejas Particulares Católicas do Oriente. O siríaco é sua língua litúrgica e língua materna do próprio São Maron, sendo, pois, considerada também a língua mãe da comunidade, o que se manteve mesmo no Império Bizantino. Com a chegada dos muçulmanos da Península Arábica, o árabe passou a ser o idioma oficial do

---

<sup>2</sup> Segundo Teule (2012), o siríaco é uma língua semítica que surgiu por volta do século II em Edessa (cidade da antiga Mesopotâmia), como um dialeto do Aramaico, e teria se espalhado por várias regiões do Crescente Fértil. O siríaco surgido nessa época e que se tornou importante idioma literário é chamado Siríaco Clássico, em oposição aos dialetos que surgiram modernamente.

Levante e, com o passar dos séculos, começou a ser amplamente utilizado pelos maronitas, ainda que inicialmente o siríaco mantivesse o *status* de língua mãe.

Percebendo a inevitável presença da língua árabe no interior da comunidade maronita, personalidades eclesiais importantes como Dom Germanos Farhat (1670-1732) tomaram a iniciativa de produzir textos em árabe e traduzir escritos bíblicos para essa língua, bem como de promover o estudo formal e domínio da língua pelos maronitas, tornando-a parte da identidade da comunidade. De acordo com De Luca (2021), no entanto, isso também foi uma estratégia para reduzir a influência latina na Igreja Maronita, que, segundo Dīb (1971), vinha desde a chegada dos cruzados no século X.

Conforme Patel (2022), De Luca (2021) e Manāš (1904), Farhat foi um dedicado pastor e estudioso, tendo uma vida intelectual frutífera que contribuiu substancialmente para a adoção do árabe no interior da comunidade maronita. Segundo os autores, uma das obras do autor foi “Baḥṭ al-maṭālib”, produção composta por três livros. Na obra, Germanos explicará os principais tópicos da gramática árabe e, em sua introdução a ela, dirá que seu objetivo é viabilizar um aprendizado descomplicado da língua pelos cristãos. O estudioso afirma ter criado um compêndio do que traziam os diversos livros de gramática disponíveis em sua época, utilizando como recurso didático a própria Bíblia e comparações com o siríaco.

De Luca (2021) argumenta que “Baḥṭ al-maṭālib” foi uma das obras mais importantes de Farhat, chegando a circular amplamente nas escolas otomanas e a contribuir na formação de importantes nomes da *Nahḍa*, fazendo com que o autor, conforme Patel (2022), possa ser considerado um dos predecessores do Renascimento Árabe. Assim, apresentar o autor e uma de suas obras mais expressivas contribui no entendimento do desenvolvimento da produção gramatical árabe na Grande Síria.

Destarte, os objetivos dessa dissertação são:

- (a) comparar as quatro edições encontradas, feitas por Tobia Mṭīnī (1857) – edição (1); Saʿīd aš-Šartūnī (1882) – edições (2) e (3); e Buṭrus al-Bustānī (1854) – edição (4);
- (b) fazer uma tradução comentada da “Introdução pelo Autor” e da seção “Das Frases”, do terceiro livro.

Esclarece-se que, por se tratar de uma obra não literária, a preocupação maior foi de apresentar um texto claro e de leitura fluida e, para isso, a tradução segue a proposta de harmonização apresentada por Caffaro (2018). Desse modo, os termos gramaticais foram harmonizados de modo a viabilizar seu entendimento a um leitor brasileiro.

Assim sendo, a dissertação contará com dois capítulos, a saber:

- (1) “Germanos Farhat e sua obra”: neste primeiro capítulo, será apresentado o autor – sua formação e produção – e a comparação das edições mencionadas, a fim de descrever a própria obra e marcar algumas particularidades do trabalho dos editores.
- (2) “Tradução comentada da ‘Introdução pelo Autor’ e da seção ‘Das Frases’”: já no segundo capítulo, haverá, para os dois trechos, os textos árabes lado a lado com as traduções, seccionados conforme a paragrafação da edição de aš-Šartūnī, seguidos dos comentários sobre cada passagem.

A edição escolhida como base para a tradução foi a edição (2), feita por aš-Šartūnī. Será comentada a opção por essa edição no capítulo II.



## Capítulo I: Germanos Farhat e sua obra

O domínio político exercido pelos árabes muçulmanos no Levante, a partir da tomada da região das mãos dos bizantinos, influenciou a dinâmica local não apenas entre os maronitas, mas entre as comunidades cristãs em geral. Nas palavras de Rhodes (2009, p. 5): “a mudança de poder que aconteceu no século VII levantou questões, destruiu paradigmas e redefiniu o Oriente de maneiras que ainda hoje podem ser vistas”<sup>3</sup> (tradução nossa)<sup>4</sup>. Muitos cristãos acabaram se convertendo à nova religião ou mesmo emigrando para outras regiões, e os que permaneceram em sua terra natal mantiveram, com certas limitações, suas práticas religiosas nas línguas e ritos em vigor até o momento, enquanto se adaptavam à nova realidade cultural trazida pelos árabes nos contextos oficiais (Rhodes, 2009, p.11). Inevitavelmente, durante os séculos que se seguiram, a presença árabe muçulmana – com sua cultura, língua e religião – modificou as culturas locais. A partir de 1516, a Grande Síria foi ocupada pelos otomanos, algo que viria a se estender até o declínio do Império Otomano a partir de 1922. Nesse contexto de dominação otomana, nasce o maronita Jibrā’īl Ibn Farḥāt (1670-1732), que viria a se tornar Dom Germanos Farhat, bispo da Igreja Maronita de Alepo, em 1725.

### 1.1. *Sīrat* Germanos Farhat: a trajetória do monge e bispo arabista

Jibrā’īl Bin Farḥāt nasceu na vila de Hasrun– norte do atual Líbano – no ano de 1670. De acordo com Manāš (1904), Farhat nasceu em uma das mais importantes e prósperas famílias maronitas de sua época e se mudou com a família para Alepo ainda na sua infância.

A Igreja Maronita, ou a Igreja Siríaca Maronita de Antioquia, é uma das 23 Igrejas particulares *sui iuris* católicas<sup>5</sup>, de rito siríaco ocidental e sediada atualmente em Bkerké, Líbano. Suas origens remontam a São Maron, anacoreta que viveu entre o final do século IV e o início do século V. De acordo com Iskandar (2022), pouco se sabe sobre a vida do santo, a

---

<sup>3</sup> *The shift of power that happened in the seventh century raised questions, destroyed paradigms and redefined the East in ways that can still be seen today.*

<sup>4</sup> Todas as traduções presentes nessa dissertação são tradução nossa.

<sup>5</sup> São Igrejas autônomas, ou seja, não dependentes da Igreja Latina (ocidental), mas estão em comunhão com Roma (o Papa), sendo, pois, católicas.

não ser que viveu no atual Líbano, era falante do siríaco e levou uma vida de rigorosa ascese, o que o tornou conhecido e aclamado como santo ainda em vida. Após sua morte, por volta do ano 410, seu corpo foi sepultado próximo à Apamea – nas proximidades da atual Hama, nas margens do rio Orontes. Neste local, foi construído um mosteiro, onde os seus discípulos se estabeleceram e mantiveram seu estilo de vida. Esse mosteiro é considerado como o berço da Igreja Maronita, embora aos poucos ela tenha se expandido.

Durante o milênio que se seguiu desde o surgimento da Igreja Maronita até o século XVII, diversos foram os acontecimentos que marcaram a sua história, seja na relação com o Império Bizantino, com o Império Otomano, com os cruzados ou com os próprios árabes muçulmanos. Segundo Iskandar (2022), no início do processo de arabização da região da Grande Síria, os maronitas se concentravam no Monte Líbano, ou seja, mais isolados. Isso fez com que a influência árabe fosse chegando mais lentamente à comunidade, o que explica o uso do siríaco pelos seus membros mesmo séculos depois da chegada dos árabes. Ao longo do milênio que se seguiu, no entanto, foi inevitável a grande influência árabe na comunidade, conforme será visto neste capítulo.

Segundo Patel (2022), a geração de Jibrā'īl foi a primeira, dentre as famílias importantes, a receber uma educação completa, nas várias ciências. De acordo com De Luca (2021), o Império Otomano até o século XIX deixava a cargo das instituições religiosas a educação de sua comunidade. A primeira escola maronita, no entanto, foi fundada somente no início da década de 1670, com a chegada de professores maronitas advindos do Colégio Maronita de Roma (De Luca, 2021, p. 472), o que explica a geração de Jibrā'īl ter sido a primeira a ter acesso a uma educação institucional desde o início da dominação otomana.

Seus estudos se iniciaram quando entrou aos sete anos na Escola Maronita<sup>6</sup>, em Aleppo, sendo bem-sucedido nos estudos (Manāš, 1904, p.51). Patel (2022) explica que Farhat era especialmente hábil e interessado nas áreas linguística e literária, começando pelos estudos de siríaco e árabe, seguindo, a partir dos doze anos, para o latim, grego e italiano. A língua árabe viria a cativá-lo de tal modo que, aos quatorze anos, se aprofundou nos estudos do árabe – língua e literatura – com o famoso estudioso muçulmano Sulaymān Ibn-Walīd Ibn-

---

<sup>6</sup> Manash (1904) e Patel (2022) trazem o termo الماروني الكتّاب/*al-kuttab al-marūnī* que pode ser traduzido como “Escola Maronita”

Abd Al-Qādir, alcunhado de xeique Sulaymān, o Gramático. Patel (2022) argumenta, ainda, que provavelmente Sulaymān lecionou na Escola Maronita de Aleppo, o que nos permite inferir que a geração do jovem Farhat, além de ter sido a primeira a se beneficiar com a sólida instrução oferecida pela escola recém fundada, inaugurou o período de maior abertura da comunidade maronita ao estudo sistemático do árabe.

A presença de Sulaymān no corpo de professores da Escola Maronita mostra que o conhecimento da língua árabe ainda era dominado majoritariamente pelos muçulmanos, embora não exclusivamente. Aos dezesseis anos, Jibrā'īl inicia seus estudos de retórica e prosódica árabes com aquele que viria a ser seu mais influente professor: o maronita Ya'qūb Ad-Dibṣī (Patel, 2022, p.44). Por fim, aos dezenove anos, terminou seus estudos, habilitado em lógica, filosofia, oratória, história, teologia e com algum conhecimento das ciências naturais, tendo como principal mentor Buṭrus At-Tūlāwī, que também conheceu na Escola Maronita de Aleppo (Patel, 2022, p.45).

Manāš (1904) diz que Jibrā'īl mostrava sinais de sua vocação monástica desde muito jovem, tendo sua mente e espírito inclinados mais às questões de sua fé do que à vida familiar ou mesmo aos negócios de seu pai. Aos 20 anos de idade, conheceu a vida ascética e decidiu tornar-se monge. Segundo Patel (2022), tomou o hábito de monge em 1693 e, em 1694, mudou-se com um pequeno grupo de monges para Ehden, no norte do Líbano. No local – conhecido como Vale do Qadīša<sup>7</sup> –, fundaram um novo mosteiro, de Santa Maura, com a benção do patriarca Iṣṭfān Ad-Duwayhī. Jibrā'īl chegou a gerir o novo mosteiro e se tornou oficialmente abade após ser ordenado padre em 1697. De acordo com Salīm Dakkāš (2001), um dos companheiros do jovem monge Jibrā'īl foi o Padre 'Abdullah Qarā'alī, que dizia: “ele era perspicaz, determinado, dono de conhecimento firme, um filósofo hábil e um poeta criativo” (p.3)<sup>8</sup>.

Manāš (1904) diz que o Líbano foi particularmente fecundo para o estabelecimento da vida monástica, com diversas figuras que se tornaram muito conhecidas e admiradas, a começar pelo próprio São Maron. Foi tomando essas figuras de exemplo que Farhat encabeçou a fundação do monastério de Santa Maura: “então quando Deus quis reunir os ensinamentos desses monges e eremitas em uma única comunidade, o jovem Jibrā'īl escolheu

<sup>7</sup> Literalmente “Vale Santo”. O adjetivo *qadīša* é de origem siríaca.

<sup>8</sup> *إنه كان حاد المزاج، بليغ الهممة، ذا علم راسخ، فيلسوفاً ماهراً وشاعراً مطلقاً*

assumir o fardo desse sério trabalho. Revelou isso aos seus virtuosos companheiros e quinze jovens foram receptivos ao seu convite” (MANĀŠ, 1904, p.55)<sup>9</sup>.

O modelo de vida ascética praticado pelos monges e eremitas remonta aos primórdios do cristianismo e trata-se de uma vida de duras privações e intensa oração. Os que escolhem a ascese podem viver em mosteiros afastados, com uma vida comunitária de orações e trabalho – que são os monges; ou, no caso específico da região do Monte Líbano, a vida solitária nas inúmeras cavernas do monte: “e alguns preferem o isolamento completo, então passam a vida solitários nas cavernas esculpidas nas sólidas rochas” (MANĀŠ, 1904, p.55)<sup>10</sup> – que seriam os eremitas. A proposta de Jibrā’īl mesclava elementos das duas propostas de vida.

A trajetória de vida religiosa do jovem monge foi marcada por diversas mudanças. Chegou a deixar o monastério de Santa Maura, por divergências internas, e se juntou a um grupo de missionários europeus jesuítas em Zǧarta, onde lecionou matérias diversas para jovens cristãos. Patel (2022) ainda afirma que

Segundo Brustad, é provável que o tempo que Farhat passou ensinando os jovens de Zgharta tenha influenciado a direção que seus escritos iriam tomar, pois quando ele retornou à vida monástica em 1705, como abade do mosteiro de Santo Eliseu, o Profeta, começou a produzir materiais pedagógicos sobre língua e literatura árabes (p.45)<sup>11</sup>.

Assim, Farhat iniciou sua empreitada na elaboração de materiais didáticos de ensino do árabe por constatar que essa era uma necessidade da comunidade cristã, especialmente dos maronitas, comunidade majoritária no Monte Líbano. No entanto, não se tratava de uma necessidade surgida repentinamente.

Patel (2022) salienta que a língua siríaca ainda se mantinha como língua litúrgica até os primórdios do século XVIII. Internamente à comunidade maronita, também era uma língua que circulava fortemente, pois era parte da identidade da comunidade, que havia se originado no século V no Monte Líbano entre os falantes de língua siríaca. No entanto, como dito anteriormente, o domínio árabe muçulmano a partir do século VII fez prevalecer a língua

<sup>9</sup> الخطير فلما شاء الله ان يجمع كلمة هؤلاء الرهبان والنسك إلى الجامعة واحدة خار جبرائيل الشاب أن ينهض بأعباء هذا العمل فكاشف به اترابه الصلحاء فانقاد لدعوته خمسة عشر شابا.

<sup>10</sup> والبعض الآخر يفضلون العزلة التامة فيقبضون الحياة منفردين في المغاور المنحوتة في الصخور الصماء.

<sup>11</sup>According to Brustad, it is likely that the time Farhāt spent teaching the youth of Zgharta influenced the direction his writings would take, for when he returned to monastic life in 1705, as abbot of the monastery of St Eliseus the Prophet, he began to produce pedagogical materials on Arabic language and literature.

árabe na vida civil e contextos oficiais, mesmo durante o império turco-otomano. Essa influência da língua árabe na comunidade maronita desde a chegada dos árabes se comprova pelo que Sanchéz (2013) traz a respeito dos documentos oficiais maronitas no século VII: são escritos em *karšūnī*<sup>12</sup>, árabe escrito em alfabeto siríaco. O autor também afirma que tentaram utilizar o árabe nos documentos sinodais. Segundo Jabre-Mouadwad (2012), a comunidade maronita nessa época falava um dialeto árabe particular, com forte influência do siríaco, e levanta a hipótese de que o uso do alfabeto siríaco era para que os muçulmanos não fossem capazes de ler os documentos da Igreja Maronita.

Outro indício de que a comunidade já estava em processo avançado de arabização era a demanda pela tradução da Bíblia para o árabe. Em 1620, foi criada em Roma uma comissão para a tradução integral das Sagradas Escrituras para o árabe, formada por especialistas orientais e ocidentais, supervisionados pelo maronita Dom Sarkis Ibn-Musa (Khatlab, 2009, p.75). Décadas depois, em 1671, foi divulgada a primeira versão integral da Bíblia em árabe, considerando que, em 1628, o diácono maronita Ibrāhīm Al-Ḥāqilānī<sup>13</sup> já havia traduzido alguns de seus livros.

De acordo com Rosella de Luca (2021), na época de Farhat, a dinâmica comercial, que crescia em torno do comércio da seda em detrimento da predominância das atividades agrícolas, exigiu que os cristãos emigrassem do Monte Líbano para as cidades. Isso também exigiu a ampliação de instituições de ensino para a comunidade para o amplo aprendizado das ciências, inclusive literárias e linguísticas árabes (De Luca, 2021, p. 472). Isso sem dúvidas acelerou o processo de arabização dos maronitas.

Farhat quis fornecer meios para que os maronitas aprofundassem seus conhecimentos em árabe, trabalho este que se iniciou em 1705 e se intensificou após ser sagrado bispo, em 1725, com o nome de Germanos (De Luca, 2021, p. 472). Citando novamente Patel (2022), Germanos já como bispo fundou uma “Academia Científica”, com o intuito de planejar e executar o processo de mudança da Liturgia Maronita, que agora passaria a incorporar o árabe. Esse grupo também se encarregou da tradução de textos cristãos para o árabe, bem como da correção de antigos documentos.

---

<sup>12</sup> Ou “garšuni”, pensando na pronúncia em siríaco – ܟܪܫܘܢܝܐ .

<sup>13</sup> Latinizado como Abraham Ecchellensis, filósofo e linguista católico maronita (1605-1664).

Segundo Rosella de Luca (2021, p. 474),

Sua preocupação em dominar a língua árabe em sua forma mais refinada foi uma resposta aos debates internos entre os maronitas sobre o uso do siríaco e à presença de missionários jesuítas no Levante<sup>14</sup>.

Ou seja, Dom Germanos investiu na promoção do estudo formal do árabe pelos maronitas, porque era evidente que essa era a língua de uso majoritário. Farhat, no entanto, teve uma motivação a mais em seus estudos. Seus esforços provavelmente também foram uma maneira que o bispo encontrou de reduzir a latinização promovida pelos missionários jesuítas na região, que construíam escolas que competiam com as locais.

É importante frisar, entretanto, que o estudioso não foi o primeiro a reconhecer que era inevitável o uso do árabe pelos cristãos, inclusive na própria liturgia. A Igreja Melquita<sup>15</sup>, por exemplo, havia incorporado a língua em trechos de sua liturgia já no século IX. Há ainda o Rito Moçárabe, como nos lembra Telles e Souza (2012). Este é um rito medieval surgido na Península Ibérica durante a ocupação muçulmana na região, que misturava elementos da cultura romana, árabe e visigótica. Também é válido lembrar que o siríaco ainda se mantém na comunidade e liturgia maronitas, embora atualmente de modo menos expressivo que o próprio árabe, restringindo-se a algumas orações e cânticos.

Germanos, então, foi dando seguimento aos seus esforços de incorporar o árabe mais profundamente em sua comunidade, intensificando, assim, o processo de arabização de seus membros. Segundo De Luca (2021), ele chegou a traduzir inúmeros textos siríacos para o árabe, livros espirituais jesuítas europeus, e, ainda, trabalhou na tradução árabe do Novo Testamento. De acordo com Salīm Dakkāš (2001), Farhat buscava escrever com uma linguagem acessível. Em suas próprias palavras: “esse autor caracteriza-se pelo seu estilo linguístico suave e fácil” (p.4)<sup>16</sup>. Enquanto seguia com seu trabalho, não deixou de continuar seus estudos da língua árabe, recorrendo, pois, ao famoso xeque Sulaymān, o Gramático (De Luca, 2021, p.475).

Para oferecer aos maronitas materiais de leitura em árabe sobre sua fé e contribuir para a arabização da comunidade, o bispo chegou não apenas a traduzir obras, mas também

---

<sup>14</sup> *His Preoccupation with mastering the Arabic language in its most refined form was a response to internal debates among the Maronites over the use of Syriac and a response to the presence of Jesuit missionaries in the Levant.*

<sup>15</sup> Outra das 23 Igrejas *sui iuris*, como a Maronita. É especialmente ligada à Síria.

<sup>16</sup> *يمتاز هذا المؤلف بأسلوبه اللغوي السلس والسهل*

a produzir diretamente na língua árabe. Foram diversas obras catequéticas, literárias e linguísticas. De cunho catequético, escreveu dezoito volumes de comentários aos Evangelhos, além de diversos livros de orações e materiais litúrgicos (Patel, 2022, pp. 47). Um de seus escritos espirituais mais conhecidos é o “Livro de Exercícios Espirituais”<sup>17</sup>. Consiste em um guia de práticas religiosas cristãs extraídas de obras siríacas e adaptadas nessa versão árabe pioneira.

No que se refere à produção literária, teve uma vasta gama de composições poéticas. O que há disponível é a obra “Antologia de Dom Germanos Farhat”<sup>18</sup>, de 1894, e que agrupa mais de 300 poemas de sua autoria. Suas poesias eram de inspiração cristã e versavam sobre os elementos de sua fé, como em:

Imóvel a Virgem Maria chora	بموقف مريم العذراء تبكي
Diante de seu unigênito pregado na Cruz	تجاه وحيدها فوق الصليب
Enlutada pelo agonizante filho único	تنوح على مصاب ابنٍ وحيدٍ
Consolando-o em sua aflição	وتسترذي المصاب عن المصيب

Ou como na pequena poesia a seguir:

Por amor Deus se fez homem	صار الإله بحبه متأنساً
Por Maria pois única esperança e porta	من مريم فهي الرجا والباب
Para salvar por sua morte o pecador cativo	ليخلص الخاطي الأسير بموته
E conduzir o homem tão-somente pó	ويؤمه الإنسان وهو تراب

Escreveu versos, ainda, sobre o monge e a vida monástica, sua vocação:

Aquele que se fez monge	إن من صار راهباً
É o mais ilustre em sua boa fama	فهو بالفضل أشهر
Em sua plena idade é virtuoso	عمره التام صالح
E o mais casto em sua pureza	وهو بالطهر أظهر

<sup>17</sup> كتاب الرياضة الروحية

<sup>18</sup> ديوان السيد جرمانوس فرحات. Disponível em <https://www.noor-book.com>.

Os versos de Farhat demonstram que ele era hábil não apenas nos estudos teóricos da língua árabe, mas também em seu uso literário.

No âmbito da produção não literária, uma de suas obras mais significativas, segundo Patel (2022, p.47), foi “O Discurso Derradeiro: sobre a Homilia”<sup>19</sup>. Este foi “um manual pedagógico sobre oratória, que ele diz ter escrito ‘por causa da ausência entre os árabes da oratória e da pregação como uma forma de arte com regras definidas’” (p.47)<sup>20</sup>. Ainda de acordo com o autor, essa obra foi pioneira na língua, ao tratar da oratória como uma disciplina separada e usar exemplos extraídos do próprio Evangelho. Escreveu também um dicionário intitulado “Estatutos da flexão na Língua dos Árabes”<sup>21</sup>, cuja edição impressa de Rašīd Ad-Dahdah (1813-1889) encontra-se, segundo Patel (2022), disponível na Biblioteca Nacional da França. Farhat elaborou ainda duas obras gramaticais proeminentes: a primeira trata-se de uma gramática completa, sendo cada capítulo indicado por uma letra do alfabeto<sup>22</sup>; e a segunda, escrita em 1705, intitulada “Em busca de questões da língua árabe”, abordando os principais aspectos gramaticais e sintáticos da língua árabe. Esta última é o objeto da nossa pesquisa.

Então, em 1732, após décadas de trabalho, falece o bispo de Alepo, Dom Germanos Farhat, deixando os frutos de seu trabalho que já começavam a ser colhidos no fim de sua vida, com o início do uso do árabe na liturgia maronita. Assim, ao favorecer o processo de arabização dos maronitas, Germanos também contribuiu para a produção intelectual em árabe como um todo.

Como foi mencionado anteriormente, as mudanças nas atividades comerciais levaram ao êxodo dos maronitas do Monte Líbano para as cidades, o que viria a se intensificar nos séculos XVIII e XIX. Fazia-se necessário, assim, a criação de novas escolas que atendessem às demandas da classe mercantil que nascia. Cabem, no entanto, algumas questões feitas por De Luca (2021):

Uma consequência direta do florescimento das escolas em todo o Império no século XIX foi a necessidade de ferramentas de ensino. Que materiais foram usados para esses livros? De acordo com quais critérios foram

<sup>19</sup> *فصل الخطاب: في الوعظ*. Disponível em <https://www.noor-book.com/book/review/419136>

<sup>20</sup> *A pedagogical manual on oratory, which he says he wrote 'because of the absence among Arabs of oratory and preaching as an art form with definitive rules'.*

<sup>21</sup> *أحكام باب الإعراب عن لغة الأعراب*. Disponível em:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k498005/f1.item>

<sup>22</sup> Disponível em <https://www.loc.gov/resource/amedscd.2013415546/?sp=1&st=gallery>.



selecionados os livros didáticos para os currículos escolares no século XIX? (p. 472)<sup>23</sup>.

A própria autora responde: um dos materiais mais divulgados nas escolas maronitas que surgiram na época foi “Em busca das questões e do estímulo ao estudante” ( بحث المطالب / وحث الطالب / *Baḥt al-maṭālib waḥat aṭ-ṭālib*)<sup>24</sup>, encontrado sob o título de “Em busca das questões da língua árabe” ( بحث المطالب في علم العربية / *Baḥt al-maṭālib fī ʿilm al-ʿarabiya*)<sup>25</sup>, obra escrita por Germanos em 1705 e objeto de nossa pesquisa.

## 1.2. A obra “Em busca das questões da língua árabe” e suas edições

Manāš (1904) diz que Farhat escreveu a primeira versão dessa obra em 1705 sob o título de “Em busca das questões e do estímulo ao estudante” ( بحث المطالب وحث الطالب / *Baḥt al-maṭālib waḥat aṭ-ṭālib*), o que é confirmado pelo próprio Germanos na sua introdução à obra ao dizer: “eu a chamei [a obra] de ‘Em busca das questões e do estímulo aos estudantes’” (p.6)<sup>26</sup>.

Desta obra, existem quatro edições disponíveis gratuitamente, sobre as quais tratará essa dissertação mais adiante. A obra se organiza da seguinte forma:

- Introdução (مقدمة / *muqaddma*), com explicações sobre o alfabeto e as vogais breves árabes;
- Livro Primeiro (الكتاب الأول / *al-kitāb al-ʿawwal*): Da Flexão dos Verbos ( في تصريف / *fī taṣrīf al-ʿafʿāl*);
- Livro Segundo (الكتاب الثاني / *al-kitāb at-tānī*): Da Flexão dos Nomes ( في تصريف / *fī taṣrīf al-ʿsmāʾ*);
- Livro Terceiro (الكتاب الثالث / *al-kitāb at-tālīt*): Sintaxe (النحو / *na-naḥū*).

<sup>23</sup>A direct consequence of the flourishing of schools throughout the Empire in the nineteenth century was the need for teaching tools. What materials were used for these books? According to which criteria were textbooks selected for school curricula in the nineteenth century?

<sup>24</sup> *The Pursuit of the Questions and the Encouragement of the Student*

<sup>25</sup> Literalmente “Investigação das questões na ciência do árabe”

<sup>26</sup> وسميته بحث المطالب وحث الطالب

Cada livro é dividido em “Seções” (أقسام / *’aqsām*) que, por sua vez, são internamente divididas em “Investigações” (بحوث / *buhūt*), sendo que cada investigação é dividida em “Tópicos” (مطالب / *maṭālib*).

- Conclusão (خاتمة / *ḥātma*), em que autor discute sobre os casos na sintaxe árabe.

De acordo com De Luca (2021), “Baḥṭ al-maṭālib” teve diversas cópias feitas à mão, antes de ser impressa pela primeira vez em 1836, na gráfica protestante de Malta, sob esse título de “Em busca das questões da língua árabe”.

Quanto às edições, foi possível rastrear quatro, descritas resumidamente a seguir:

- (1) cópia manuscrita de 1857<sup>27</sup>, feita por Tobia Mṭīnī;
- (2) edição impressa pelos missionários jesuítas em Beirute, em 1882<sup>28</sup>, feita por Saʿīd aš-Šartūnī;
- (3) edição impressa pela Livraria do Líbano Editores, sem data<sup>29</sup>, também feita por Saʿīd aš-Šartūnī; e
- (4) uma edição organizada por Buṭrus al-Bustānī, de 1854, sob o título de “O Livro Farol do Estudante na Investigação dos Tópicos”<sup>30</sup> (كتاب مصباح الطالب في بحث المطالب / *kitāb mišbāḥ aṭ-ṭālib fī baḥṭ al-maṭālib*).

<sup>27</sup> Disponível em:

<https://www.wdl.org/pt/item/7058/#contributors=Far%E1%B8%A5%C4%81t%2C+Jirm%C4%81n%C5%ABs%2C+1670+or+1671-1732+or+1733>

<sup>28</sup> Disponível em:

<https://www.noor-book.com/%D9%83%D8%AA%D8%A7%D8%A8-%D8%A8%D8%AD%D8%AB-%D8%A7%D9%84%D9%85%D8%B7%D8%A7%D9%84%D8%A8-%D9%81%D9%8A-%D8%B9%D9%84%D9%85-%D8%A7%D9%84%D8%B9%D8%B1%D8%A8%D9%8A%D9%87-pdf>

<sup>29</sup> Disponível em:

<https://www.noor-book.com/%D9%83%D8%AA%D8%A7%D8%A8-%D8%A8%D8%AD%D8%AB-%D8%A7%D9%84%D9%85%D8%B7%D8%A7%D9%84%D8%A8-%D9%81%D9%8A-%D8%B9%D9%84%D9%85-%D8%A7%D9%84%D8%B9%D8%B1%D8%A8%D9%8A%D9%87-pdf-1614144287>

<sup>30</sup> Disponível em [https://archive.org/details/qnlhc\\_12920\\_en/page/n3/mode/2up?view=theater](https://archive.org/details/qnlhc_12920_en/page/n3/mode/2up?view=theater)

Edição (1):



Figura 1 - Primeiras páginas da edição (1).

A edição (1), ilustrada na Figura 1, não apresenta folha de rosto, sendo a página posterior à capa a “Introdução pelo Autor” (مقدمة للمؤلف / *muqaddma lilmū'alif*), seguida do “Índice” (فهرس / *fihris*). Após o índice, há o conteúdo central da obra organizado conforme mencionado acima: “Introdução”, “Livro Primeiro”, “Livro Segundo”, “Livro Terceiro” e “Conclusão”, sendo que cada livro é dividido em seções, investigações e tópicos, conforme também supracitado. Por fim, há um breve *post scriptum*, exibido na Figura 2, que nos permite saber que o manuscrito data de 1857 e que o copista foi um sacerdote libanês, de nome Tobia Mtīnī, e que a cópia foi diretamente a partir do original.

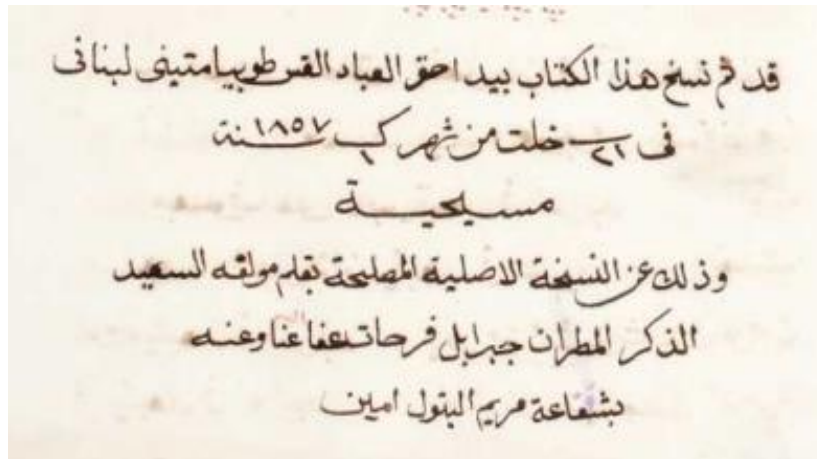


Figura 2 - Post scriptum da edição (1).

Será discutido mais adiante que as outras edições têm um elemento pós textual destinado a corrigir os equívocos que por ventura foram cometidos na cópia da obra. Por se tratar de um manuscrito, Tobia Mtīnī, no entanto, teve liberdade de fazer correções na própria margem das páginas, em forma de glosas<sup>31</sup>, conforme o exemplo da Figura 3.



Figura 3 - Exemplo de glosa à margem, na edição (1).

<sup>31</sup> Nesse trecho do “Livro Segundo” – que trata da morfologia dos nomes –, o autor estava enumerando os casos em que o uso da letra *hā’* ao final do nome é facultativo. Aparentemente, ele pulou um trecho enquanto copiava o texto, tendo decidido acrescentá-lo ao lado.

## Edição (2)

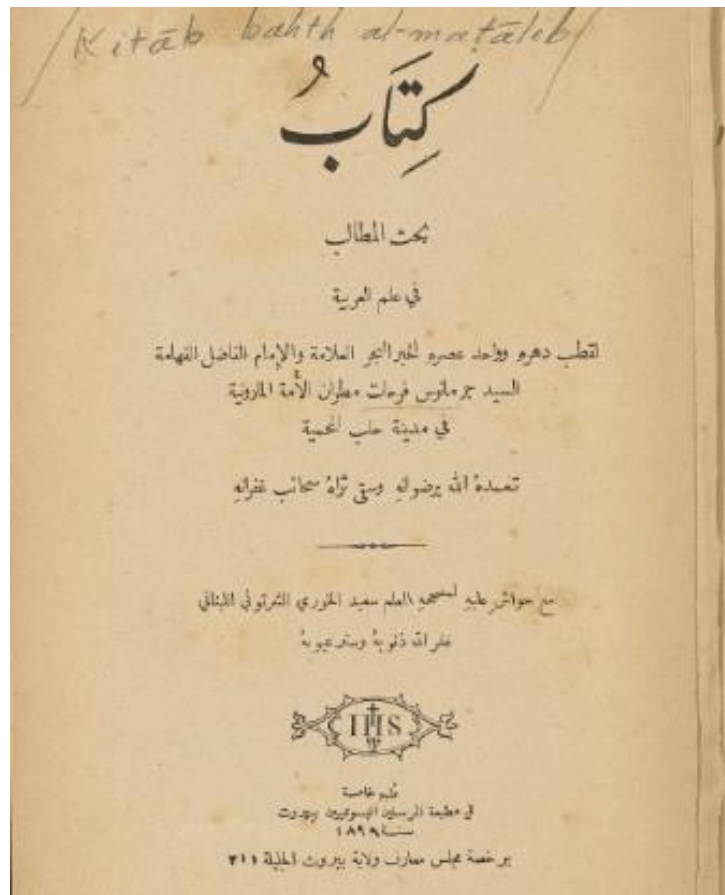


Figura 4 - Folha de rosto da edição (2).

A edição (2) é impressa. A sua folha de rosto, exibida na Figura 4, nos diz que se trata da quinta edição, impressa em 1899, pela Editora dos Missionários Jesuítas. Informa, ainda, que há notas feitas pelo Professor Saʿīd aš-Šartūnī (1847-1912), poeta e gramático libanês. Em seguida, há: “Introdução pelo Editor” (مقدمة للمصحح / *muqaddma lilmuṣaḥiḥ*), do próprio aš-Šartūnī; “Introdução pelo Autor”; conteúdo central da obra; comentário *post scriptum* também do aš-Šartūnī; “Índice”; e “Nota” (تنبيه / *tanbīh*), também do Professor Saʿīd.

A obra é recheada de notas de rodapé, o que não acontece em (1). Em seu comentário *post scriptum*, aš-Šartūnī se identifica como autor das notas de rodapé e editor da obra, além de marcar a data como “meados de maio de 1882”, conforme a Figura 5.

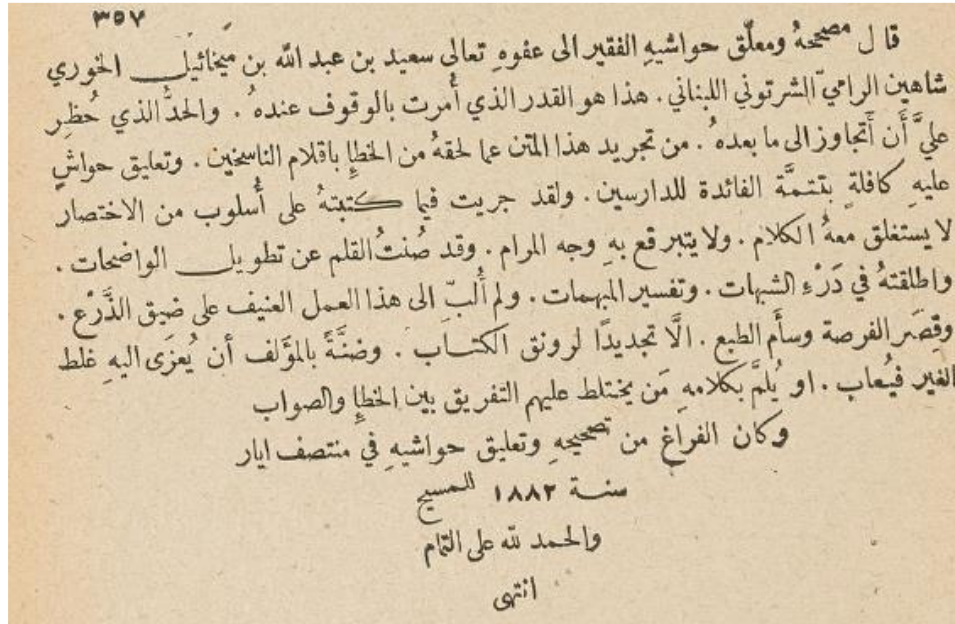


Figura 5 - Post scriptum da edição (2).

Ainda nesse comentário *post scriptum*, lê-se que o professor explica que, para escrever as notas de rodapé, usou “um método de concisão” (p. 357)<sup>32</sup>. Ele ainda acrescenta: “evitei que a pena alongasse o óbvio, mas a soltei para afastar ambiguidades e explicar obscuridades” (p. 357)<sup>33</sup>, o que nos diz que seus comentários se limitam a esclarecimentos sucintos. Explicações objetivas é também a metodologia que o próprio Farhat alega adotar em sua obra<sup>34</sup>, tratando do conteúdo “descartando as explicações enfadonhas e as exposições cansativas” (p.7)<sup>35</sup>. Isso mostra que o bispo pode ter influenciado a abordagem metodológica de ensino do árabe para os cristãos.

<sup>32</sup> أسلوب من الاختصار

<sup>33</sup> وقد ضنتُ القلم عن تطويل الواضحات وأطلقتُه في درء الشبهات وتفسير المبهمات

<sup>34</sup> O leitor talvez perceba que as explicações de Farhat não são tão simples ao menos ao leitor atual. Não cabe a esta pesquisa, no entanto, avaliar as explicações do estudioso, limitando-se apenas a mencionar o que o próprio autor diz de seu trabalho.

<sup>35</sup> [...] واهملت التعليقات المملة والاعتراضات المعلة



## Edição (3)

مَجْمَعٌ وَدِرَاسَةٌ فِي النُّجُومِ الْعَرَبِيِّ  
 بَحْثُ الْمَطَالِبِ  
 فِي  
 عِلْمِ الْعَرَبِيَّةِ

تَرْجُومَةٌ...  
 • فِهْرَسُ هِجَائِيَّةٍ بِالْمَوَادِّ  
 • حَوَاشِي لِلْعِلْمِ سَعِيدِ الشَّرْتُونِيِّ  
 • قَامُوسُ عَوَامِلِ الْإِعْرَابِ

مَكْتَبَةُ لُبْنَانَ نَاشِرُونَ

Figura 6 - Capa da edição (3).

A edição (3), cuja capa é apresentada na Figura 6, foi impressa pela *Maktabat Lubnan Nachirūn* (Livraria do Líbano, Editores)<sup>36</sup>. Não há informações sobre a data, mas se sabe que essa editora foi fundada em 1944<sup>37</sup>, portanto foi no mínimo posterior a esse ano. Essa edição é bastante similar a (2), se organizando da seguinte forma após a folha de rosto: elemento pré-textual com comentários do editor sobre a obra; “Introdução pelo Editor”; “Introdução pelo Autor”; comentário *post scriptum* do editor; “Nota”; “Dicionário dos Componentes da Sintaxe” (قاموس عوامل الإعراب / *qāmūs ‘awāmil al-’i‘arāb*); “Índice”; e “Índice Alfabético das Matérias” (فهرس هجائي بالمواد / *fihris hajā’i bilmwādd*). Esta edição traz também as notas do Sa’īd aš-Šartūnī – conforme informações na folha de rosto – a “Introdução pelo Editor” e o

<sup>36</sup>Conhecida também pelo nome *Librairie Du Liban Publishers*, ou pela abreviatura LDLP.

<sup>37</sup> Conforme sítio eletrônico da própria empresa <https://www.sayeghonline.com/>. Última visita em 10/05/2022, às 13:30.

comentário *post scriptum*, todos idênticos aos da edição (2). Ou seja, o editor em (3) é o próprio aš-Šartūnī, assim como em (2).

No alto da folha de rosto, antes do título, consta “Léxico e Estudo em Sintaxe Árabe” (معجم ودراسة في النحو العربي / *muʿjam wadirāsa fī an-naḥū al-ʿarabī*). Já na parte inferior da página, há informações do que essa edição tem de adicional, conforme a Figura 7.

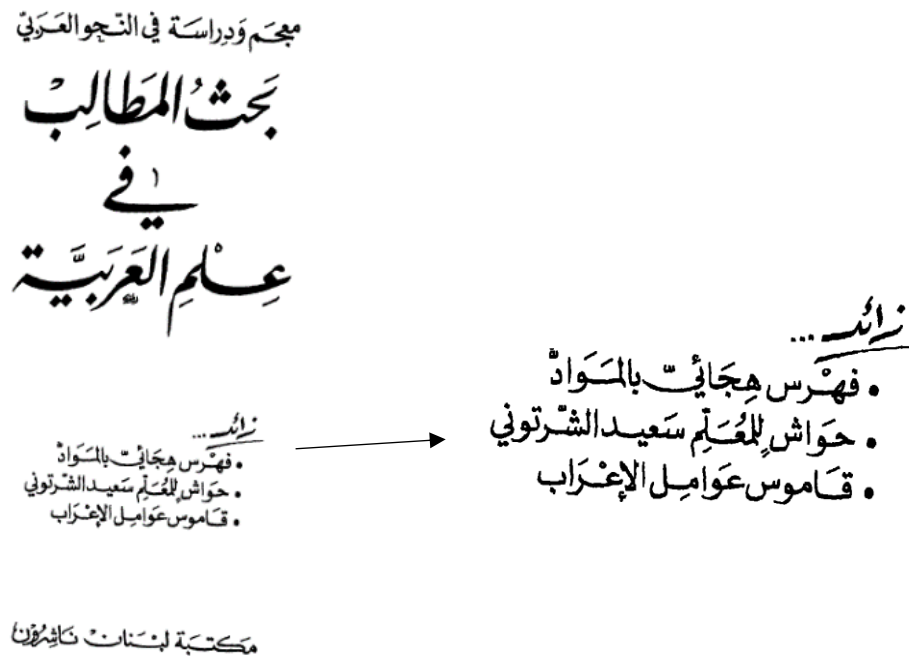


Figura 7 - Destaque, na capa, dos elementos adicionais na edição (3).

De acordo, pois, com seus organizadores, além da obra do Germanos propriamente dita, há: “Índice Alfabético com as Matérias”; “Notas do mestre Saʿīd aš-Šartūnī”; e “Dicionário dos Componentes da Sintaxe”.

Ao comparar o índice das edições (2) e (3) com a (1), que é manuscrita, percebe-se que se diferenciam desta última por não arrolar os tópicos (وأقسامها / *waʿaqsāmuhā*), mostrando uma interferência da parte dos editores no que se refere à organização, como pode-se observar nas imagens abaixo:



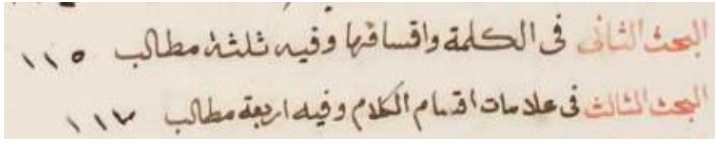
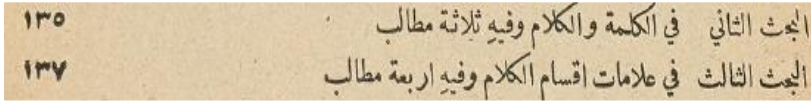
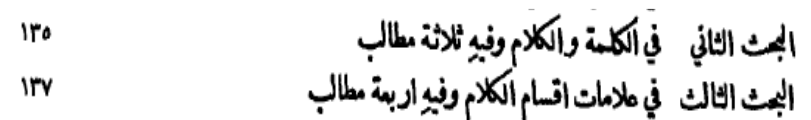
- (1) [Manuscrito] 
- (2) 
- (3) 

Figura 8 - Comparação de um mesmo trecho nos índices das edições (1), (2) e (3).

Todas as três edições – assim como a (4), que será mencionada a seguir – mantiveram o corpo do texto do Germanos – além da “Introdução pelo Autor” – sem alterar o número de livros, seções, investigações e tópicos, mas ligeiras diferenças textuais são percebidas, embora o conteúdo seja essencialmente o mesmo. Essa diferença será melhor discutida mais adiante. Provavelmente esse tipo de dessemelhança era comum entre os manuscritos e edições que circulavam, algo que aš-Šartūnī chamou de “erro das penas dos copistas”, e que, em seu comentário *post scriptum*, afirmou corrigir:

essa é a parte em que fui obrigado a parar, o limite que fui proibido de ultrapassar, de privar esse texto do que aconteceu a ele, do erro das canetas dos copistas, e comentar sobre isso em notas de rodapé provedoras de um benefício complementar aos estudantes (p. 357)<sup>38</sup>.

Em contrapartida, também foi necessária uma revisão à versão de 1882, sendo esta precisamente o conteúdo da “Nota” nos elementos pós-textuais. Nessa parte, provavelmente escrita pelo próprio aš-Šartūnī, seus equívocos na cópia do livro foram assinalados e corrigidos, conforme o exemplo na Figura 9.

وَأَنْ يَوْضِعَ بَعْدَ السُّطْرِ ١٠ مِنْ الصَّفْحَةِ ١٨٠ : الْمَطْلَبُ الثَّانِي  
فِي أَقْسَامِ نَائِبِ الْفَاعِلِ

Figura 9 - Trecho da “Nota”, da edição (3).

<sup>38</sup> هذا هو القدر الذي أمرت بالوقوف عنده والحد الذي حُظِرَ عليّ أن أتجاوز إلى ما بعده من تجريد هذا المتن عما لحقه من الخطأ! بأقلام الناسخين وتعليق حواش عليه كافة بتتمة الفائدة للدارسين

Neste trecho (Figura 9), sinalizou-se que deveria haver na linha 10 da página 180 o seguinte: “Tópico Segundo – Das Partes do Sujeito do Verbo Passivo”, determinando também a formatação, ou seja, subtítulo abaixo do título e ambos centralizados, em destaque. Assim são os títulos e subtítulos de todos os livros, seções, investigações e tópicos da obra. A “Nota” presente em (3) é a mesma presente em (2). No manuscrito (1), no entanto, esse descuido não acontece. Observando as imagens abaixo, é possível notar inclusive que o título e o subtítulo em (1) estão em destaque, no formato para o qual a própria errata acima retificou:

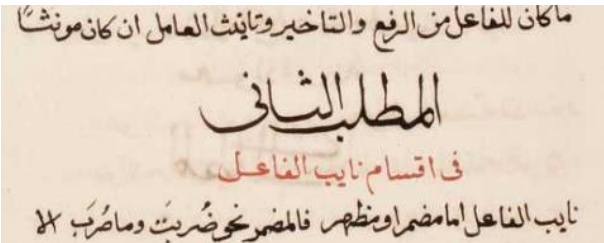
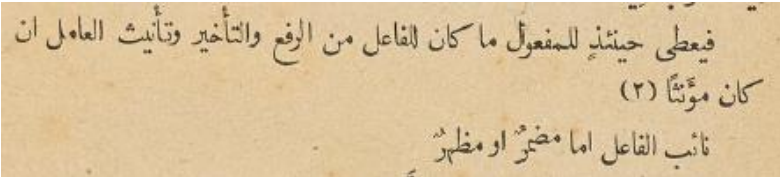
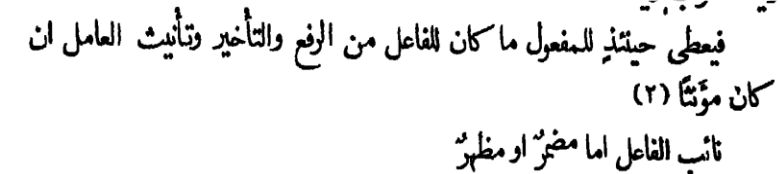
- (1)  [Manuscrito]
- (2) 
- (3) 

Figura 10 - Equívoco das edições (2) e (3), corrigido pela errata (Figura 9) que não consta na edição (1).

Depois dessa “Nota” (Figura 9), há um dos adicionais exclusivos dessa edição: o “Dicionário dos Componentes da Sintaxe”. Esse é um dicionário alfabético dos componentes gramaticais – em sua maioria partículas (حرف / *ḥarf*) – usados por Germanos no corpo de seu texto, com explicações dos seus significados e papel sintático numa frase. A título de ilustração, foi trazido neste trabalho a explicação de um dos componentes da letra ا (*alef*): a partícula أَجَلْ (*‘ajal*), que é “uma partícula de resposta com sentido de ‘sim’”, conforme abaixo:

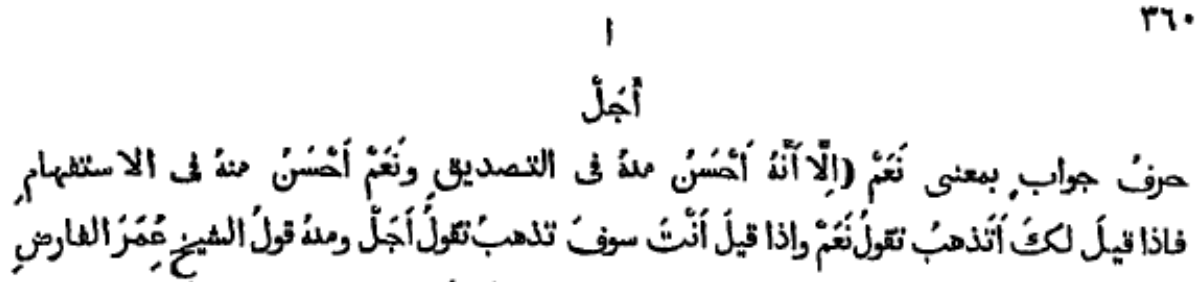


Figura 11 - Trecho do “Dicionário dos Componentes da Sintaxe”, da edição (3).

O último elemento pós-textual de (3) é o “Índice Alfabético com as Matérias”. Esse adicional, além de mostrar tudo o que é trabalhado por Farhat, facilita ao estudante fazer buscas de acordo com o assunto que deseja estudar, informando a página onde a matéria se encontra. Há, por exemplo, que الإبدال / *al-'ibdāl* (mudanças fonéticas) está na página 101, الاسم الموصول / *al-ism al-mawṣūl* (nomes relativos) na página 147, e أفعال التفضيل / *'af' al at-tafdīl* (paradigma de superlativo) na página 47, conforme Figura 12:

### فهرس هجائى بالمواذ

٤٧	أفعال التفضيل	١٤٧	الاسم الموصول	١٠١	الإبدال
----	---------------	-----	---------------	-----	---------

Figura 12 - Trecho do “Índice Alfabético com as Matérias”, da edição (3).

Um dos acréscimos mais interessantes, no entanto, é o elemento pré-textual com comentários do editor sobre a obra. Ele vai dizer que “‘Em busca das questões’ em sua nova edição é um léxico e um livro” (p.2)<sup>39</sup>, sendo um léxico por possuir o “Índice Alfabético com as Matérias” e o “Dicionário dos Componentes da Sintaxe”, e um livro por ser organizado como um, ou seja, em partes. O editor vai dizer, ainda, que esta é uma obra importante porque “fez uso da simplificação da sintaxe sem violar a integralidade da visão” (p.2)<sup>40</sup>, ou seja, Germanos simplificou as explicações sobre a sintaxe sem prejuízo de conteúdo, algo que o autor descreve na “Introdução pelo Autor” como: “eu demonstrei quais explicações são necessárias; e

<sup>39</sup> بحث المطالب بطبعته الجديدة معجم وكتاب

<sup>40</sup> وتوسل تيسير النحو دون الإخلال بشمول الرؤية

descartei o que nos causa estranheza” (p.6)<sup>41</sup>. Tal comentário é similar ao que o editor da edição (4), em sua introdução, afirma quanto à obra ser “notável por ser mais fácil do que mil livros de morfologia e sintaxe” (p. II)<sup>42</sup>. Isso mostra que Farhat fez um trabalho de fôlego, sintetizando com linguagem acessível e explicações descomplicadas os conteúdos da sintaxe árabe, característica esta que fez com que sua obra fosse tão promovida, conforme será mostrado mais adiante.

### Edição (4)

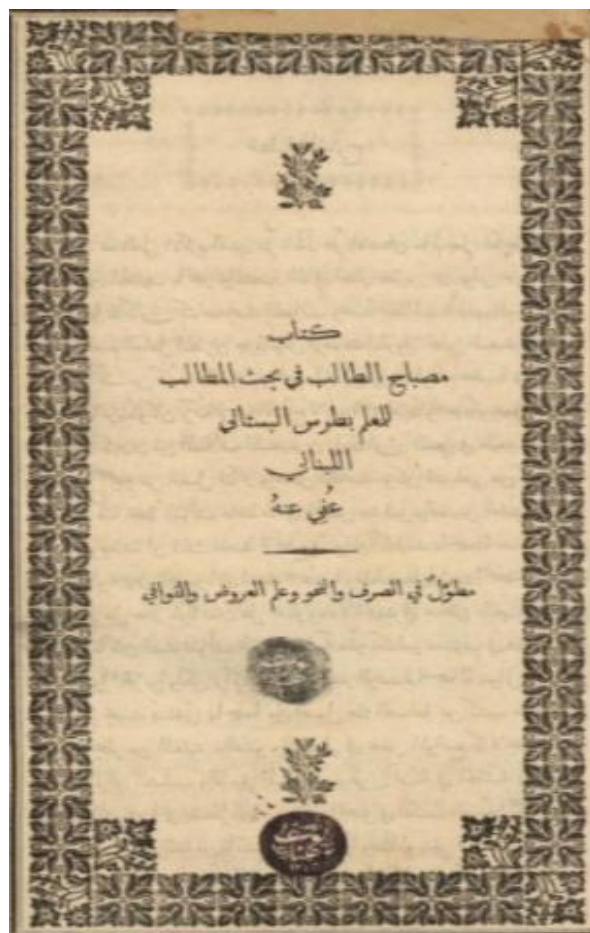


Figura 13 - Capa da edição (4) com o título “Farol do Estudante na Investigação dos Tópicos”.

A edição (4) encontra-se disponível sob dois possíveis títulos: “Farol do Estudante na Investigação dos Tópicos”<sup>43</sup> (Figura 13), e “Investigação dos Tópicos e Estímulo dos

<sup>41</sup> واثبت منها ما اثباته يلزمنا ونبت عنا ما هو غريب منا

<sup>42</sup> الذكر من أسهل ما ألف من كتب الصرف والنحو

<sup>43</sup> Link do site na nota 30.

Estudantes”<sup>44</sup> (Figura 14), que é na verdade o título dado por Germanos na primeira cópia de sua obra. No primeiro há o “Discurso do Comentarista” (خطبة الشارح / *ḥuṭbat aš-šāriḥ*) na íntegra. Já no segundo, é apresentado apenas a parte final do “Discurso do Comentarista”, no entanto há uma anotação manual que nos informa a data – 1854 – e a cidade – Beirute – da publicação, no canto inferior da página onde também está o título, conforme Figura 14.

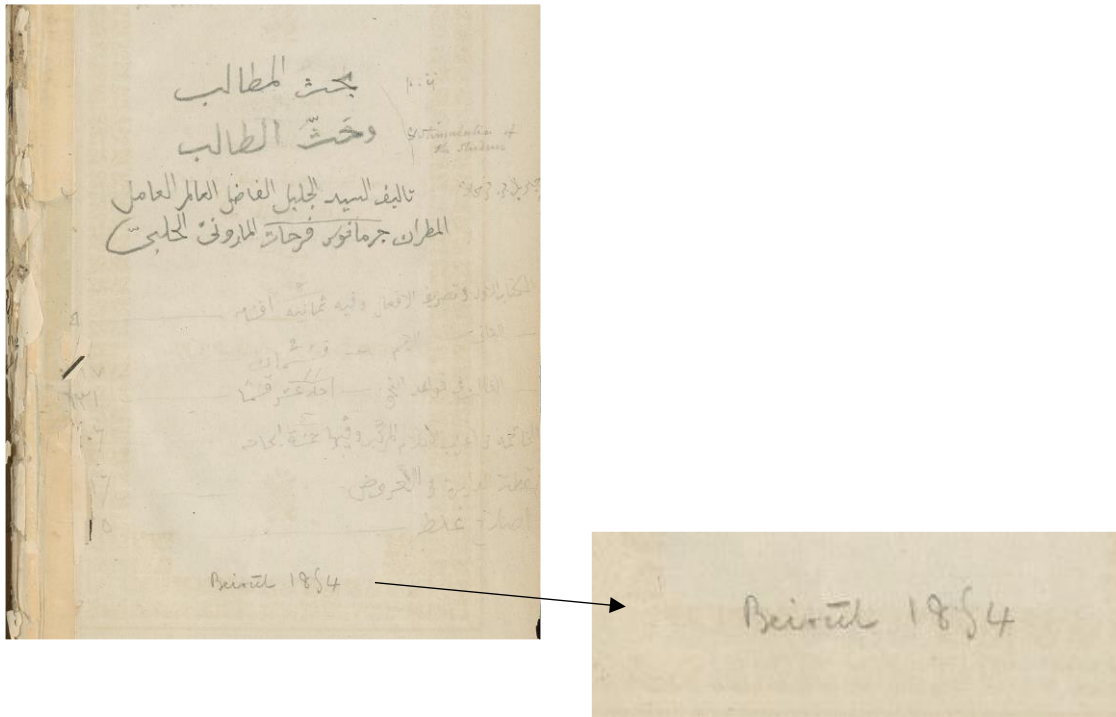


Figura 14 - Capa da edição (4) com o título “Investigação dos Tópicos e Estímulo dos Estudantes”.

Esta edição foi elaborada por Buṭrus al-Bustānī (1819-1883), notável escritor e estudioso libanês, e é organizada da seguinte forma: “Discurso do Comentarista”; “Discurso do Autor” (خطبة المؤلف / *ḥuṭbat al-mūʾalif*); “Índice do que incluiu esse autor, dos capítulos e do vocabulário” (فهرس ما تضمنه هذا المؤلف من الابواب والمفردات) / *fihris mā taḍmmanah haḍa al-mūʾalif min al-ʾabwāb wa al-mufradāt*); a obra do Germanos na íntegra; um ensaio sobre prosódia feito pelo próprio al-Bustānī; um comentário final também feito pelo Buṭrus; e a “Corrigenda” (اصلاح غلط / *iṣlāḥ ḡalaṭ*).

<sup>44</sup> Disponível em <https://www.noor-book.com/%D9%83%D8%AA%D8%A7%D8%A8-%D8%A8%D8%AD%D8%AB-%D8%A7%D9%84%D9%85%D8%B7%D8%A7%D9%84%D8%A8-%D9%88-%D8%AD%D8%AB-%D8%A7%D9%84%D8%B7%D8%A7%D9%84%D8%A8-884-pdf>

O “Discurso do Comentarista” tem a mesma função do “Introdução pelo Editor” de (2) e (3): introduzir a obra falando de sua importância e organização. É nesse trecho que Buṭrus afirma que a obra se destaca por ser de fácil entendimento, bem como que foi amplamente usada pelos estudantes:

A esmagadora maioria dos estudantes árabes recorreu a este livro, a primeira das compilações cristãs, devido à sua data próxima, à doçura da sua fonte, ao facto de conter o núcleo dos livros das gerações anteriores e de incluir um resumo dos escritos dos últimos (p. II)<sup>45</sup>.

Essa citação também mostra que a obra de Farhat é bem embasada nos estudiosos árabes consagrados. De Luca (2021) argumenta que Farhat estudou e avaliou por conta própria diversas fontes para elaborar sua obra. Isso se comprova quando, na “Introdução pelo Autor”, ele cita Ibn al- Ḥājib, Ibn Hišām e Ibn Mālek, importantes estudiosos da língua árabe.

Quanto ao “Discurso do Autor”, este é exatamente o mesmo texto da “Introdução pelo Autor” de (1), (2) e (3), apenas sob outro título. O índice que vem em seguida é similar ao “Índice Alfabético com as Matérias” em (3), mas as palavras não são as mesmas, conforme aparece na Figura 15:

إعراب الكلام	أسماء الأصوات	استثناء ٢٧٨	٢٩٢ و ٢٦٥
المركب ٤٠٧	١٧٢	استدراك ٢٢٢	٢٦٥

Figura 15 - Trecho do “Índice do que incluiu esse autor, dos capítulos e do vocabulário”, da edição (4).

Há, por exemplo, que o primeiro termo é o prefixo أ ('a) e não الإبدال (*al-'ibdāl*) (mudanças fonéticas).

<sup>45</sup> اقبال السواد الأعظم من طلبه العربية على هذا الكتاب باكورة التصانيف النصرانية نظرا إلى قرب مواعده وعدوبة مورده واحتوائه  
 نواب كتب المتقدمين وانطوائه على خلاصة تأليف المتأخرين



Então, segue-se a obra do Germanos em si, na íntegra, sem, inclusive, os mesmos equívocos da edição de aš-Šartūnī (edições (2) e (3)) (Figura 10), que havia sido corrigido pela “Nota” (Figura 9). Na Figura 16, o trecho mencionado.

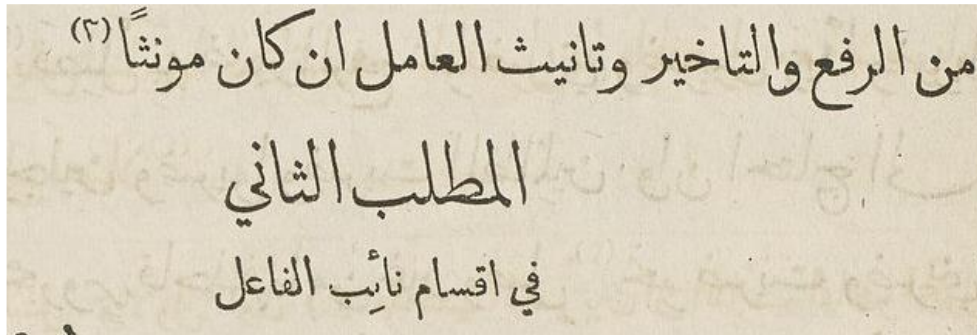


Figura 16 - Trecho da edição (4) correspondente ao exemplo da Figura 10, das outras edições.

Observa-se também que a edição (4) está esteticamente semelhante às outras edições: título e subtítulo centralizados, em destaque.

A maior mudança dentro do conteúdo principal da obra em relação às edições (2) e (3) são as notas de rodapé. Em sua edição, al-Bustānī faz seus próprios comentários às explicações de Germanos. Observando os comentários ao longo de toda a obra de ambos os editores – al-Bustānī e aš-Šartūnī –, nota-se que fizeram apontamentos diferentes sobre trechos distintos. Há, no entanto, passagens sobre as quais ambos acharam pertinente comentar e, nesses casos, os comentários podem ser similares. É o que acontece, por exemplo, no último tópico do segundo livro, que tem o seguinte subtítulo: “Da Permuta de uma letra por [outra] letra” (إبدال حرف من حرف / *fī ‘ibdāl ḥarf min ḥarf*). A primeira frase desse tópico é: “Escreve-se *al-hayawa*, *al-šalawa* e *al-zakawa*<sup>46</sup> com *waw* (w), mas lê-se com *alef* (a)” e a única diferença entre a edição do al-Bustānī e a do aš-Šartūnī é que o primeiro opta por marcar a maioria dos diacríticos, ao contrário do segundo. Ambos, contudo, decidem fazer um comentário sobre essa passagem:

<sup>46</sup> Respectivamente “vida”, “oração” e “esmola”.

تكتب الحيوة والصلوة والزكوة بالواو وتقرأ بالألف

	al- Šartūnī	al- Bustānī
Árabe	أَي فِي الْقُرْآنِ، وَلَكِنْ بِشَرَطٍ أَنْ لَا تَكُونَ مُضَافَةً أَوْ مَثْنَةً فَإِنَّهَا تُرْسَمُ بِالْأَلْفِ وَأَمَّا فِي غَيْرِ الْقُرْآنِ فَبَعْضُهُمْ يَرْسُمُهَا وَأَوًْا اسْتِحَابًا وَلَكِنْ الْكَثَرُونَ عَلَى رَسْمِهَا أَلْفًا	قال الحريري في كتاب درة الغوّاص في اوهام الخواص ومما بوهمون فيه كتبهم الحيوة والصلوة والزكوة بالواو في كل موطن وليس ذلك على عمومه لوجوب اثبات الالف فيها عند الاضافة ومع التثنية كفولك حياتك وصلاتك وزكاتك وحياتان وصلاتان وزكاتان بالألف

Português	Isto acontece no Alcorão, mas com a condição de que não seja <i>muḍāfa</i> <sup>47</sup> ou dual, pois neste caso se escrevem com um <i>alef</i> , e, além do Alcorão, alguns escrevem com <i>waw</i> por conveniência, mas a maioria deles escreve com um <i>alef</i>	Al-Harīrī no livro “A pérola do Mergulhador nas Ilusões das Propriedades” disse que alguns dão a falsa a impressão de que se escreve assim ( <i>al-hayawa</i> , <i>al-šalawa</i> e <i>al-zakawa</i> ) em todos as ocorrências, mas não é assim de modo geral, pois é necessário escrever o <i>alef</i> quando é <i>iḍāfa</i> <sup>48</sup> ou com o dual, como “sua garantia é sua vida”, “sua oração”, “sua esmola”, “duas vidas”, “duas orações” e “duas esmolos”, com <i>alef</i> .
-----------	--	--

Ambos destacam que a escrita dessas palavras com o *waw* é uma excepcionalidade, encontrada em fontes clássicas, e que, mesmo assim, há contextos em que a escrita do *alef* é obrigatória.

<sup>47</sup> *Muḍāf* é o primeiro termo da *iḍāfa* e regerá genitivo. A *iḍāfa* é uma construção árabe de dois termos em que o primeiro determina/especifica o segundo. É também chamada de “estado construto” (OUWAYDA, 2012, p.79). Ex.: “faculdade de letras” (كلية الأدب/*kuliyat al-'adab*): o termo “de letras” especifica “faculdade”.

<sup>48</sup> Vide nota anterior.



Terminada essa explanação gramatical de Farhat, Buṭrus inicia seu ensaio sobre prosódia com uma pequena introdução:

Ademais, esse é um bom ensaio que nós colocamos na ciência da prosódia e rima, incluindo o que é relevante e pouco abordado dentre os assuntos importantes dessa arte, de fácil entendimento e memorização para o iniciante (p. 417)<sup>49</sup>.

Vê-se por essa passagem que Buṭrus se propõe a abordar o conteúdo de maneira acessível ao leitor, como Farhat fez. Em seguida, o autor e editor segue com suas explicações. Percebe-se, pois, que os diversos manuscritos e edições que possam ter surgido mantêm o conteúdo central da obra de Germanos, ainda que apresentem suas peculiaridades.

A última parte de (4) é a “Corrigenda”, exemplificada na Figura 17. Ela cumpre a mesma função do “Nota” em (2) e (3), apontando as falhas da edição e a correção de cada uma delas. Assim como nas edições (2) e (3), em (4) há a sinalização da página e da linha. Ressalta-se ainda que os equívocos de al-Bustānī são diferentes dos cometidos por aš-Šartūnī, vistos anteriormente.

اصلاح غلط			
خطا	صواب	وجه	سطر
الهرَاءَ	الهرَاءُ ✓	٥	١٤
بَقِيَّ وَسَيَّرُو	بَقِيَّ وَرَعَى وَسَرُّو ✓	١١	٨
أَفْتَعَلَ	أَفْعَلَ ✓	٥٨	٧
اللتِّيَات	اللتِّيَات ✓	١٠٦	١٦
للنصب	للنصب ✓	١٦٦	٥
(٤)	(١) ✓	٢٤١	١٤
ظَلَمَ	ظَلَّمَ ✓	٢٤٨	٢١
بَزَيْدَ	لَبَزَيْدَ ✓	٢٦١	٢١

Figura 17 - Trecho da "Corrigenda" da edição (4).

<sup>49</sup> اما بعد فهذه رسالة لطيفة وضعنها غي علم العروض والقوافي مشتملة على ما جلت وقل من مهمات هذا الفن

Como mencionado, há algumas dessemelhanças entre as edições, o que é característico do trabalho de edição e fixação de um texto. Um exemplo disso se encontra logo na “Introdução”, onde Germanos discute o alfabeto e questões fonéticas do árabe. No final do “Tópico Primeiro” da “Investigação Primeira”, há um trecho em (1) e (4) que não aparece em (2) e (3).

Nesse tópico, cujo subtítulo é “Do Conhecimento da Letra e sua Quantidade e seu Resumo” (في تعريف الحرف وكميته واجماله / *fī tʿarīf al-ḥarf wakamītih waijmālih*), Germanos disserta sobre as letras do alfabeto enquanto representações gráficas convencionais dos sons de uma língua. Em seguida, diz que o alfabeto árabe tem vinte e oito letras, cuja primeira é o *alef* e a última o *yāʾ*. Para ajudar na memorização das letras, o autor diz que elas podem ser reunidas da seguinte forma: *ābjd hūz ḥṭī klmn sʿfṣ qršt tḥd dḡg* (ابجد هوز حطي كلمن سعفص قرشت ثخذ ضظغ).

Tais palavras não tem qualquer significado em árabe e seu agrupamento não representa a ordem do alfabeto árabe. Ao listar os motivos pelas quais utiliza essa frase singular, nos diz: “segundo: seguindo a língua siríaca, na qual encontra-se essas palavras organizadas de acordo com o cômputo mencionado” (p.8)<sup>50</sup>. Ou seja, elas estão na ordem do alfabeto siríaco<sup>51</sup>, com exceção da última tríade, que são fonemas inexistentes no siríaco, mas presentes no árabe. Isso mostra que uma das estratégias metodológicas de Farhat é usar comparações árabe-siríaco, afinal era a língua materna de sua Igreja.

Nas edições (1) e (4), no entanto, há um trecho posterior a esse, ausente em (2) e (3):

	(2) e (3)	(1) e (4)
Árabe	والثاني متابعة اللغة السريانية التي وجدت فيها هذه الكلمات مرتبة على وفق الحساب المذكور	والثاني متابعة اللغة السريانية التي وجدت فيها هذه الكلمات مرتبة على وفق الحساب المذكور لأن اللغة السريانية أصل والعربية فرعها ولهذا وجب على الفرع أن يتبع أصله. والدليل على ذلك من إبراهيم الكلداني كانت لغته سريانية

<sup>50</sup> والثاني متابعة اللغة السريانية التي وجدت فيها هذه الكلمات مرتبة على وفق الحساب المذكور

<sup>51</sup> O alfabeto siríaco está no Anexo.

ومنه ولد اسمعيل الذي هو جدُّ العرب  
فتكون العرب فرع السريانيين

Português Segundo: seguindo a língua siríaca, na qual encontramos essas palavras organizadas de acordo com o cômputo mencionado.

Segundo: seguindo a língua siríaca, na qual encontramos essas palavras organizadas de acordo com o cômputo mencionado, **pois a língua siríaca é a origem e o árabe um ramo seu e por isso é necessário que o ramo siga sua origem. A comprovação disso está em Abraão, o Caldeu, cuja língua era a siríaca e dele nasceu Ismael, que é o ancestral dos árabes, então os árabes são um ramo dos siríacos.**

Há algumas imprecisões históricas nessa afirmação<sup>52</sup>, o que não é, no entanto, relevante para a análise das edições e da metodologia de Germanos. O que essa passagem nos mostra é que Germanos não deixa de lado elementos religiosos em sua explanação e que não intenta levar a comunidade a abandonar o siríaco, apenas a abraçar o árabe.

---

<sup>52</sup> Segundo Blenkinsopp (2015), há uma carência de fontes externas à Bíblia sobre a história de Abraão, o que torna, para um historiador moderno, no mínimo controverso utilizá-lo como referência. Como se não bastasse, há, ainda, o equívoco de chamá-lo de “o Caldeu”. Abraão teria vindo de Ur – no atual Iraque –, próspera cidade ao sul da Mesopotâmia e chamada na tradição cristã de “Ur dos Caldeus”. Segundo Blenkinsopp (2015), porém, os caldeus teriam dominado a região apenas no primeiro milênio antes de Cristo, enquanto Abraão teria vivido por volta do segundo milênio. Quanto à língua e etnia de Abraão, o autor argumenta que ele era de origem semita, mas provavelmente falante de acádio e sumério, sendo o acádio uma língua semítica assim como o árabe, siríaco e hebraico. O aramaico seria a língua literária e formal, enquanto o siríaco a variante surgida em Edessa (Mesopotâmia) e que posteriormente teria se espalhado pelo Crescente Fértil, com novas variantes surgindo nas diferentes cidades. O siríaco, no entanto, teria surgido e se popularizado apenas a partir do século II d.C. Mesmo o aramaico não poderia ter sido a língua materna de Abraão, pois se espalhou pela Mesopotâmia apenas no primeiro milênio antes de Cristo, ou seja, posterior ao período em que o patriarca supostamente teria vivido. Assim, Abraão seria falante de uma língua semítica, mas não do siríaco. Segundo as tradições do Cristianismo e do Islã – e mesmo do Judaísmo – Ismael seria de fato ancestral dos árabes, enquanto Isaac seria dos hebreus, povo da Palestina de onde teria nascido Jesus e os Apóstolos, cujas pregações originaram o cristianismo. Independente da veracidade histórica dessa premissa, ela no máximo mostraria uma proximidade étnica entre árabes e os falantes de siríaco, mas não que um procederia do outro. O mesmo cabe para as duas línguas: têm uma origem comum, mas uma não descende diretamente da outra.

Outro exemplo de diferença textual está no segundo livro, sobre os nomes. Na “Investigação Quinta” da “Seção Segunda” ele discutirá, logo no “Tópico Primeiro”, “Da Permuta das Letras Enfermas” (إبدال حروف العلة) / *fī 'ibdāl ḥurūf al-illa*), sendo as tais “letras enfermas” as vogais longas *alef*, *wāw* e *yā'*. Há uma pequena diferença na redação entre as edições, como mostrado a seguir:

	(2) e (3)	(1) e (4)
Árabe	الالف تبدل من الواو والياء في والناقص قياسًا مطردًا وتبدل من الهاء في اهل فيقول آل وهذا سماعي	الالف تبدل من الواو والياء في الاجوف والناقص قياسًا مطردًا وتبدل من الهاء نحو آل في اهل وهذا سماعي
Português	O <i>alef</i> é substituído pelo <i>waw</i> e pelo <i>yā'</i> quando é vazio ou fraco <sup>53</sup> , por extensão, substitui o <i>hā'</i> em <b>'ahl</b> então se diz <b>'āl</b> e isso acústico <sup>54</sup> .	O <i>alef</i> é substituído pelo <i>wāw</i> e pelo <i>yā'</i> quando é vazio ou fraco, por extensão, pelo <i>hā'</i> <b>por exemplo 'āl</b> e isso é acústico.

Percebe-se que não há divergência em conteúdo, apenas algumas poucas palavras são diferentes. Outro detalhe interessante é que a cópia de Buṭrus al-Bustānī é idêntica à de Tobia Mtīnī. Se Mtīnī de fato copiou do original, é possível presumir que al-Bustānī também teve acesso ao próprio manuscrito de Germanos.

Considerando as palavras de al-Bustānī de que “a esmagadora maioria dos estudantes árabes recorreu a este livro”, percebe-se que este foi um livro amplamente divulgado e bem recebido pelos estudantes. Não nos surpreende, portanto, quando em (3) consta que “A Livraria do Líbano Editores tem o prazer de republicar este valioso livro por ter convicção de que é útil a estudantes, professores e pesquisadores” (p.2)<sup>55</sup>. É possível citar ainda De Luca (2021), que diz:

<sup>53</sup> Por “vazio” e “fraco” ele se refere ao som do *alef*, ou seja, quando não é pronunciado ou pronunciado fracamente.

<sup>54</sup> A expressão قياسًا مطردًا / *qyāsan muṭaridan* que se traduziu como “por extensão” é reforçada pelo termo “acústico”, aludindo ao fenômeno ser de ordem não gramatical. Ou seja, significa que isso é o que se ouve dos falantes.

<sup>55</sup> يسرّ مكتبة لبنان ناشرون أن تعيد نشر هذا الكتاب القيم لقناعتها بفائدته للطلبة والأساتذة والباحثين

Tão bem-sucedido foi este livro que circulou para além da comunidade maronita em numerosas cópias manuscritas e, mais de um século depois, na forma impressa sob diferentes títulos. Por exemplo, o Patriarca da Igreja Católica Melquita Maksīmūs Maḏlūm (f. 1855) teve Baḥth al-maḏālib impresso em Roma em 1830 sob o título al-Uṣūl al-ṣarfiyyawa-l-qawā'id al-naḥwiyya (“Princípios Morfológicos e Regras gramaticais”) para os alunos da escola em ‘AynTrāz (p. 473)<sup>56</sup>.

O objetivo de Germanos, como deixa claro em sua própria introdução – que será traduzida no próximo capítulo – era auxiliar o aprendizado dos cristãos da língua árabe, oferecendo um material resumido, mas substancial, contendo as questões mais relevantes – a seu ver – da gramática árabe. Essa síntese de Germanos foi feita, como já explicado, com base nos seus próprios estudos, tendo como uma de suas estratégias metodológicas referências ao siríaco, tendo em vista quem era seu público-alvo. Outro grande diferencial didático da obra é o uso de exemplos ligados à realidade cristã, utilizando inclusive a própria tradução recém-feita da Bíblia. É o que ele faz, por exemplo, no livro “Sintaxe”, na “Questão Primeira” da “Investigação Quarta” da “Seção Terceira”, quando discorre sobre o sujeito e o complemento. O autor usa como exemplo sentenças como يسوع صائم / *yasūc ṣā'im* (Jesus está jejuando), sendo “Jesus” o sujeito e “está jejuando” o complemento; ou na “questão quarta”, ao explicar que o complemento pode ser uma frase verbal (iniciada por verbo), utilizando de exemplo a frase مريم ولدت يسوع / *maryam waladat yasūc* (Maria deu à luz Jesus), sendo “Maria” o sujeito e “deu à luz Jesus” o complemento, em forma de frase verbal.

Ainda é interessante notar que a organização da obra se assemelha a dos autores cristãos latinos. Para exemplificar, toma-se a “Suma Teológica” de Tomás de Aquino, conforme a Figura 18.

---

<sup>56</sup>*So successful was this book that it circulated beyond the Maronite community in numerous manuscript copies and, more than a century later, in printed form under varying titles. For example, the Patriarch of the Melkite Catholic Church Maksīmūs Maḏlūm (d. 1855) had Baḥth al-maḏālib printed in Rome in 1830 under the title al-Uṣūl al-ṣarfiyyawa-l-qawā'id al-naḥwiyya (“Morphological Principles and Grammatical Rules”) for the pupils of the school in ‘AynTrāz*

## QUAESTIO I

DE SACRA DOCTRINA, QUALIS SIT,  
ET AD QUAE SE EXTENDAT*in decem articulos divisa*

Et ut intentio nostra sub aliquibus certis limitibus comprehendatur, necessarium est primo investigare de ipsa sacra doctrina, qualis sit, et ad quae se extendat.

Circa quae quaerenda sunt decem:

*Primo:* de necessitate huius doctrinae.

*Secundo:* utrum sit scientia.

*Tertio:* utrum sit una vel plures.

*Quarto:* utrum sit speculativa vel practica.

*Quinto:* de comparatione eius ad alias scientias.

*Sexto:* utrum sit sapientia.

*Septimo:* quid sit subjectum eius.

*Octavo:* utrum sit argumentativa.

*Nono:* utrum uti debeat metaphoricis vel symbolicis locutionibus.

*Decimo:* utrum Scriptura sacra huius doctrinae sit secundum plures sensus exponenda.

## ARTICULUS 1

Utrum sit necessarium,  
praeter philosophicas  
disciplinas, aliam doctrinam haberi

AD PRIMUM SIC PROCEDITUR. Videtur quod non sit necessarium, praeter philosophicas disciplinas, aliam doctrinam haberi.

1. Ad ea enim quae supra rationem sunt, homo non debet conari, secundum illud Eccli 3,22: *altiora te ne quaesieris*. Sed ea quae rationi subduntur, sufficienter traduntur in philosophicis disciplinis. Superfluum igitur videtur, praeter philosophicas disciplinas, aliam doctrinam haberi.

2. PRAETEREA, doctrina non potest esse nisi de ente: nihil enim scitur nisi verum, quod cum

## QUESTÃO 1

A DOUTRINA SAGRADA  
O QUE É? QUAL SEU ALCANCE?*em dez artigos*

A fim de delimitar exatamente nossa proposta, é necessário antes de mais nada tratar da própria doutrina sagrada: de que se trata e qual sua extensão.

A esse respeito, são dez as perguntas:

1. Esta doutrina é necessária?

2. Trata-se de uma ciência?

3. É uma ou múltipla?

4. Especulativa ou prática?

5. Qual sua relação com as outras ciências?

6. É uma sabedoria?

7. Qual é seu assunto?

8. É argumentativa?

9. Deve empregar metáforas ou expressões simbólicas?

10. Nesta doutrina a Sagrada Escritura deve ser explicada segundo vários sentidos?<sup>9</sup>

## ARTIGO 1

É necessária outra doutrina,  
além das disciplinas filosóficas?<sup>c</sup>

QUANTO AO PRIMEIRO ARTIGO, ASSIM SE PROCEDE: parece que **não** é necessária outra doutrina, além das disciplinas filosóficas.

1. Na verdade, o homem não deve esforçar-se por alcançar aquilo que está acima da razão humana. “Não te afadigues com obras que te ultrapassam”, diz o Eclesiástico. Ora, o que se encontra à altura da razão é ensinado suficientemente nas disciplinas filosóficas. Portanto, parece superfluo haver outra doutrina, além das disciplinas filosóficas.

2. ALÉM DISSO, só há doutrina a respeito do ente<sup>d</sup>, pois só se conhece o que é verdadeiro; e

Figura 18 - Trecho da *Suma Teológica* (EDIÇÕES LOYOLA, 2009, p. 137).

A divisão entre “questões” e “artigos” / “investigação” e “questões” é uma semelhança entre as obras que sem dúvidas não é por acaso, considerando a grande influência dos jesuítas na região, especialmente com a dominação francesa. Além disso, muitos dos professores cristãos de Germanos, como mencionado, se formaram em Roma, a sede da Igreja Latina.

De Luca (2021) esclarece que em 1707, Farhat escreveu um resumo de “Baḥṭ al-maṭālib” que teria circulado entre os estudantes contemporâneos e posteriores a ele. A autora ainda nos diz que “entre 1839 e 1876, durante o chamado período de reorganização (*tanẓīmāt*), o Império tomou medidas para centralizar a educação” (p.471)<sup>57</sup> e, para isso, “o

<sup>57</sup> *Between 1839 and 1876, during the so-called reorganizational period (tanẓīmāt), the Empire took action to centralize education.*

governo estabeleceu suas próprias instituições” (p.471)<sup>58</sup>, em detrimento da política de deixar a cargo de cada comunidade a educação de seus membros. De acordo com a pesquisadora, essa obra de Germanos teria circulado nessas escolas otomanas, a partir dos esforços de edição, impressão e divulgação de importantes estudiosos da época. Dentre esses estudiosos há os próprios Buṭrus al-Bustānī e Saʿīd aš-Šartūnī, ambos nascidos de famílias maronitas e que estudaram a obra em questão em sua juventude (De Luca, 2021, p.473).

De Luca (2021) e Patel (2022) afirmam que “Baḥṭ al-maṭālib” foi amplamente usado no século XIX e que a produção de Farhat compõe o legado intelectual árabe que viria a influenciar estudantes da *Nahḍa*, movimento de Renascimento da Literatura Árabe cujo centro foi o eixo Cairo-Damasco-Beirute. Além de circular nas escolas, a obra em questão foi base para outros livros, conforme o comentário no pré-texto da edição (3): “muitos livros escolares dependeram de ‘Em busca das questões” (p.2)<sup>59</sup>.

No pré-texto da edição (3), o comentarista parece considerar a obra de Germanos um marco: “porque ela [a obra] é uma ponte entre o final da era da decadência e o início da era da *Nahḍa* e do reavivamento” (p.2)<sup>60</sup>. A *Nahḍa* (renascimento) é o nome dado ao movimento de reavivamento da literatura árabe, que se estendeu da Península Arábica à Península Ibérica – passando pelo Levante e norte da África –, entre os séculos XIX e XX, após um longo período de estagnação.

Patel (2022) afirma que a dominação otomana na Grande Síria levou a uma estagnação da produção literária e científica em árabe, o que viria a apresentar os primeiros sinais de mudança a partir do século final do XVIII. Vargens (2020) nos lembra que nessa época o mundo arabófono entrava em forte contato com o mundo europeu e, como de práxis, a cultura europeia passou a influenciar a cultura local. Segundo o autor, universidades foram construídas e estudantes árabes receberam bolsas e fizeram intercâmbio em instituições de ensino europeias. Assim, muito da cultura científica e literária europeia passou a ser consumida no mundo arabófono e trouxe algo que revolucionaria a produção literária árabe: a imprensa (Vargens, 2020. p.121).

Quando os árabes saíram da Península Arábica um milênio antes e dominaram o Levante, o norte da África e a Península Ibérica, entraram em contato com a cultura dos mais

<sup>58</sup> *the government established its own institutions.*

<sup>59</sup> لقد عوّلت كتب مدرسية كثيرة على بحث المطالب “Depender”, no sentido, de basear-se ou de se inspirar na obra.

<sup>60</sup> لأنه جسر عبور بين نهاية عصر الانحطاط وبداية عصور النهضة والانبعث

diversos povos que já viviam em cada em desses territórios. O mundo arabófono, portanto, não tinha – e não tem – uma cultura homogênea, nem mesmo uma língua única. Quando a imprensa surgiu, buscou-se estruturar uma língua árabe moderna padronizada que facilitasse a comunicação escrita para, então, viabilizar publicações de jornais e cadernos literários (Vargens, 2020, p.122). De acordo com Patel (2022) e Vargens (2020), o linguista e professor Nāṣīf al-Yāzījī (1800-1871) foi o primeiro a fixar esse árabe padrão moderno. Al-Yāzījī era de Kafr-Šīma, uma vila próxima a Beirute, e quando seu pai notou sua inclinação para literatura, o enviou para a escola ligada à Igreja local (Patel, 2022), onde estudou árabe com a obra “Baḥṭ al-maṭālib” (De Lucca 2021). Já formado, ele chegou a lecionar sobre esse árabe padrão moderno – que passou a fazer parte da literatura – numa escola fundada por ninguém menos que o próprio Buṭrus al-Bustānī.

A obra “Baḥṭ al-maṭālib”, como já dito, foi utilizada nas escolas do Império Otomano e na formação principalmente dos cristãos. Além do Nāṣīf al-Yāzījī, outros desses cristãos viriam a se tornar importantes nomes da *Nahḍa*. Segundo Khatlab<sup>61</sup> (2009), Al-Bustānī, por exemplo, foi conhecedor de várias línguas e um dos pioneiros da imprensa árabe, além de autor do *Muḥīt al-Muḥīt*, dicionário árabe de referência, e de uma importante enciclopédia árabe. O autor cita, ainda, Jabr Ḍūmīt (1858-1930), o primeiro a organizar um estudo moderno da gramática árabe. Assim, o envolvimento de Germanos com a língua árabe refletiu em “um renovado interesse das comunidades cristãs orientais pela língua árabe e sua literatura” (De Luca, 2021, p.474)<sup>62</sup> e esse “renovado interesse” motivou esses cristãos a contribuírem na *Nahḍa*.

Germanos é, assim, considerado um dos mais importantes escritores maronitas e um dos predecessores da *Nahḍa*, pois deixou um forte legado linguístico e literário árabe, que viria a contribuir grandemente para os estudos das gerações futuras (Patel, 2022, p.44). Conclui-se, assim, que Germanos Farhat teve um papel preponderante para o desenvolvimento da identidade da Igreja Maronita no contexto de arabização do Levante e que seus esforços para tal o fizeram também importante contribuidor para os estudos de língua e produção literária árabe no geral.

---

<sup>61</sup> Roberto Khatlab é escritor brasileiro de descendência árabe. Optou-se por utilizar em seu sobrenome a grafia brasileira ao invés de transliterá-lo.

<sup>62</sup> *a renewed interest of the Eastern Christian communities in the Arabic language and its literature.*



## Capítulo II: Tradução Comentada da “Introdução pelo Autor” e da seção “Das Frases”

Argumentou-se no capítulo anterior que “*Baḥṭ al-maṭālib*” foi uma obra de grande circulação no Levante nos séculos XVIII e XIX. De Luca (2011, pp. 478 e 480) diz: “Graças à sua estrutura clara e ao seu formato resumido, *Baḥṭ al-maṭālib* foi amplamente utilizado pelos maronitas para sua educação em árabe [...], foi amplamente reconhecido nos círculos maronitas [...] e popular na comunidade Melquita Católica”<sup>63</sup>. Reconhecendo sua importância, e tendo ciência de sua extensão, decidiu-se traduzir, nesta dissertação, duas partes representativas: a “Introdução pelo Autor” e a seção “Das Frases”, escolha essa a ser justificada mais adiante.

Oustinoff (2011, p.126), citando Paul Ricoeur, diz: “traduzir é ao mesmo tempo habitar a língua do estrangeiro e dar hospitalidade a esse estrangeiro no coração de sua própria língua”. Ou seja, o texto traduzido deve transmitir toda a informação do texto fonte sendo ao mesmo tempo claro ao leitor da língua alvo. Procurando, pois, não incorrer no erro de deixar o texto em português opaco ao leitor, nossa tradução seguiu a proposta de Caffaro (2018) de harmonização dos termos linguísticos, que a autora menciona ao discutir sobre a Terminologia, que “estuda-se cientificamente o léxico especializado organizando e harmonizando as noções (conceitos) [...]” (Caffaro, 2018, p.51)

Oustinoff (2011) nos lembra que a língua é mais do que um conjunto de palavras. Ela é um dos principais instrumentos com o qual uma cultura interage com o mundo, ao mesmo tempo em que ela própria reflete essa interação. Sendo assim, buscou-se, com a estratégia de tradução apresentada, aproximar o leitor do pensamento gramatical árabe cientes de que as construções mentais de duas culturas – portanto duas línguas – nunca são idênticas, ainda que tenham diversos pontos de intersecção. Os comentários, no entanto, são uma tentativa de sanar essa lacuna.

A tradução comentada será da seguinte forma: serão dispostos lado a lado os textos árabe e português, respeitando a paragrafação feita por aš-Šarṭūnī, e em seguida os comentários. Optou-se por traduzir a partir da edição (2), feita por aš-Šarṭūnī, porque ele

---

<sup>63</sup> Thanks to its clear structure and its abridged format, *Baḥṭ al-maṭālib* was widely used by the Maronites for their education in Arabic [...], it was recognized within Maronite circles [...] and popular in the Melkite Catholic Community.

divide o texto em parágrafos, ao contrário do al-Bustānī e do Tobia, o que facilita seccionar o texto para traduzi-lo. As diferenças entre as edições serão, no entanto, marcadas. Na edição (2) feita por aš-Šarṭūnī, não há a escrita da *hamza*, no geral, no entanto nessa dissertação optou-se por grafá-la para fins didáticos.

## 2.1. A “Introdução pelo Autor”

Optou-se por traduzir a “Introdução pelo Autor” porque nela Germanos explicita suas motivações, objetivos, método e público-alvo. Tais elementos são essenciais para entender a razão de tamanho engajamento do bispo, ou seja, porque ele compôs uma obra sobre a gramática árabe, ainda por cima sucinta.

A seguir, a tradução comentada da “Introdução pelo Autor”<sup>64</sup>, a partir da edição (2), que De Luca (2021) chama de “Prefácio”. Nela, Germanos apresentará a organização, o objetivo e a relevância de seu trabalho, mostrando seu domínio sobre a língua inclusive para tratar de sua fé.

Introdução pelo Autor  
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito  
Santo, Deus único. Amém.

مقدمة للمؤلف  
بسم الاب والابن والروح القدس  
الاله الواحد آمين

Graças sejam dadas a Deus, Aquele que restaurou com Sua palavra as almas atormentadas e que com Sua onipotência operante indicou as virtudes e vícios. Os efeitos que aconteceram por Sua ordem são consequência<sup>65</sup> dos elementos<sup>66</sup> que se corromperam<sup>67</sup> após ter sido dada à luz

الحمد لله الذي أصلح بكلمته الأنفس المختلة  
وأعرب بقدرته الفعالة عن الأفعال السالمة  
والمعتلة واشتقت مفعولاته المحدثه بأمره من

<sup>64</sup> O texto corrido e sua tradução estão no Apêndice I

<sup>65</sup> اشتقت / *ištaqqat* é literalmente "derivam"/"decorrem".

<sup>66</sup> عناصر / *anāṣir*, “elementos”, na literatura cristã referem-se aos elementos da natureza, criados por Deus, vide tradução para o árabe dos escritos do bispo e doutor latino Hilário de Poitiers sobre a conciliação entre fé e razão na narrativa da criação: فإن خلق السماوات والأرض وبقية العناصر قد رؤي أنه نتيجة عمل وقع في برهة واحدة / “a criação dos céus e da terra e do resto dos **elementos** foi vista como resultado de uma ação que ocorreu em um instante único” (cf. tradução para o árabe do livro “Entre fé e ciência” (p.115), de Andrew Dickson White, disponível em: <https://www.hindawi.org/books/85028574/3/>).

<sup>67</sup> A palavra منحللة / *munḥalla* é o اسم الفاعل / *ism al-fā’il* (“nome de agente”, análogo ao nosso participio presente) da forma انفعال – ينفعل / *infa’ala – ianfa’il*. Seria possível nessa tradução o uso do adjetivo “corrompidos”, que

aquelas substâncias racionais imortais. Adicionou atributos umas às outras os quais quando associados não são nem confusos e nem enganosos. Então seja adorado o Seu filho único, Jesus Cristo, encarnado na mais santa veste, enviado como misericórdia em favor do mundo e salvação pelas culpas e faltas; e seja feita ação de graças ao Espírito Santo, que dispõe das criaturas da maneira mais fraterna; e seja exaltada a Santíssima Trindade, o Senhor de Essência<sup>68</sup> Única e de Potestade subjugante.

العناصر المنحلة بعد ابرازه تلك الجواهر العقلية الغير المضمحلة. واطاف الإستقصات بعضًا إلى بعضٍ اضافةً متداخلة غير متبلبة ولا مضلة والسجود لابنه يسوع المسيح الوحيد المتجسد بأقدس حلة الذي ارسله رحمةً للعالمين وخلاصًا من الجريرة والزلة والتقديس للروح القدس الذي يدبر الكائنات بأحسن حلة والتعظيم للثالوث الأقدس ربّ الذات الواحدة والسلطة المُدَلَّة.

Farhat inaugura sua obra abordando questões teológicas cristãs, nas quais as línguas grega, siríaca e latina ainda predominavam, mesmo que o árabe já estivesse sendo usado pelos cristãos há um tempo. Isso mostra o fortalecimento do árabe no discurso cristão maronita e o domínio desse vocabulário, ainda em vias de difusão, pelo bispo. Após essa introdução, o autor segue dizendo:

Ademais, este indigente, prisioneiro da marca de seu pecado, Jibrā'īl Bin Farhat, vil pastor e monge maronita de Alepo, confrade sob a regra dos monges libaneses inspirados pelo hábito<sup>69</sup> de Santo Antão, o Grande<sup>70</sup>, diz: quando vi o interesse dos beneficiados dentre os cristãos dirigir-se ao conhecimento da

أما بعد فيقول المفتقر إلى ربه أسير وصمة ذنبه جبرائيل بن فرحات القس الراهب الحلبي الماروني الحقير المنضوي تحت قانون الرهبان اللبنانيين المتوشحين بإسكيم القديس

também caberia, mas essa forma verbal árabe em questão é reflexiva e optou-se por marcar isso em nossa tradução.

<sup>68</sup> Traduziu-se ذات / *dāt* por “essência”. Essa palavra pode ser pensada como análoga ao vocábulo grego *ousia* que é o particípio presente feminino do verbo ser – *einai*. Na filosofia, o termo se especializou como sendo aquilo que compõe o ser fundamentalmente (como o ذات / *dāt* em árabe pode ser pensado) e foi traduzido para o latim como *essentia*, o que por sua vez originou “essência” em português.

<sup>69</sup> A palavra “hábito” (إسكين / *iskīn*) é o nome da vestimenta do monge.

<sup>70</sup> Santo Antão (251 - 356) foi um eremita egípcio cuja exemplar ascese o fez ser aclamado santo ainda em vida. Ele é uma das principais figuras dentre os chamados “Padres do Deserto”, que são os eremitões dos séculos III e IV. Esses homens abandonaram a vida ordinária para viverem de duras penitências e meditações na aridez do deserto, compondo as bases da vida eremítica e monástica, bem como o que chamam de “martírio branco”. Esse martírio é a “morte” não pelo derramamento de sangue (como no caso dos cristãos perseguidos dos três primeiros séculos, sofrendo o “martírio vermelho”), mas pela troca do conforto e prazer que a vida material pode oferecer por uma vida de intensa oração e penitência.

gramática árabe e dos princípios sintáticos, mas suas mãos falhavam em alcançar o objetivo delas por razões que exigiram abandonar o esforço e que ataram as palmas das mãos com a limitação<sup>71</sup>, a mão do zelo fraterno me levou a isso, a atração do anseio da natureza paterna, a me referir à situação da lexicografia excluindo os assuntos confusos.

أنطونيوس الكبير لما رأيت إقبال المستفيدين  
من المسيحيين منصبًا نحو معرفة القواعد  
العربية والأصول النحوية لكن يدهم تقصر عن  
الوصول إلى غايتها لأسباب توجب الإضراب  
عن الانصباب وتقرن الأكفاف بالانكفاف  
جذبني عند ذلك يدُ الغيرة الأخوية جذبُ  
حنين الطبيعة الأبوية إلى إحالة الحال المعجم  
وإزالة الأمر المبهم.

Vê-se que no segundo momento de sua introdução, Farhat explica a motivação de seu trabalho. O autor então se diz sensibilizado enquanto irmão e pai<sup>72</sup> com a dificuldade de sua comunidade, afirmando ainda que sua obra pode saná-la por excluir o que considera confuso. Tendo mencionado aquilo que o impulsiona, completa:

E foi assim que segui obedecendo e chamando a quem tem o direito de me seguir. Para isso, estendi então o alcance da mão que se reduzira pela incapacidade. A completa liberdade das mãos é o que a simboliza; alcançar mais longe é próprio dela e é próprio dela alcançar mais longe. Assim, eu comecei a revelar o semblante da língua árabe por detrás daquela máscara que por algum motivo colocaram por um tempo.

فانقدت طائعا نحوها بعد أمر الأمر المطاع  
وسؤال من يحقّ له مّيّ الاتباع فمددتُ حينئذٍ  
يدًا قد غلّها عجزها وحلّها رمزها ومدّها ردّها  
وردّها مدّها فابتدرتُ كاشفا عن مُحيا العربية  
ذاك القناع الذي كان مسدولا لأمر ما حينما.

Germanos reitera que sua obra é capaz de fazer os cristãos superarem sua dificuldade. Tanto nesse trecho quanto no anterior, deixa claro seu juízo dos materiais disponíveis para o

<sup>71</sup> Com “razões que exigiram abandonar o esforço e que juntaram as palmas das mãos com a limitação” o autor quis dizer que, por determinadas razões, esses cristãos que se interessavam pelo estudo da língua árabe foram obrigados a desistir.

<sup>72</sup> Por entender a Igreja como corpo místico de Cristo e seus membros – clero e leigos – parte desse corpo, unidos em Cristo, o catolicismo em geral sempre traz a figura do irmão para tratar da relação entre as pessoas. Já a figura de pai se refere ao hierarca, pai espiritual dos súditos do território onde exerce seu domínio enquanto autoridade eclesiástica.

estudo do árabe: são confusos e mascaram a língua. Sua obra, ao contrário, é capaz de tirar essa máscara e tornar o aprendizado do árabe acessível. O estudioso se mostra bastante confiante com seu trabalho. Tendo exposto sua motivação e o ponto forte de sua obra, segue explicando como a elaborou:

Então eu elaborei uma obra que inclui uma introdução, três livros e uma conclusão. Reuni nela o que estava disperso em diversos livros sobre a gramática árabe em relação à morfologia e à sintaxe. Eu demonstrei quais explicações são necessárias; e descartei o que é estranho a nós.

وَأَنْشَأْتُ مَوْلِفًا يَنْطَوِي عَلَى مَقْدَمَةٍ وَثَلَاثَةِ كُتُبٍ  
وَحَاتِمَةٍ وَجَمَعْتُ فِيهِ مَا تَفَرَّقَ مِنَ الْقَوَاعِدِ  
الْعَرَبِيَّةِ تَصْرِيْفًا وَنَحْوًا فِي كُتُبٍ مُتَعَدِّدَةٍ وَأَثْبَتَ  
مِنْهَا إِثْبَاتَهُ يَلْزِمُنَا

Farhat diz da organização interna de sua obra e deixa claro que ela é fruto de um estudo crítico, em que se debruça sobre os materiais disponíveis e seleciona o que é mais importante. O autor, no entanto, parece saber que sua metodologia pode ser alvo de críticas:

Por isso, não acredite em quem se oponha ao nosso tema, ou naquele que põe em xeque nosso projeto. Em vez disso, diga a eles: “cada um se alimenta com aquilo que lhe satisfaz e o dono da casa faz saber o que há nela”.

وَنَبَذْتُ عَنَّا مَا هُوَ غَرِيبٌ مِّنَّا فَلِهَذَا لَا تَصَدِّقَنَّ  
الْمُعْتَرِضَ الْوَاقِفَ عَلَى مَوْضِعِنَا وَالْمُخْتَبِرَ  
مَشْرُوعِنَا، بَلْ قُلْ لَهُ كُلُّ يَقْتَاتٍ بِمَا يَكْفِيهِ  
وَصَاحِبَ الْبَيْتِ أَدْرَى بِالَّذِي فِيهِ.

Novamente mostra que se sente seguro com a eficácia do material que produzira e instrui seu leitor a como responder às objeções, garantindo que o conteúdo da obra é substancial. O autor segue dizendo a razão pela qual decidiu produzir uma obra sintética:

Descartei as explicações enfadonhas e as exposições cansativas, ao ver como Ibn al-Hājib<sup>73</sup> turvava o entendimento com os seus versos, Ibn Hišām<sup>74</sup> destruía a imaginação com suas argumentações e Ibn Mālek<sup>75</sup> se apossava das mentes com

وَأَهْمَلْتُ التَّعْلِيلَاتِ الْمَمْلَةَ وَالْإِعْتِرَاضَاتِ  
الْمَعْلَّةَ لَمَّا رَأَيْتُ ابْنَ الْحَاجِبِ قَدْ حَجَبَ  
الْإِفْهَامَ بِرَوَايَاتِهِ وَابْنَ هِشَامٍ قَدْ هَشَمَ الْإِوْهَامَ

<sup>73</sup> Gramático e jurista curdo (1175-1249).

<sup>74</sup> Genealogista e gramático árabe (século IX).

<sup>75</sup> Gramático árabe andalusino (1205-1274).

seus exageros. Tudo isso não passa de uma verificação excessiva e adorno na investigação. Ou talvez eles tenham nisso um propósito que não adicione a nós algo necessário, indispensável para nós. E é por isso que eles estão em um vale e nós em outro. Cada fórum é identificado por seu grupo. Como pode o indivíduo responder sem ser chamado?

بإراداته وابن مالك قد ملك الأذهان بزياداته فما  
هي إلا زيادة تدقيق وتنميق تحقيق أو أنّ لهم  
بذلك غرضاً لا يشملنا ولازماً لا يلزمنا ولهذا هم  
في وادٍ ونحن في وادٍ وكل منتدٍ يختصّ بناٍدٍ وأيّ  
يجيب المرء بغير منادٍ.

Fica claro que Germanos considera os autores clássicos prolixos, gerando aquela dificuldade que mencionou anteriormente. Para o arabista, há excessos desnecessários a seu público-alvo, que identifica como estando em um vale distinto e compondo um fórum próprio. Assim, dois grupos são marcados por Germanos, que De Luca (2021) identifica como o “nós” e o “eles”, em que o “nós” tem uma metodologia própria, resguardados dos excessos que dificultam a aprendizagem da língua. Tendo justificado seus métodos segue para o objetivo da obra:

Muna-se então com o que sintetizamos e explicamos. O objetivo dessa obra que compusemos e a ela nos familiarizamos são três: 1º) remover as dificuldades das expressões ambíguas; 2º) reunir sucintamente em uma única obra o conhecimento que vem deste ofício e que nos é necessário; 3º) argumentar com os testemunhos das Sagradas Escrituras quando aplicável.

فتلخص إذاً مما لخصناه ونصصناه أنّ  
المقصود من تألف ما ألفناه وإفناه ثلاثة أمور  
الأول إزالة تعقيد العبارات المبهمة الثاني ضمّ  
جميع ما تلزمنا معرفته من هذه الصناعة في  
مؤلف واحد بوجه الاختصار الثالث إيراد  
شهاداته من الكتب المقدسة حسب الإمكان.

A produção de Farhat é, pois, uma síntese com explicações simplificadas daquilo que é essencial da gramática árabe. Esse trecho mostra, no entanto, que a inovação metodológica do estudioso não se limita a eliminar as explicações prolixas, mas está também no uso dos textos sagrados cristãos como recurso didático. O autor ainda acrescenta:

Eu a chamei de “Em busca das questões e estímulo ao estudante”. Seu objetivo é auxiliar os filhos dos cristãos para que não vão embora, mas se engajem; para que não se cansem e nem deem canseira aos

وسميته بحث المطالب وحث الطالب  
والمقصود منه نفع اولاد المسيحيين لئلا

outros; para que não percam tempo com minúcias vazias, mas progridam.

يَتَغَرَّبُوا فَيَتَجَرَّبُوا وَلِئَلَّا يَتَعَبُوا فَيُتَعَبُوا وَلِئَلَّا  
يَصْرِفُوا الزَّمَانَ بِإِسْهَابٍ بَاطِلٍ فَيُنْصَبُوا

Os cristãos, então, terão a oportunidade de se engajar no aprendizado da língua sem se cansarem ou perderem tempo, já que o livro oferece explicações sucintas sem deixarem de ser substanciais o suficiente para que progridam. O verbo يتَغَرَّبُوا é traduzido por De Luca (2021) como “se sentirem estranhos” e de fato a raiz ر ب غ pode assumir esse sentido. No entanto, esse verbo derivado também tem o sentido de “êxodo”, ou seja, a saída em massa de uma população. De acordo com Dīb (1971), desde a chegada dos cruzados no século X houve tentativas de se latinizar as comunidades cristãs na região. Ainda segundo o autor, isso levou alguns nomes da Igreja Maronita a investirem na promoção do árabe para a criação de uma identidade siríaco-árabe na tentativa de reduzir os efeitos dessa presença ocidental latina, como o próprio Padre ʿAbdallah Qarālī (1672-1742), já mencionado, e o Padre Yūsef Ištīfān (1729-1793), que trabalharam na tradução de hinos tradicionais maronitas do siríaco para o árabe, assim como Germanos. A criação dessa identidade que reduziria a influência ocidental nas comunidades cristãs poderia evitar, na visão de Farhat, que sua comunidade se dispersasse, especialmente para o ocidente. É interessante notar que esse verbo, numa acepção mais moderna, também assume o sentido de “ocidentalizar-se”, que caberia na tradução desse trecho. Não se sabe, porém, se esse verbo era assim utilizado na época do autor, portanto optou-se pela tradução no sentido de partir/ir embora.

Assim, após falar de sua motivação, defender sua didática, explicar a organização da obra e argumentar sobre seus objetivos, encerra sua introdução revelando suas expectativas:

O que se espera, pois, dos estudantes que irão se beneficiar dela é que a recebam bem e não achem longo o que é dito, pois se trata de uma síntese esquemática a partir de uma árdua seleção dentro do rol das coisas importantes. É uma rosa colhida com esforço do meio dos espinhos dos exageros. Pedimos a Deus que seja favorável a quem O procura e proveitoso aos corações que O buscam, porque ele é o Misericordiosíssimo dentre os misericordiosos. Amém.

فالمأمول إِدًّا من الطلبة المستفيدين منه أن  
يتلقوه بوجه القبول ولا يستكثروا المقول لأنه  
خلاصة قد تنقَّتْ من بين قلائد الفوائد بكّد  
يملّ ووردة قطفت من بين شوك الزوائد بكّح  
يجلّ نسأل الله أن ينفع به طالبه ويفيد به  
افتدة راغبه لأنه ارحم الراحمين. آمين

## 2.2. A seção “Das Frases”

A seção “Das Frases” é a décima primeira do “Livro Terceiro – Sintaxe”, sendo também a última. Logo no início do livro, Farhat explica o que é النحو / *al-naḥū* (a sintaxe): “sintaxe na língua-intenção e na terminologia é uma ciência de princípios nos quais as condições do final das palavras são conhecidas, indicando a variação de caso e modo ou a não variação”<sup>76</sup> (p.134)<sup>77</sup>. No árabe, o caso e o modo dos nomes e verbos são fonética e morfológicamente marcados com diacríticos, na última letra da palavra. Há, no entanto, palavras indeclináveis, em que a fonética e morfologia nunca se alteram independentemente da posição do vocábulo na frase. Desse modo, a sintaxe no árabe é a ciência que estuda as palavras dentro da sentença, analisando especialmente a marcação fonético-morfológica de caso (para nomes declináveis) ou modo (para verbos imperfectivos). Germanos completa, ainda, dizendo que “o tema dela [da sintaxe] é o discurso”<sup>78</sup> (p.135), ou seja, ao longo de todo o livro, discutirá os termos e os processos de composição de uma sentença.

Na seção “Das Frases”, Farhat explicará os constituintes básicos de uma frase, dissertando sobre suas funções e mostrando a marca fonético-morfológica que carregam. Optou-se por traduzir esse trecho, porque nele o autor faz menção a diversos elementos sintáticos anteriormente conceituados no próprio livro, mostrando como aparecem numa frase. Assim, essa seção permitirá observar como Germanos explica alguns processos sintáticos e, ainda, como conceitua alguns de seus componentes.

A seguir o texto em árabe e sua tradução<sup>79</sup>.

Seção Décima Primeira  
Das Frases e nela há três pesquisas

Pesquisa Primeira  
Do significado da frase e suas partes e  
nela há duas questões

القسم الحادي عشر  
في الجمل وفيه ثلاثة أبحاث

البحث الأول  
في معنى الجملة واقسامها وفيه مطلبان

<sup>76</sup> النحو في اللغة القصد وفي الاصطلاح علم باصول تُعرف بها احوال أواخر الكلم إعرابًا وبناءً

<sup>77</sup> A paginação também é referente à edição de al-Šarṭūnī.

<sup>78</sup> موضوعه الكلام

<sup>79</sup> O texto e a tradução corridos estão no Apêndice II.



Questão Primeira  
Do sentido da Frase

Depois que concluímos a exposição sobre o léxico, podemos agora falar sobre os componentes [da frase].

Dizemos que a expressão componente é qualquer uma que seja plena, como: *qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro); ou não-plena, por exemplo: *‘in qāma Buṭrus* (se levantar-se Pedro). Toda a plenitude dela [da expressão componente] está na resposta [da condicional] tratada adiante.

Então a plena é chamada enunciado ou frase e a não-plena é chamada frase. Logo, todo enunciado é uma frase, mas o contrário não acontece.

Além disso, a frase se for emitida com um nome é Nominal, por exemplo: *Buṭrus qā'im* (Pedro [está] de pé); já se for emitida com um verbo, é Verbal, por exemplo: *qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro); se, no entanto, for emitida com uma partícula, é Seguinte quando estiver depois da partícula, por exemplo: *hal Buṭrus qā'im* (Pedro está de pé?) e *hal qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro?)

Nesse trecho inicial, nota-se como Germanos organiza suas explicações. O autor apresenta o assunto da seção (قسم / *qism*) e diz quantas pesquisas (بحث / *baḥṭ*) há nela. Em seguida, apresenta o estudo da primeira pesquisa para logo depois entrar nas explicações, que estão divididas em questões (مطلب / *maṭlab*).

Na “Questão Primeira”, Farhat explica como a frase é montada e traz a classificação de مفيد / *mufīd* e غير مفيد / *ġayr mufīd*, que significa literalmente “útil” e “não-útil”, respectivamente. Essa classificação trata de a expressão apresentar, por si mesma, um sentido completo. No exemplo *qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro), a sentença é perfeitamente inteligível. Acrescentando o *‘in* (se), no entanto, ela carecerá de outros elementos, não sendo por si só compreensível ao interlocutor.

المطلب الأول

في معنى الجملة

بعد أن أنهينا الكلام في أحوال المفردات ساغ  
لنا الآن أن نتكلم في أحوال المركبات

نقول إن اللفظ المركب إما مفيدٌ كقيام بطرسُ  
أو غير مفيدٍ نحو إن قامَ بطرسُ فإن تمام فائدته  
بالجواب الذي هو قمتُ

فالمفيد يُسمى كلامًا وجملةً والغير المفيد  
يُسمى جملةً فكلُّ كلامٍ جملةٌ ولا يُعكس

ثم الجملة إن صُدّرت باسمٍ كانت اسمية نحو  
بطرسُ قائمٌ وإن صُدّرت بفعلٍ كانت فعليةً  
نحو قامَ بطرسُ وإن صُدّرت بحرفٍ كانت  
تابعةً لما بعد الحرف نحو هل بطرسُ قائمٌ  
وهل قامَ بطرسُ

Germanos explica que a expressão plena é *كلام / kalām* ou *جملة / jumla*, enquanto a não-plena é apenas *جملة / jumla*. Na “Pesquisa Segunda” de seu terceiro livro, Farhat descreve *كلام / kalām* como “um componente pleno”<sup>80</sup> (p.136). Nessa mesma linha, tem-se a descrição de Al-Daḥdāḥ (1993, p.498), que explica *كلام / kalām* como “uma frase que possui significado pleno”<sup>81</sup>. Esse mesmo autor conceitua frase em árabe como “uma unidade referencial que inclui um referente e um referenciado e ambos formam um sentido pleno”<sup>82</sup> (p. 214). Essa diferença sutil entre *كلام / kalām* e *جملة / jumla* é a mesma entre enunciado e frase em Fiorin (2020, p.124):

A enunciação produz o enunciado, que, no quadro da Semiótica, deve ser pensado não em sua dimensão frástica, mas como “todo encadeamento sintagmático que transcende, ultrapassa as dimensões da frase, e que compreende, portanto, o discurso” (Greimas, 1975, p.9).

Portanto, *كلام / kalām* transcende *جملة / jumla* assim como um enunciado é mais do que uma frase, estando *كلام / kalām* e enunciado no campo do discurso, enquanto *جملة / jumla* e frase são um encadeamento lógico de palavras (*كلمة / kalima*). Sendo assim, a expressão componente plena pode ser um enunciado ou uma frase, enquanto a não-plena será apenas uma frase.

Germanos continua dizendo que a frase, pela gramática árabe, pode ser nominal, verbal ou seguinte. A Frase Nominal, como afirma o autor e o próprio nome sugere, é iniciada por um nome (*اسم / ism*), sendo o nome, nas palavras de Al-Daḥdāḥ (1993, p.31) “uma palavra que indica um significado por si mesma, sem estar conectada a um tempo”<sup>83</sup>. Desse modo, o exemplo *Buṭrus qā’im* (Pedro [está] de pé) é uma Frase Nominal porque *Buṭrus* (Pedro) é um nome. Vale ressaltar que nome, neste caso, não se refere a nome próprio, e sim a tudo que tem significado (*معنى / maʿana*), mas não tem marcação de tempo (*زمن / zaman*), como substantivos, adjetivos e pronomes pessoais e átonos. Esse é um entendimento similar ao que se tem na gramática portuguesa, que define nome como “grupo de palavras que se opõe ao verbo pelo valor estático de seus semantemas” (CAMARA JR, 2007, p.220). Esse “valor estático de seus semantemas” indica que os nomes em português não são conjugáveis, portanto também não trazem o aspecto de tempo. O linguista Câmara Jr (2007) completa dizendo que

<sup>80</sup> الكلام ما مركباً مفيداً

<sup>81</sup> الكلام هو الجملة التي لها معنى مفيد

<sup>82</sup> وحدة إسنادية تتضمن مسنداً ومسنداً إليه ويُحَقِّقَانِ المعنى المفيد

<sup>83</sup> كلمة تدلّ على معنى في غير مقترن بزمن

esse grupo de palavras contempla substantivos e adjetivos, sendo essa categoria em árabe, portanto, mais abrangente.

Por outro lado, verbo (فعل / *fʿal*), para Al-Daḥdāḥ (1993, p.427) é “uma palavra que indica duas coisas simultaneamente: estado ou fato, e tempo atrelado a ambos”<sup>84</sup>. Isso é equivalente à definição da gramática portuguesa: “indicam os processos, quer se trate de ações, de estado ou da passagem de um estado a outro” (MEILET, 1921, p.175 *apud* CAMARA JR, 2007, p. 298). Ao contrário dos nomes, os verbos em ambas as línguas trazem uma marcação morfológica de tempo, além de um significado. A Frase Verbal, portanto, é aquela iniciada por essa classe de palavras.

Quanto à “Frase Seguinte”, esta é a que virá logo depois do حرف / *ḥarf*. Farhat descreve حرف / *ḥarf* como uma palavra que “assinala um significado em outra”<sup>85</sup> (p.308). Portanto, o حرف / *ḥarf* terá uma função na frase, acrescentando algo a ela, mas ao contrário do nome e do verbo não tem significado por si mesmo. De modo complementar, pode-se citar Al-Daḥdāḥ (1993, p.237), que diz: “as partículas de significação são palavras cujo significado não é completo a não ser com sua utilização junto ao nome ou ao verbo”<sup>86</sup>. Esse é o caso do هل / *hal*, que Germanos utiliza em seu exemplo. De acordo com o “Dicionário dos Componentes da Sintaxe” presente na edição (3), essa palavra é para indicar uma pergunta cuja resposta será “sim” ou “não”, não tendo significado isoladamente.

Fazendo um paralelo com a gramática do português, é possível pensar no que os gramáticos da língua portuguesa chamam de partículas. De acordo com Câmara Jr (2007), elas são “vocábulo de pequeno volume fonológico e de função auxiliar num sintagma”, o que se assemelha ao حرف / *ḥarf*. O próprio *in* (se) que aparece no exemplo da expressão não-plena é uma partícula. Pode-se traduzi-la como “se” em português, uma conjunção que também está no grupo das partículas em nossa gramática.

Encerrada essa discussão, Germanos segue explicando as subdivisões das frases:

<sup>84</sup> كلمة تدلّ على أمرين معاً، حالة أو حدث، وعلى زمن يقترن بهما

<sup>85</sup> الحرف ما دلّ على معنى في غيره

<sup>86</sup> حروف المعاني كلمات لا يتم مدلولها إلا باستعمالها مع الاسم والفعل

Questão Segunda  
Das Partes da Frase

As partes da frase são quatro:

A primeira é a Frase Menor, ou seja, que está na posição predicado, por exemplo: *Buṭrus ‘aḥūhu mu‘min* (Pedro o seu irmão é crente). Então *‘aḥūhu mu‘min* (seu irmão é crente) é uma Frase Menor, predicado de *Buṭrus* (Pedro). Exemplo similar seria *Buṭrus ‘āmana ‘aḥūhu* (Pedro seu irmão teve fé).

A segunda é a Frase Maior, isto é, cujo predicado é uma frase, como no exemplo mencionado.

A terceira é formada pela Frase Menor e a Frase Maior juntas, ou seja, na posição de predicado há uma frase que é o próprio predicado, por exemplo: *Buṭrus ‘aḥūhu tilmīduhu munṭaliq<sup>un</sup>* (Pedro seu irmão seu discípulo está partindo<sup>87</sup>).

Então *Buṭrus* (Pedro) é o primeiro tópico, *‘aḥūhu* (seu irmão) é o segundo e *tilmīduhu* (seu discípulo) o terceiro. E *munṭaliq<sup>un</sup>* (está partindo) é o predicado do terceiro tópico. O terceiro tópico e o seu predicado são o predicado do segundo tópico. E o segundo tópico e seu predicado, por sua vez, são o predicado do primeiro tópico. O sentido é: *Buṭrus tilmīdu ‘aḥūhi munṭaliq<sup>un</sup>* (Pedro o discípulo do seu irmão está partindo).

Então de *Buṭrus* (Pedro) a *munṭaliq<sup>un</sup>* (está partindo) é uma Frase Maior porque seu predicado é uma frase. E *tilmīduhu munṭaliq<sup>un</sup>* (seu discípulo está partindo) é uma Frase Menor, pois é um predicado; e a frase *‘aḥūhu tilmīduhu munṭaliq<sup>un</sup>* (seu irmão seu discípulo está partindo) é

المطلب الثاني

في أقسام الجملة

أقسام الجملة أربعة

الأول: جملة الصغرى أي الواقعة خبرًا نحو  
بطرس أخوه مؤمن فأخوه مؤمن جملة صغرى  
لأنها خبر بطرس ومثله بطرس آمن أخوه

الثاني: الجملة الكبرى أي الواقع خبرها جملةً  
كما في المثال المذكور

الثالث: الجملة الصغرى والكبرى معًا أي الواقع  
خبرها جملةً وهي واقعة خبرًا نحو بطرس أخوه  
تلميذه منطلق

فبطرس مبتدأ أول وأخوه مبتدأ ثانٍ وتلميذه  
مبتدأ ثالث ومنطلق خبر المبتدأ الثالث  
والمبتدأ الثالث وخبره خبر المبتدأ الثاني  
والمبتدأ الثاني وخبره خبر المبتدأ الأول والمعنى  
بطرس تلميذ أخيه منطلق

فمن بطرس إلى منطلق جملة كبرى لأن خبرها  
جملة وتلميذه منطلق جملة صغرى لأنها خبر  
وجملة أخوه تلميذه منطلق كبرى لأن خبرها  
جملة وصغرى لأنها خبر بطرس

<sup>87</sup> O que se traduziu pelo gerúndio “partindo” é منطلق / munṭalaq<sup>un</sup>, o اسم الفاعل (nome de agente) do verbo انطلق / inṭalaqa. É o participio ativo e nas frases nominais pode ser traduzido como participio presente ou gerúndio.

Maior, pois seu predicado é uma frase e é Menor porque é o predicado de *Buṭrus* (Pedro).

A quarta é a frase que não é Menor nem Maior, isto é: que na posição de predicado há um único vocábulo, por exemplo: *Buṭrus rusūl*<sup>88</sup> (Pedro é apóstolo). Não é chamada Menor porque não é predicado e não é chamada Maior porque seu predicado é um único vocábulo.

الرابع: الجملة التي ليست بصغرى ولا كبرى أي  
الواقع خبرها مفردًا نحو بطرس رسولٌ لا تسمى  
صغرى لأنها ليست خبرًا ولا تسمى كبرى لأن  
خبرها مفردٌ

Nesta passagem, Farhat traz dois elementos essenciais aos estudos da sintaxe da língua árabe: مبتدأ / *mubtada'* خبر / *ḥabar*, que foram traduzidos respectivamente como “tópico” e “predicado”. São classificações exclusivas das Frases Nominais. Na “Pesquisa Quarta” da “Seção Terceira” do “Livro Terceiro”, o autor os descreve da seguinte forma:

O مبتدأ / *mubtada'* é o nome livre terminado em *ḍamma*<sup>89</sup> dos componentes expressos para serem caracterizados. O خبر / *ḥabar* é o nome terminado em *ḍamma* que caracteriza o مبتدأ / *mubtada'*<sup>90</sup>.

O مبتدأ / *mubtada'* é terminado em *ḍamma* por estar no começo [da frase] e o خبر / *ḥabar* é terminado em *ḍamma* por causa do مبتدأ / *mubtada'*<sup>91</sup> (p.182).

Por “nome livre” o autor refere-se ao fato de que o مبتدأ / *mubtada'* não precisa estar sintaticamente ligado ao restante da frase. O autor explica que o مبتدأ / *mubtada'* é o componente da frase que será caracterizado. O que se traduziu como “serem caracterizados” é, em árabe, o مصدر / *maṣdar* (nome deverbal)<sup>92</sup> إسناد / *isnād*, que quer dizer “atribuição”. Essa atribuição é precisamente as características que o خبر / *ḥabar* atribuirá ao مبتدأ / *mubtada'*.

<sup>88</sup> No Islã, رسول / *rusūl* – da raiz ر س ل / *r s l* de “mensagem” ou “enviar uma mensagem” – é o “mensageiro”, como em محمد رسول الله / *muḥammad rusūl allah* (Muhammad é o mensageiro de Deus). No Cristianismo, essa palavra – apesar de também ser usada para se referir a “mensageiro” de maneira genérica – designa especialmente os Apóstolos, ou seja, os doze homens que estiveram mais próximos de Jesus durante sua vida pública. Por exemplo, o livro bíblico que em português é “Primeira Carta de São Pedro” é, em árabe, رسالة بطرس الرسول الأولى / *risālat Buṭrus arrusūl al- 'awala* (Carta Primeira de Pedro Apóstolo). A palavra “apóstolo” vem do grego e significa “enviado”, sentido este que também pode assumir essa raiz árabe.

<sup>89</sup> A *ḍamma* é a vogal breve de som /u/, representada por um diacrítico.

<sup>90</sup> المبتدأ هو الاسم المرفوع المجرد عن العوامل اللفظية للإسناد والخبر هو الاسم المرفوع المسند إلى المبتدأ

<sup>91</sup> والمبتدأ مرفوع بالابتداء والخبر مرفوع بالمبتدأ

<sup>92</sup> O nome deverbal é o nome derivado do verbo. A expressão é trazida por David Cowan (2007, p.72) como a harmonização do termo linguístico árabe مصدر / *maṣdar*, que “expressa infinitivo ou oração subordinada” (p.84). De acordo com Al-Dahdāḥ (1993, p.46), ainda, o مصدر / *maṣdar* é um nome invariável que indica situação ou fato sem a noção de tempo. Ou seja, é a substantivação do verbo.

O vocábulo خبر / *ḥabar* é um nome deverbal e vem da raiz ب ر خ / *ḥ b r*, que dá origem a “notícia” / “informação”. Já مبتدأ / *mubtada’* é اسم المفعول / *ism al-maf’ūl*<sup>93</sup> (particípio passivo) do verbo ابتدأ / *mubtada’*, que significa “dar início a” / “principiar”, ou seja, o مبتدأ / *mubtada’* é o vocábulo disposto para iniciar a frase. Analisando o significado dessa nomenclatura juntamente com a explicação do autor trazida acima, observa-se que o خبر / *ḥabar* se aproxima à nossa definição de predicado e o ابتدأ / *mubtada’* pode ser pensado como próximo à nossa noção de sujeito ou tópico da frase. No entanto, veremos mais adiante que tópico é mais adequado para se pensar o ابتدأ / *mubtada’*.

Tendo os conceitos de مبتدأ / *mubtada’* e خبر / *ḥabar*, entende-se o quarto parágrafo dessa passagem. Farhat usa de exemplo a frase: *Buṭrus ‘aḥūhu tilmīdūhu munṭaliqūn* (Pedro seu irmão seu discípulo está partindo). O autor esclarece que *munṭaliqūn* (está partindo) é o predicado de *tilmīdūhu* (seu discípulo), sendo que *tilmīdūhu munṭaliqūn* (seu discípulo está partindo) é o predicado de *‘aḥūhu* (seu irmão), e todo o trecho *‘aḥūhu tilmīdūhu munṭaliqūn* (seu irmão seu discípulo está partindo) é predicado de *Buṭrus* (Pedro). Ou seja, é o discípulo quem parte, sendo que ele é discípulo do irmão de Pedro.

Nas palavras de Câmara Jr (2007, p.246), predicado é um “conjunto enunciativo que numa oração dada contém a informação nova para o ouvinte. Em princípio, apoia-se num tema já conhecido, que é o sujeito, formando com ele um nexos”. Ou seja, predicado é a informação, como خبر / *ḥabar* por definição.

O gramático relaciona o predicado ao sujeito, que ele define como

termo da oração que, como determinado desse sintagma, se articula com o predicado como determinante. É assim o tema da comunicação que se faz no predicado, ou seja, o ponto de partida da enunciação linguística constituída pela oração (p.284).

A palavra sujeito veio do latim *sūbjēctus*<sup>94</sup>, que significa “posto debaixo”<sup>95</sup>. Esse vocábulo latino é um particípio passivo<sup>96</sup>, assim como مبتدأ / *mubtada’*. Comparando ambos os termos, nota-se que etimologicamente o sujeito em português também foi pensado sob um

<sup>93</sup> De acordo com Al-Daḥdāḥ (1993, p.60), é um substantivo derivado que indica o elemento que sofre a ação do verbo, ou seja, é o particípio passivo.

<sup>94</sup> Cf. Dicionário Etimológico Nova Fronteira, de Antônio Geraldo da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982.

<sup>95</sup> Cf. Novíssimo Dicionário Latino Português, de F. R. dos Santos Saraiva. Belo Horizonte: Livraria Garnier. 2006.

<sup>96</sup> Chamado de particípio passado. Como esse particípio é usado na voz passiva (em oposição ao particípio presente que é utilizado na voz ativa), pode ser chamado de particípio passivo. Esse particípio *sūbjēctus* vem do verbo *sūbjicere*, cf. Novíssimo Dicionário Latino Português, de F. R. Antônio Saraiva. Belo Horizonte: Livraria Garnier. 2006.

ponto de vista espacial, assim como o مبتدأ / *mubtada'* no árabe. Numa definição mais abstrata, sujeito é aquele que está submetido a algo, no caso da sintaxe à referenciação do predicado. Na definição de Germanos, o مبتدأ / *mubtada'* também tem o sentido de ser referenciado pelo خبر / *ħabar*, o que aproxima os dois termos. O sujeito gramatical na língua portuguesa, no entanto, está sempre sintaticamente ligado ao seu predicado, o que não necessariamente acontece com o مبتدأ / *mubtada'*. Além disso, a classificação de مبتدأ / *mubtada'* e خبر / *ħabar* cabe apenas nas Frases Nominais, sendo a nomenclatura diferente nas Frases Verbais<sup>97</sup>.

Segundo Orsini e Vasco (2007), o tópico na sintaxe do português é

o sintagma nominal ou preposicional, externo à sentença, normalmente já ativado no contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de um comentário. As construções de tópico são, portanto, estruturas sintaticamente diversas das construções sujeito verbo-objeto (SVO), uma vez que apresentam um tópico marcado seguido de um comentário, constituído de uma sentença com sujeito e predicado (p.83).

Ou seja, o tópico é disposto no início da sentença, não precisa estar sintaticamente ligado ao restante da frase (nas palavras dos autores, “externo à sentença”) e é o que será referenciado pelo comentário que se seguirá, mostrando-se um termo mais adequado harmonizar مبتدأ / *mubtada'*.

Germanos então termina a “Pesquisa Primeira” e parte para a “Pesquisa Segunda”, conforme a seguir:

Pesquisa Segunda  
Do lugar da frase e nela há três questões

Questão Primeira  
Da frase que possui lugar de inflexão de caso e modo

As frases que possuem lugar de inflexão de caso e modo são sete:

A primeira está na posição de predicado, como nas palavras do Altíssimo: *arrūh yuħyī* (o Espírito faz viver<sup>98</sup>). Então a frase *yuħyī* (faz viver) tem lugar de nominativo do predicado do tópico *arrūh* (o Espírito).

البحث الثاني

في محلّ الجملة وفيه ثلاثة مطالب

المطلب الاول

في الجملة التي لها محلّ من الإعراب

الجملة التي لها محلّ من الإعراب سبع

الأولى، الواقعة خبراً كقوله تعالى الروح يحيي

فجملة يحيي في محلّ رفع خبر الروح المبتدأ

<sup>97</sup> O sujeito da Frase Verbal em árabe é فاعل / *fā'il*, participio presente (ou participio ativo) do verbo “fazer”. Ou seja, é “aquele que faz”, traduzido por Cowan (2007) como “agente”.

<sup>98</sup> Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 3, versículo 6.

A segunda está na posição de circunstância. Como diz o Evangelista: *raja<sup>c</sup>ū yaqra<sup>c</sup>ūn šudūr<sup>a</sup>hum* (eles voltaram batendo no peito<sup>99</sup>). Então a frase *yaqra<sup>c</sup>ūn* (batendo) tem lugar de acusativo de circunstância do pronome referente a *raja<sup>c</sup>ū* (voltaram).

الثانية، الواقعة حالًا كقول البشير رجعوا  
يقرعون صدورهم فجملة يقرعون في محلّ  
نصب حالًا من ضمير رجعوا

A terceira está na posição de objeto, como está nas palavras do Altíssimo: *'anta qulta 'innī malikun* (tu disseste que eu sou rei<sup>100</sup>). Então a frase *'innī malikun* (que eu sou rei) tem lugar de acusativo, pois é o objeto de *qulta* (disseste). Por extensão, toda a frase ocupou o lugar de objeto.

الثالثة، الواقعة مفعولًا كقوله تعالى أنت قلت  
إني ملكٌ فجملة إني ملكٌ محلّها النصب لأنها  
مفعولٌ قلت وقس عليها كل جملة وقعت  
مفعولًا

Já a quarta está na posição de segundo termo do estado construto<sup>101</sup> e é adjunto adverbial de tempo ou lugar. Um exemplo para “tempo” é: *'idā jā'a ibn<sup>u</sup> al-bašar<sup>i</sup>* (então veio o filho do Homem<sup>102</sup>); já um exemplo para “lugar” é: *ḥaītu takūn al-juttat<sup>i</sup>* (onde está o cadáver). Então tudo advindo de *jā'a* (veio) e *takūn* (está) tem lugar de genitivo no estado construto. O significado implícito do primeiro é: quando foi a chegada do filho do Homem; enquanto o do segundo é: o lugar da presença do cadáver.

الرابعة، المضاف إليها ظرف زمانٍ أو مكانٍ مثال  
الزمان إذا جاء ابن البشر ومثال المكان حيث  
تكون الجثة فكلٌّ من جاء وتكون في محلّ جرّ  
بالإضافة تقدير الاول حين مجيء ابن البشر  
وتقدير الثاني مكان وجود الجثة

A quinta está na posição de resposta de uma condicional no jussivo, iniciada com a letra “fā” ou o “ida”. Como está nos ditos do Altíssimo: *'in lam tataūabū fajamī<sup>r</sup>ukum tahlakūn* (se não vos arrependerdes, então vós todos perecereis<sup>103</sup>). Assim, a frase *fajamī<sup>r</sup>ukum tahlakūn* (vós todos perecereis) tem lugar de jussivo, porque é resposta da condicional.

الخامسة، الواقعة جوابًا لشرطٍ جازمٍ مقترنةً  
بالفاء أو إذا كقوله تعالى إن لم تتوبوا فجميعكم  
تهلكون فجملة جميعكم تهلكون محلها الجزم  
لأنها جواب الشرط

<sup>99</sup> Evangelho de São Lucas, capítulo 23, versículo 48.

<sup>100</sup> Evangelho de São João, capítulo 18, versículo 37

<sup>101</sup> A construção إضافة / 'idāfa, traduzida por “estado construto” foi mencionada no capítulo 1 (vide nota 47). Trata-se de uma construção de dois termos em que o segundo estará no genitivo.

<sup>102</sup> A expressão “filho do Homem” é comumente trazida na Bíblia para se referir a Jesus. Ele próprio se chama assim, como em “o filho do Homem veio para salvar o que estava perdido” (Mt 18,11)

<sup>103</sup> Evangelho de São Lucas, capítulo 13, versículo 5



A sexta é seguinte a um único vocábulo, como nas palavras do Altíssimo: *ka'unās yantaḍirūn* (como gente que esperam<sup>104</sup>). Então a frase *yantaḍirūn* (que esperam) está no lugar de genitivo porque é uma descrição de *'unās* (gente).

السادسة، التابعة لمفردٍ كقوله تعالى كأناسٍ  
ينتظرونَ فجملَةٌ ينتظرونَ محلها الجرّ لأنها  
نعتٌ لأناسٍ

A sétima é seguinte a uma frase que possui lugar de inflexão de caso e modo. É como diz o profeta: *Allah yumīt wa yuḥyī* (Deus faz morrer e faz viver<sup>105</sup>). Então a frase “faz viver” está no lugar de nominativo, pois está conectado à *yumīt* (faz morrer), que por sua vez está na posição de predicado do tópico *Allah* (Deus).

السابعة، التابعة لجملَةٍ لها محلٌّ من الاعراب  
كقول النبي الله يُميت ويحيي فجملَةٌ يُحيي  
محلُّها الرفع لأنها معطوفةٌ على جملة يُميت  
الواقعة خبرًا للمبتدأ

Uma das características mais marcantes desse trecho é o uso de passagens bíblicas como exemplos nas explicações gramaticais. Farhat cita principalmente trechos do Novo Testamento (Evangelhos de São Lucas e São João e uma das epístolas de São Paulo), embora também recorra a passagens do Antigo Testamento (primeiro livro do profeta Samuel). Esse recurso metodológico, como mencionado no capítulo anterior, é recorrente ao longo de toda a obra e mostra a coerência do autor em relação ao seu público-alvo.

Em relação ao conteúdo dessa questão, Germanos explica sete posições que a frase pode ocupar: predicado (خبر / *ḥabar*); circunstância (حال / *ḥāl*); objeto (مفعول / *maʿfūl*); segundo termo do estado construto (مضاف إليه / *muḍāf ilāhi*); resposta de uma condicional (جواب لشرط / *jawāb liṣart*); seguinte a um único vocábulo (تابعة لمفرد / *tābiʿa limufard*); e seguinte a uma frase que possui lugar de inflexão de caso e modo (تابعة لجملَةٍ لها محلٌّ من الإعراب / *tābiʿa lijumla laha fī maḥall al-ʿirāb*).

O autor diz que essas posições são محلّ من الإعراب / *maḥall min al-ʿirāb*, que se traduziu por “lugar de inflexão de caso e modo”. Esse “lugar” (محلّ / *maḥall*) é na verdade a função sintática que a frase vai ocupar em todo o enunciado, conforme explica Al-Daḥdāḥ (1993, p.550): “o lugar na sintaxe designa a função gramatical que o nome, o verbo ou a frase emerge”<sup>106</sup>. Sendo assim, o autor descreve que uma frase, ao estar na posição de complemento, pode assumir essas sete diferentes funções.

<sup>104</sup> Evangelho de São Lucas, capítulo 12, versículo 36

<sup>105</sup> Primeiro Livro de Samuel, capítulo 2, versículo 6

<sup>106</sup> المحلّ في النحو يعين الوظيفة الإعراب التي يقوم بها الاسم أو الفعل أو الجملة

Logo no título da “Questão Primeira”, há الإعراب / *al-‘i‘rāb*, termo que não possui equivalente em português. Germanos o conceitua como “a mudança na situação final [das palavras] do discurso para diferenciar os componentes interiores a ele, enquanto expressão ou termo com significado implícito”<sup>107</sup> (p.154). Em sua proposta de harmonização, Caffaro (2018) descreve esse termo como “variação das desinências de caso (nos nomes declináveis) e de modo (nos verbos imperfectivos) após a sua inserção no discurso” (p.89).

Uma das funções que a frase pode assumir é a de مفعول / *maf‘ūl*. Esse termo é o particípio passivo do verbo fazer (فَعَلَ / *fa‘ala*) e Al-Daḥdāḥ (1993, p.595) o define como “nome terminado em *fathā*<sup>108</sup> sobre o qual recai a ação do agente”<sup>109</sup>. É, pois, correspondente ao objeto na sintaxe da língua portuguesa e essa terminação em *fathā* marca o caso acusativo, podendo, pois, esse termo ser harmonizado também como “complemento acusativo”.

Há ainda a função de segundo termo do estado construto (مضاف إليه / *muḍāf ‘ilayhi*). A expressão مضاف إليه / *muḍāf ‘ilayhi* significa literalmente “anexado a ele” e refere-se ao fato de que vem sempre logo em seguida a um outro nome, chamado مضاف / *muḍāf* (literalmente “anexado”), especificando-o e recebendo obrigatoriamente a marcação fonético-morfológica de genitivo. Essa construção de dois termos é chamada de إضافة / *‘iḍāfa*, que na terminologia ocidental consolidou-se como “estado construto” (OUWAYDA, 2012, p.79) e é descrita por Germanos como “a relação de um nome com outro”<sup>110</sup> em que “o primeiro é chamado ‘primeiro termo do estado construto’ e o segundo de ‘segundo termo do estado construto’”<sup>111</sup> (p.275). Esse segundo termo poderá ser ظرف زمان أو مكان / *ḍarf zamān ‘aw makān*. Segundo Caffaro (2018), os gramáticos árabes definem ظرف زمان / *ḍarf zamān* como “um nome acusativo que indica o tempo do acontecimento da ação verbal” (p.123) e ظرف مكان / *ḍarf makān* como “um nome acusativo que indica o lugar do acontecimento da ação verbal” (p.122). Analisando essa construção de adjunção com os termos da sintaxe do português, o nome acusativo se assemelha ao nosso adjunto adverbial, que, segundo Cunha e Cintra (1985), expressa a circunstância da ação, como o tempo e o lugar.

Há também a resposta de uma condicional (جواب لشرط / *jawāb lišarṭ*). Segundo Câmara Jr (2007, p.94), a frase que expressa condição no português “constitui-se assim uma

<sup>107</sup> تغيير احوال أو آخر الكلم لاختلاف العوامل الداخلة عليها لفظاً أو تقديراً

<sup>108</sup> Vogal breve de som /a/, representada por um diacrítico.

<sup>109</sup> اسم منصوب يقع عليه فعل الفاعل. Esse “agente” é o sujeito da Frase Verbal (vide nota 97)

<sup>110</sup> الإضافة هي نسبة اسم إلى آخر

<sup>111</sup> يُسمى الاول مضافا والثاني مضاف إليه

frase de duas orações, em que uma é a CONDICIONANTE, ou PRÓTASE, e a outra a CONDICIONADA, ou APÓDOSE”. A apódose corresponde a جواب لشرط / *jawāb liṣarṭ* em árabe. Farhat usa de exemplo a passagem bíblica *‘in lam tatūbū fajamī’ukum tahlakūn*, que em português traduziu-se como “se não vos arrependerdes, então vós todos perecereis”. Assim como a sentença em árabe, para expressar condição, exigiu a combinação do *‘in* – no início da primeira frase – com a letra *fā’* – junto à primeira palavra da resposta –, no português houve a necessidade da prótase iniciada em “se” e a apódose em “então”, o que mostra que as duas línguas constroem a relação de condição de maneira análoga.

A sexta posição possível de uma frase é seguinte a um مفرد / *mufard*. Para Al-Daḥdāḥ (1993, p.590), o مفرد / *mufard* “é uma situação gramatical para o nome que indica unidade”<sup>112</sup>. No exemplo *ka’unās yantaḍirūn* (como gente que esperam), o vocábulo *‘anās* é morfológicamente singular, no entanto tem o significado plural de pessoas, o que explica o verbo conjugado no plural. É, portanto, correspondente ao nosso substantivo coletivo, que fora da gramática normativa aceita o verbo conjugado no plural.

Ao longo de sua explicação, Germanos fala do lugar (محلّ / *maḥall*) de الرفع / *ar-rafʿ*, النصب / *an-naṣb*, الجرّ / *al-jarr* e الجزم / *al-jazm*. Segundo Caffaro (2018, p.115), “a tradição gramatical árabe usa o mesmo termo إعراب / *iʿrāb* para denotar dois processos: a variação vocálica final nos nomes, ou seja, das desinências dos casos nominais; e a variação modal, nos verbos imperfectivos”. Ou seja, o árabe é uma língua que marca fonética e morfológicamente as variações de caso e modo. A autora elabora, ainda, uma tabela explicativa (Tabela 1) sobre os termos árabes e seus equivalentes em português, com base em Bohas et al (2006).

Vogal	u ُ	a َ	i ِ	Ø ∅
Termo técnico	رَفْعٌ rafʿ	نَصْبٌ naṣb	جَرٌّ jarr	جَزْمٌ jazm
Nome	Nominativo	Acusativo	Genitivo	-
Verbo	Indicativo	Subjuntivo	-	Jussivo/Apocopado

Tabela 1 – Termos árabes do الإعراب / *al-iʿrāb* e seus equivalentes em português (CAFFARO, 2018, p. 115).

<sup>112</sup> وضع صرفي للاسم الذي يدلّ على واحد

Assim, quando Farhat diz das frases no lugar de الرَّفْع / *ar-raff*, النَّصْب / *an-naṣb*, الجَرّ / *al-jarr* ou الجُزْم / *al-jazm*, quer dizer que elas desempenham a função dos nomes e verbos nessas condições.

Tendo falado das frases que possuem a mesma função das palavras flexionadas em caso (verbos) e modo (nomes declináveis), o autor segue explicando as que não terão esse lugar:

Questão Segunda  
Da Frase que não possui lugar de inflexão  
de caso e modo

As frases que não possuem lugar de caso  
e modo são sete:

A primeira é a primária, como *Buṭrus qā'im* (Pedro está de pé) ou *qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro).

A segunda é a da cláusula do relativo, por exemplo *yasūc alladī kafartum bihi* (Jesus em quem não acreditastes). Então, *kafartum* (não acreditastes) não possui lugar de caso e modo porque é cláusula de *alladī* (que).

A terceira é a frase interposta, que está entre o elemento ativo e o elemento passivo [da frase], como no dito:

*'in attamanīn wabalaḡtahā*  
(Os oitenta, e chegarás lá,)  
*qad 'aḡwajat sam'ī 'ila turjumān*  
(fizeram meu ouvido precisar de um  
intérprete<sup>113</sup>)

Então a frase *wabalaḡtaha* (e chegarás lá) não tem lugar, pois é uma interposta.

A quarta é a frase explicativa, como no exemplo *Buṭrus' ra'ait'hu* (Pedro, eu o vi). Então *ra'aituhu* (eu o vi) não tem lugar, pois é explicativa de uma frase avaliada e o sentido implícito é *ra'aytu Buṭrus'* (eu vi

المطلب الثاني

في الجملة التي لا محلّ لها من الإعراب

الجملة التي لا محلّ لها من الإعراب سبعُ

الأولى، الابتدائية مثل بطرس قائم وقام بطرس

الثانية، صلة الموصول نحو يسوع الذي كفرتم  
به فجملة كفرتم لا محلّ لها من الإعراب لأنها  
صلة الذي

الثالثة، الجملة المعترضة ما بين العامل  
ومعموله كقوله

إن الثمانين وبلغتها

قد أحوجت سمعي إلى ترجمان

فجملة وبلغتها لا محلّ لها لأنها معترضة

الرابعة، الجملة المفسرة نحو بطرس رأيتُهُ  
فرأيتُهُ لا محلّ لها لأنها مفسرة لجملة مقدرة

<sup>113</sup> Verso de 'Aūf Bin Muḡallim Alḡuzā'i (753-835). Embora o verbo بَلَّغْتَ / *balaghta* (chegaste) esteja no pretérito perfeito, está indicando um futuro: "tu chegarás lá".

Pedro). *ra'ayt<sup>u</sup>hu* (eu o vi) também foi comentado no capítulo do o objeto anteposto.

A quinta está na posição de complemento ao juramento, como nas palavras do Altíssimo: *'uqsim bidātī 'innī li'ubārikannaka* (eu juro por mim mesmo que vos abençoarei<sup>114</sup>). Então a frase *'innī li'ubārikannaka* (eu vos abençoarei) não tem lugar porque é complemento ao juramento.

A sexta está na posição de resposta a uma condicional no jussivo não acompanhada do *fā'* ou do *'idā*, como no exemplo: *'in tazurnā, nazurka* (visita-nos, que te visitamos<sup>115</sup>), então a frase *nazurka* (te visitamos) não tem lugar porque não está ligada a um *fā'*; ou na de condição não-jussiva como *'idā* (se/caso), *law* (se/caso) ou *laūlā* (se não fosse), como no exemplo: *'idā qumta, qumnā* (se te levatares, nos levantamos), então a frase *qamnā* (nos levantamos) não tem lugar, pois é resposta a uma condicional não-jussiva e assim por diante.

A sétima é a seguinte quando esta não possui lugar de inflexão de caso e modo, como nas palavras do Evangelista: *jā' ra'īs wāḥid wa-sajada lahu* (veio um chefe prostrando-se diante dele<sup>116</sup>). Então a frase *sajada lahu* (prostrando-se diante dele) não possui lugar porque está copulada à frase *jā'* (veio) que por sua vez não tem lugar porque é primária.

والتقدير رأيت بطرس رأيتُهُ كما مرَّ بيِّنا هذا في  
باب الاشتغال

الخامسة، الواقعة جوابًا للقسم كقوله تعالى  
أقسم بذاتي إنني لأباركَنَّك فجملة إنني لأباركَنَّك  
لا محلَّ لها لأنها جوابٌ للقسم

السادسة، الواقعة جوابًا لشرطٍ جازمٍ لم يقترن  
بالفاء أو إذا نحو إن تزرننا نزرُك فجملة نزرُك لا  
محلَّ لها لأنها غير مقترنةٍ بالفاء أو لشرطٍ غير  
جازمٍ مثل إذا ولو ولولا نحو إذا قمتَ قمنا  
فجملة قمنا لا محلَّ لها لأنها جواب شرطٍ غير  
جازمٍ وقس مثله عليه

السابعة، التابعة لما لا محلَّ لها من الإعراب  
كقول البشير جاءَ رئيس واحدٌ وسجد له  
فجملة سجد له لا محلَّ لها لأنها معطوفة على  
جملة جاءَ التي لا محلَّ لها لأنها ابتدائية

Na “Questão Segunda” da “Pesquisa Primeira”, Germanos explica sobre as frases que não compõem o grupo das que são classificadas como tendo a mesma função dos nomes ou

<sup>114</sup> Carta de São Paulo aos Hebreus, capítulo 6, versículos 13-14.

<sup>115</sup> No árabe, antes de verbo *tazurnā* (literalmente “tu nos visitas”) há a partícula *'idā* (se/caso), mas não há o pronome “que” antecedendo *nazurka* (te visitamos). Todavia, optamos pela tradução “visita-nos que te visitamos” para expressar a ideia do jussivo (pedido/ordem/exortação) e ser condizente com a explicação de Germanos.

<sup>116</sup> Evangelho de Mateus, capítulo 9, versículo 18.

verbos, flexionados, respectivamente, em caso e modo. Ou seja, são as frases que não estão no grupo das que foram apresentadas na “Questão Primeira”.

O autor apresentará um grupo de sete frases. A primeira é a que ele chama de primária, ou seja, a do tipo mais básico. Pode ser uma “Frase Nominal” com o خبر / *ḥabr* (predicado) sendo apenas um único vocábulo, assim como o مبتدأ / *mubtada’* (tópico); ou uma “Frase Verbal” com apenas o فاعل / *fā’il* (agente) e o verbo.

A segunda frase é a posterior à صلة الموصول / *ṣilat al-mawṣūl*, que se traduziu como “cláusula do relativo”. Ambas as palavras – صلة / *ṣilat* e الموصول / *al-mawṣūl* – derivam da mesma raiz وصل / *w ṣ l*, que significa “unir” / “juntar”. O particípio passivo الموصول / *al-mawṣūl* “unido” faz referência ao اسم الموصول / *ism al-mawṣūl* (nome do unido/ligado), descrito por Farhat como: “disse Ibn al-Ḥājjib, o ‘unido’ é o que está completo enquanto componente apenas com a cláusula, que por sua vez é o pronome que se refere a um termo precedente”<sup>117</sup> (p.147). O que se traduziu por “cláusula” é o substantivo صلة / *ṣilat*, que significa “união”, e é na verdade o pronome relativo الذي / *alladhī* (que). Assim, a segunda frase é a que vem depois do pronome relativo.

A terceira é a frase معترضة / *mu‘taraḍa*, particípio passivo de اعترض / *i‘taraḍa* (interpor), ou seja, aquele que está posto entre (*inter*) duas coisas. Essas duas coisas são o عامل / *‘āmil* e o معمول / *ma‘mūl*, que são respectivamente os elementos ativo e passivo da frase, ou seja, entre o que faz algo e o que sofre esse algo feito. Na prática – pensando no português – terá a função de aposto, um adendo que “fica entre duas pausas e na escrita entre duas vírgulas” (Câmara Jr, 2007, p.68). Um dos detalhes mais interessantes é que o exemplo usado é o verso de uma poesia de ‘Aūf Bin Muḥallim, poeta que viveu logo após o advento do Islã no norte da atual Síria. Isso seria mais um indicativo do conhecimento de Germanos sobre os clássicos árabes. No entanto, as edições de al-Bustānī e Tobia trazem um exemplo diferente:

A terceira é a frase interposta, que está entre o elemento ativo e o elemento passivo, como: *ra‘āitu wayasū‘ maṣlūb aššams maksūfa* (eu vi, enquanto Jesus estava crucificado, o sol eclipsado<sup>118</sup>). Então a frase *wayasū‘ maṣlūb* (enquanto Jesus estava crucificado) não possui lugar,

الثالثة، الجملة المعترضة ما بين العامل ومعموله مثل رأيتُ ويسوع مصلوبُ الشمس مكسوفةً فجملة ويسوعُ مصلوبُ لا محلَّ لها لانها معترضةٌ ما بين الفاعل والمفعول

<sup>117</sup> قال ابن الحاجب الموصول ما لا يتّم جزءاً إلا بصلةٍ وعائد

<sup>118</sup> O episódio do eclipse no instante da morte de Jesus na cruz é descrito nos três Evangelhos Sinóticos (Marcos, Mateus e Lucas). No entanto, em nenhum deles a passagem aparece como está nessas edições, sendo, pois, uma adaptação.

pois é interposta, é o que está entre o agente e o objeto.

Sendo assim, não há como saber quem optou por citar o verso de um poeta clássico: o autor ou o editor.

A quarta frase trata de uma explicação sobre o tópico (مبتدأ / *mubtada'*), que o autor chamou de جملة مقَدَّرة / *jumla muqaddara*, traduzida como “frase avaliada”, no sentido de que é necessário dizer algo sobre ela. Note que nos exemplos dados por Farhat, *Buṭrus* (Pedro) assume diferentes funções sintáticas: na primeira de tópico – *Buṭrus<sup>u</sup> ra'ait<sup>u</sup>hu* (Pedro, eu o vi) – e na segunda de objeto – *ra'aitu Buṭrus<sup>a</sup>* (eu vi Pedro). Numa leitura mais atenta, percebe-se que no primeiro caso enfatiza-se *Buṭrus* (Pedro) e é uma construção recorrente no português coloquial.

No caso da quinta frase, tem-se o complemento a um verbo que tem o sentido de “jurar” / “prometer”, sendo, pois, um contexto bastante específico. Em se tratando da sexta frase, tem-se uma resposta a uma condicional não acompanhada das partículas habituais de uma condicional, estando ou não o verbo no jussivo.

Por fim, a sétima é a frase que está ligada a uma frase primária. No exemplo *jā' ra'īs wāḥid wa-sajada lahu* (veio um chefe prostrando-se diante dele), o trecho *wasajada lahu* (prostrando-se diante dele) refere-se à frase primária *jā' ra'īs* (veio um chefe).

Em seguida, a última questão dessa pesquisa:

#### Questão Terceira Da Frase Predicativa

A frase predicativa é complemento para a exatidão e a inexactidão

Se o restante da frase se posiciona depois do nome determinado, será de circunstância, por exemplo: *jā'a Buṭrus waš-šams<sup>119</sup> ṭāli<sup>c</sup>at<sup>un</sup>* (Pedro veio estando o sol poente). Então a frase *waš-šams ṭāli<sup>c</sup>at<sup>un</sup>* (estando o sol poente) tem lugar de complemento acusativo de circunstância de *Buṭrus* (Pedro).

#### المطلب الثالث

#### في الجملة الخبرية

الجملة الخبرية هي المحتملة للصدق والكذب

فان وقعت فضلةً بعد المعرفة كانت حالاً نحو  
جاء بطرسُ والشمسُ طالعةٌ فجملتهُ والشمسُ  
طالعةٌ في محلِّ نصبٍ حالاً من بطرسَ

<sup>119</sup> Optou-se por transliterar الشمس e por *waš-šams*, com a junção do /a/ da conjunção aditiva *wa* (e) com o /a/ do artigo *al*, pois no árabe no árabe seria assim pronunciado.

Mas, se ela se posicionar depois de um nome indeterminado, será um adjetivo para tal nome, por exemplo: *jā'a rajul yarkuḍ* (veio um homem correndo). Desse modo, a frase *yarkuḍ* (correndo) é adjetivo *rajul* (um homem).

وإن وقعت بعد النكرة كانت نعتًا لتلك النكرة  
نحو جاء رجلٌ يركض فجملة يركض نعتٌ  
لرجلٍ

E é da mesma forma a regra do advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo, como por exemplo: *jā'a yasū' bayna talāmīdihī* (veio Jesus entre os seus discípulos); *ḍahaba Buṭrus 'ala jawādihi* (foi Pedro sobre seu cavalo); *ra'aytu rajalan 'indaka 'aw fī addār* (eu vi um homem junto a você ou na casa).

وهكذا حكم الظرف والجارّ والمجرور نحو جاء  
يسوع بين تلاميذه وذهب بطرس على جواده  
ورأيت رجلًا عندك أو في الدار

A “Questão Terceira” é uma breve explicação sobre a Frase Predicativa, que virá como complemento à *صدق / ṣiḍq* ou *كذب / kadḍb*, respectivamente “exatidão” e “inexatidão”. A exatidão se refere ao *معرفة / ma'rafa* (nome determinado) e a inexatidão ao *نكرة / nākira* (nome indeterminado). Segundo o autor, o que se segue a um nome determinado é classificado como *حال / ḥāl* (circunstância). Já o que está posterior a um nome indeterminado será um *نعت / ni'at* (adjetivo), ou, analogamente ao português, um adjunto adnominal, descrito por Cunha e Cintra (1985, p.145) como “um termo de valor adjetivo”.

Encerrando essa questão, o autor Germanos comenta que *ظرف / ḍarf* (advérbio), *جارّ / jārr* (regente de genitivo), e *مجرور / majrūr* (nome no genitivo) – sobre os quais ele explica na pesquisa seguinte – se comportam de forma similar e traz exemplos de cada uma dessas ocorrências. Nas edições de al-Bustānī e Tobia, há exemplos diferentes, no entanto o comentário se mantém exatamente igual:

E é da mesma forma a regra do advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo, como por exemplo: *jalasa yasū' fawqa al-jabal* (Jesus sentou-se na montanha); *tajalla 'ala aṭṭūr* (ele se transfigurou sobre o monte); e *ra'aytu rajal<sup>an</sup> 'indaka 'aw fī addār* (eu vi um homem junto a você ou na casa).

وهكذا حكم الظرف والجارّ والمجرور نحو  
جلس يسوع فوق الجبل وتجلّى على الطور  
ورأيت رجلًا عندك أو في الدار



A diferença nos exemplos novamente possibilita a hipótese de que os editores intervinham no texto.

Terminada a "Pesquisa Segunda", inicia-se, pois, a "Pesquisa Terceira":

Pesquisa Terceira  
Da terminação do advérbio, do regente  
de genitivo e do nome no genitivo  
E nela há duas questões

Questão Primeira  
Do referente do advérbio, do regente de  
genitivo e do nome no genitivo, que são  
proferidos com ele

O advérbio, o regente de genitivo e o  
nome no genitivo se referem ao verbo e  
ao que deriva dele.

Esse verbo pode ser tanto geral quanto  
particular. O geral é todo verbo que indica  
um significado de acontecimento. O  
particular é diferente dele.

Então, caso o referente seja um particular,  
será necessário mencioná-lo, como no  
exemplo *ṣumtu yawm al-jumʿa wa-  
ṣallaytu fī al-bīʿa* (eu jejeuei sexta-feira e  
rezei no templo cristão). Então, o  
advérbio e a partícula de genitivo<sup>120</sup> são  
os referidos ao *ṣumtu* (jejeuei) e  
*ṣallaytu*(rezei).

Nota: quando adiantares o regente de  
genitivo ou o nome no genitivo ao  
referente, isso servirá para restringir [o  
sentido]; e para o caso em que os  
pospuseres, não há necessidade de  
exemplo. Se disseres *biZayd<sup>in</sup> marartu*  
(com o *Zayd* eu passei) é depreendido que  
não terias passado se não fosse com o

البحث الثالث  
في احكام الظرف والجار والمجرور وفيه  
مطلبان

المطلب الاول  
في متعلق الظرف والجار والمجرور الملفوظ  
به

يتعلق الظرف والجار والمجرور بالفعل وما  
يشتق منه

ثم هذا الفعل إما عام وإما خاص فالعام هو كل  
فعل دلّ على معنى الحصول الخاص غيره

فان كان المتعلق خاصاً وجب ذكره نحو صمّت  
يوم الجمعة وصليت في البيعة<sup>121</sup> فالظرف  
وحرف الجرّ متعلقان بصمّت وصليت

تنبيه متى قدّمت الجار والمجرور على متعلقه  
افاد الحصر ومتى أخرته فلا مثال ذلك اذا قلت  
بزيد مررت يفهم منه انك لم تمرّ إلا بزيد وحده  
ومنه قول البشير به كانت الحياة اي ان الحياة

<sup>120</sup> حرف الجرّ / *ḥarf al-jarr* (partícula de genitivo) e جارّ / *jārr* (regente de genitivo) nomeiam a mesma coisa: as  
partículas que regerão genitivo.

<sup>121</sup> البيعة / *al-bīʿa* é o nome pelo qual os muçulmanos se referiam aos locais cristãos de oração (Igrejas) e que  
também pode significar "abadia".

*Zyad*, e somente com ele. Daí as palavras do Evangelista: *bihi kānat al-ḥayāt* (nele estava a vida<sup>122</sup>), o que quer dizer que não há vida a não ser em Jesus, e somente nele. Portanto, se disseses *marartu biZayd<sup>in</sup>* (eu passei com o *Zayd*), não se depreende que não passarias senão com ele.

لم توجد إلا بيسوع وحده وإذا قلت مررت بزید  
لا يفهم منه أنك ما مررت إلا به

Nota: o pronome terá uma *kasra*<sup>123</sup> se ocorrer depois do *yā'* com *sukūn*<sup>124</sup> como em *fīhi* (nele), *yarmīhi* (ele o joga) e *‘alayhima* (sobre eles/elas dois/duas) ou depois de uma partícula vocalizada com *kasra*, como: *marartu bihi* (eu passei com ele) e *biḡulāmihi* (com o seu criado). Então o pronome vocalizado com a *kasra* aqui é por causa da letra adjacente e quando a *kasra* é removida, fica com uma *ḍamma*.

تنبيه، تكسر هاء الضمير اذا وقعت بعد ياء  
ساكنة مثل فيه ويرميه وعليهما أو بعد حرف  
مكسور مثل مررت به وبغلامه فالضمير  
مكسور هنا للمجاورة ومتى زال كسر ما قبله  
ضُمَّ

Na “Pesquisa Terceira”, Farhat descreve o uso dos mesmos três componentes que ele mencionou logo anteriormente: *ظرف* / *ḍarf* (advérbio), *جَار* / *jārr* (regente de genitivo) e *مَجْرور* / *majrūr* (nome no genitivo). O *ظرف* / *ḍarf*, já comentado, é um termo que denota o lugar ou o tempo da ação do verbo, e se assemelha aos nossos advérbios ou adjuntos adverbiais de tempo e lugar. O *جَار* / *jārr* (regente de genitivo), como veremos, é aquele ao qual o pronome oblíquo<sup>125</sup> ou o substantivo virá junto. Já o *مَجْرور* / *majrūr* (termo no genitivo) é descrito por Al-Daḥdāḥ (1993, p.546) por um nome que “carrega em seu final o sinal de genitivo e flexiona-se tanto por vogais breves<sup>126</sup> quanto por letras”<sup>127</sup>.

De acordo com Germanos, esses termos são referidos a um verbo, que por sua vez pode ser geral – um mesmo verbo é o referente de todos os termos da oração – ou particular – em que há mais de uma ação, portanto dois verbos diferentes, como *صُمت* / *ṣumtu* (jejuei) e *صَلَّيت* / *ṣallaytu* (rezei), no exemplo da explicação.

<sup>122</sup> Evangelho de São João, capítulo 1, versículo 4.

<sup>123</sup> É o nome da vogal breve /i/.

<sup>124</sup> Nome do diacrítico que representa a não ocorrência das vogais breves /a/, /i/ e /u/, na quela sílaba.

<sup>125</sup> O pronome oblíquo é chamado por Cowan (2007) de “pronome sufixado” (p.57), pois no árabe vem como um sufixo do verbo ou da partícula.

<sup>126</sup> A vogal breve é majoritariamente /i/, mas de acordo com o autor /a/ também é possível em alguns casos. Logo em seguida, o autor menciona que também é possível essa flexão com uma letra, o *yā'*.

<sup>127</sup> يحمل الاسم المجرور علامة الجر في آخره ويُعزب إِمَّا بالحركات وإِمَّا بالحروف

O autor, ainda, chama atenção à restrição de sentido caso o referido – ظرف / *darf* (advérbio), جَارٍ / *jārr* (regente de genitivo) e مجرور / *majrūr* (nome no genitivo) – venha antes do referente – o verbo. Nesse contexto, haverá um sentido de exclusividade atrelado ao referido, ou seja, a ação do verbo ocorrerá apenas com ele. Isso não acontece se o referido vier depois, o que é mais comum. É interessante notar que para exemplificar suas explicações, o autor interrompe a menção a *Buṭrus* e a substitui por *Zayd*, como se faz nas gramáticas muçulmanas. Isso mostra que, apesar das críticas do autor, ele de fato recorre aos tradicionais estudiosos da língua, muçulmanos.

Finalizando, há algo mais a que Farhat pede que o estudante esteja atento: à mudança fonética de /u/ para /i/ no caso do pronome oblíquo de terceira pessoa do singular masculino, a depender do termo ao qual ele está sufixado.

Na última questão da pesquisa – e de todo o livro – diz:

#### Questão Segunda

Da supressão do referente do advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo excluído

Se o que for o referente do advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo for um [verbo] geral, será necessário suprimi-lo, e o referente não será um [verbo] geral a não ser que o advérbio e o nome no genitivo sejam cláusula [do relativo], adjetivo, predicado ou circunstância.

Exemplo de cláusula [do relativo]: *marartu bi-alladī ʿindaka ʿaw fī addār* (eu passei com aquele que está contigo ou na casa); exemplo de adjetivo: *marartu bi-rajilīn ʿindaka ʿaw fī addār* (eu passei com um homem, ele está contigo ou na casa); exemplo de predicado: *Buṭrus ʿindaka ʿaū fī addār* (Pedro está contigo ou na casa); e exemplo de circunstância: *jāʿ Buṭrus fawq al-markaba ʿaw ʿala al-ḥimārī* (Pedro veio em cima de uma carroça ou sobre um burro). Então, o que está relacionado a eles nessas quatro posições foi suprimido e é obrigatório reconhecê-lo como

#### المطلب الثاني

في متعلق الظرف والجار والمجرور المحذوف

إذا كان متعلق الظرف والجار والمجرور عامًّا وجب حذفه ولا يكون المتعلق عامًّا إلا إذا كان الظرف والمجرور صلةً أو صفةً أو خبرًا أو حالًا

مثال الصلة مررت بالذي عندك أو في الدار  
ومثال الصفة مررت برجلٍ عندك أو في الدار  
ومثال الخبر بطرسُ عندك أو في الدار ومثال  
الحال جاء بطرسُ فوق المركبة أو على الحمارِ  
فالمتعلق به في هذه الاماكن الاربعة محذوفٌ  
وجوبًا تقديره كائنٌ أو حاصلٌ أو مستقرٌّ أو  
حصل وما أشبه ذلك إلا في الصلة فيتعين

objeto, resultado, algo fixo ou acontecimento, e coisas semelhantes. Isso exceto no caso da cláusula [do relativo], cujo sentido das expressões relacionadas deve ser considerado com o verbo, uma vez que a cláusula [do relativo] é apenas frase, como sabes.

تقديره بالفعل لأن الصلة لا تكون إلا جملة كما  
عرفت

Portanto, o que está referido a eles, seja [verbo] geral ou particular, será um elemento ativo tanto no advérbio, regente de genitivo e nome no genitivo, quanto junto ao *rubba*, ao *ka-* de comparação e ao *lawla*. Quanto às partículas adicionais do genitivo, estas não se relacionam a nada.

ثم أن المتعلق به سواء كان عامًّا او خاصًّا يكون  
عاملاً في الظرف والجار والمجرور واما رُبَّ  
وكاف التشبيه ولولا وحروف الجرّ الزائدة فلا  
تتعلق بشيء

Farhat continua, pois, sua explicação sobre os três termos referidos, mas agora com a supressão do referente – ou seja, do verbo. Essa supressão acontecerá com o verbo geral, ou seja, que é o referente a todos os termos da frase. Mas, para que haja esse verbo geral, é obrigatório que o referido seja صلة / *šilaa* (cláusula do relativo), صفة / *šifa* (adjetivo), خبر / *ḥabr* (predicado) ou حال / *ḥāl* (circunstância), lembrando que no caso da circunstância e do adjetivo há aquela informação da “Questão Terceira” da “Pesquisa Segunda”: estão relacionados aos nomes determinado e indeterminado respectivamente. Fechando a questão, o autor salienta que o verbo em todas as ocorrências acima descritas – ou seja, verbo geral ou verbo particular – será um elemento ativo, ou seja, estará no que em português classifica-se como voz ativa.

Encerrando a pesquisa, o autor exorta o estudante a não se preocupar demasiadamente com as regras, pois aquilo que padroniza a língua é, na verdade, o próprio uso por parte dos falantes:

Atenção, tudo o que mencionamos nessa obra acaba em usos aceitos no geral e analogias. Portanto, o padrão de uso é o que está livre de barreiras e definições, então use e não seja duro sobre isso. O padrão é o que transcende barreiras e definições, então use e compare.

تنبيه، جميع ما ذكرناه في هذا المؤلف ينتهي  
إلى السماع والقياس فضابط السماع ما كان  
خالياً من الحدّ والتعريف فاسمعه ولا تقس  
عليه وضابط القياس ما كان له حدُّ وتعريفُ  
فاسمعه وقس عليه

E como não poderia faltar, tendo o autor inaugurado sua obra dirigindo-se à Santíssima Trindade tão eloquentemente, também a encerrará clamando a Deus que abençoe os que recorrem a Ele, que como assim o fariam se não pela própria língua, seja árabe, siríaca ou qualquer outra:

Eis o fim. Ouça-nos então, ó Deus, essa voz emanada pelo povo de fé, por Vossa misericórdia, ó Misericordiosíssimo dentre os misericordiosos. Amém.

انتهى فاسمعنا اللهم ذلك الصوت المقول  
لأهل اليمين برحمتك يا أرحم الراحمين. آمين.

## Considerações finais

A comunidade maronita se desenvolveu no contato com variados atores com os quais coabitava as áreas dos atuais Líbano e Síria: Império Bizantino, muçulmanos da Península Arábica, cruzados, Império Otomano e missionários da Igreja Católica Latina. No encontro com diferentes comunidades, com suas crenças e organização sócio-política, foi internamente influenciada, incorporando e acomodando diferentes elementos na consolidação de sua identidade. Um desses elementos é a própria língua, que passou a ser usada nos ritos, orações e hinos, bem como nas produções teológicas e catequéticas.

Farhat exerceu um papel preponderante na assimilação do árabe pelos maronitas. Sua atuação foi ao mesmo tempo piedosa, erudita, artística e conciliadora, considerando as necessidades de adaptação que o contexto demandava. O trabalho do autor não apenas colaborou para que sua Igreja adotasse o árabe, mas contribuiu para que seus conterrâneos fossem atores ativos na produção intelectual e literária em língua árabe, especialmente na *Nahḍa*. Assim, os maronitas não apenas foram influenciados pela presença árabe e muçulmana, mas puderam compor a identidade cultural especialmente do Líbano. É importante comentar, no entanto, que o siríaco ainda se mantém na comunidade e Liturgia dos seguidores de São Maron, ainda que de modo menos expressivo que o próprio árabe.

Uma de suas obras que mais reverberou entre os estudantes cristãos dos séculos XVIII a XX foi “*Baḥṭ al-maṭālib*”. Nela, Germanos abordou os conceitos gramaticais árabes principais, de modo simplificado e com referências cristãs, embora não tenha deixado de fazer referência, como vimos, a elementos das gramáticas muçulmanas, e de citar estudiosos muçulmanos.

Conforme De Luca (2021), várias foram as edições, manuscritas e impressas, de “*Baḥṭ al-maṭālib*”. Nesta dissertação, foram comparados os trabalhos de edição de aš-Šartūnī, al-Bustānī e Mtīnī, e, a partir dessa comparação, foi apresentado de maneira geral o conteúdo e organização da obra. Percebeu-se que os editores intervinham no texto e faziam comentários, tentando colaborar no processo de aprendizado dos estudantes, sem, no entanto, alterar o conteúdo da obra. O estudo das edições também possibilitou perceber que Germanos não concebia o árabe como uma língua divina – embora incentivasse seu uso na Liturgia –, mas

como um ramo do siríaco, o que, como vimos, é um pressuposto questionável, mas que deveria circular entre os maronitas ou mesmo entre os cristãos.

Tendo possibilitado uma noção geral da obra, este trabalho seguiu para a tradução da “Introdução pelo Autor” e da seção “Das Frases”, para mostrar mais claramente como Farhat elabora suas explicações. Constatou-se que o autor dá definições curtas seguidas de exemplos, o que viabiliza um aprendizado prático e simplificado, como explicado pelo próprio autor e mencionado nas edições de aš-Šartūnī e al-Bustānī. Germanos defende que os estudantes não devem se prender excessivamente às regras gramaticais, mas utilizar a língua de maneira natural, como qualquer falante faz com sua língua materna.

Por fim, cabe mencionar que os comentários mostram que, apesar das particularidades da gramática árabe, há diversos pontos de intersecção com a gramática portuguesa, sendo possível fazer paralelos em diversos momentos. Ou seja, as análises sintáticas e a forma de organização do discurso nas duas línguas se encontram em diversos momentos.

Este trabalho, é claro, não deu conta de descrever e analisar a obra com o nível de detalhamento devido. Esperamos, no entanto, ter contribuído para as inúmeras possibilidades de discussões em torno dela e trazer ao leitor o nome de uma figura importante para os estudos gramaticais árabes: Dom Germanos Farhat.

## Referências bibliográficas

COWAN, David. **Gramática d Árabe Moderno**. Safa A. A. C Jubran (trad). São Paulo: Globo – USP, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso. CINTRA, Luiz F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIB, Pierre. **History of the Maronite Church**. Translated by Seely Beggiani. Washington, D.C. 1971. Disponível em: <<https://maroniten.files.wordpress.com/2020/09/history-of-the-maronite-church-dib-translator-beggiani.pdf>>. Acesso em 01/06/2023, às 9:00.

DAKKĀŞ, Salīm. Prefácio. *In* FARĤĀT, G. **al-Ryāḍa al-Rūḥya**. 1ª ed. Beirute: Dār al-Mašriq.

EL-DAHDAH, Antoine. **A Dictionary of Arabic Grammatical Nomenclature**. Beirut: Librairie du Liban Publishers, 1993.

ISKANDAR, Amine Jules, En el principio fue Calcedonia (agosto/2022). *In* **Asociado de maronitas.org**. Disponível em <<https://www.maronitas.org/post/en-el-principio-fue-calcedonia>>. Acesso em 10/10/2022, às 15:30.

JABRE-MOUAWAD. Ray. Maronites and the *Garshūnī* Script. *In* **Parole de l’Orient**. Vol. 37 (2012), pp. 1-16. Disponível em <[https://www.academia.edu/9858875/Maronites\\_and\\_the\\_Garshuni\\_script](https://www.academia.edu/9858875/Maronites_and_the_Garshuni_script)>. Acesso em 01/06/2023, às 17:30.

JUNIOR, Joaquim Mattoso Camara. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.



KHATLAB, Roberto. **Árabes Cristãos?**. São Paulo: ed Ave Maria. 2009.

Luca, Rosella de. **The Engagement of Nineteenth-Century Scholars with Jirmānūs Farḥāt's Baḥth al-Maṭālib: An Early Modern Textbook for Ottoman Schools**. Disponível em <<https://academia.edu/resource/work/66205085>>. Acesso em 15/10/2022, às 11:25.

MANASH, Jirjis. Al-Mustaṭrafāt al-mustazrafāt fī ḥayāt al-sayyid Jirmānūs Farḥāt. *In* **Al-Mashriq 5** (1904): 210–19. Disponível em <<https://archive.alsharekh.org/Articles/108/8902/180283>>. Acesso em 15/10/2022, às 6:30.

Ouwayda, Sarah. Construct State Nominals as Semantic Predicates. *In* **Arabic Language and Linguistics**. Bassiouney, R. and Katz, E. G. (ed). Washington [DC]: Georgetown University Press, 2012

Patel, Abdulrazzak. 2. The Reintegration of Pre-modern Christians into the Mainstream of Arabic Literature and the Creation of an Inter-religious Cultural Space. *In* **The Arab Nahdah: The Making of the Intellectual and Humanist Movement**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022, pp. 36-74. <<https://doi.org/10.1515/9780748677900-006>>.

Rhode, D. Bryan. The Muslim Conquest. *In* **John Damascene in context: An examination of “The Heresy of the Ishmaelites” with special consideration given to the religious, political, and social contexts during the seventh and eighth century Arab Conquests**. Thesis (Master of Arts in Global Apologetics). Liberty Baptist Theological Seminary. Lynchburg, Virginia. May/2009, pp. 5-12. Disponível em <<https://www.proquest.com/openview/dc70a5835736d7ce10166c78fb667578/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750>>. Acesso em 05/01/2023, às 15:50.

SÁNCHEZ, Francisco del Río. Arabic & Karshuni: an-attempt to preserve maronite identity; the case of Aleppo. *In* **The Levantine Review**. Vol 2, n 1. 2013.

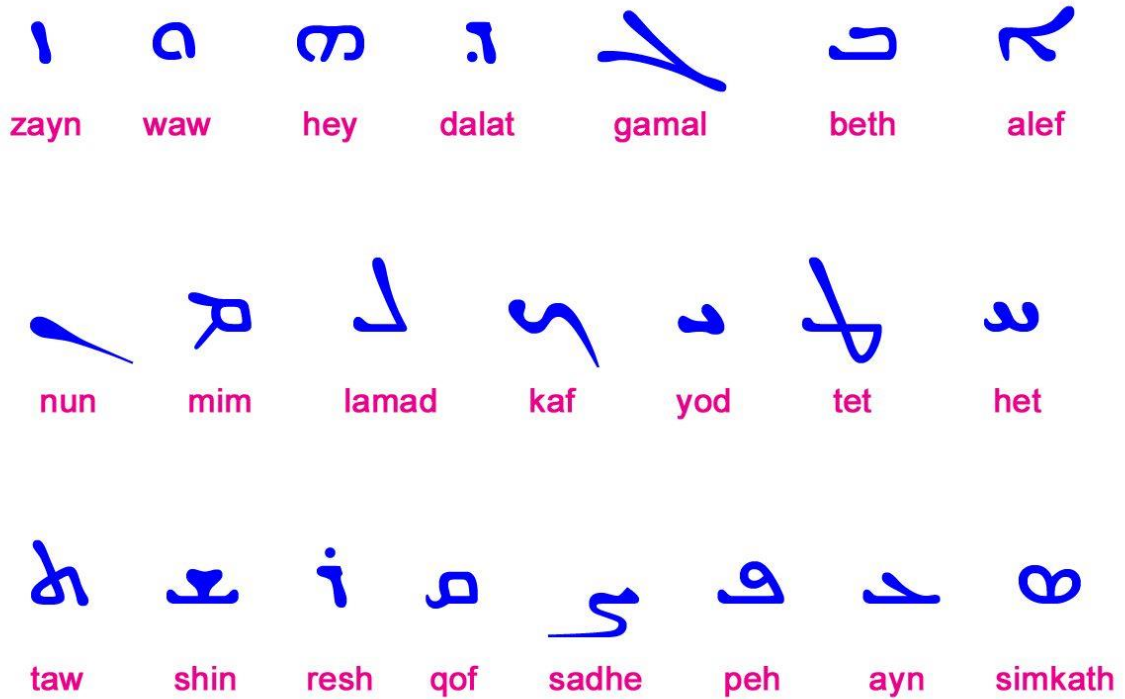
SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino Português**. Belo Horizonte: Livraria Garnier. 2006

TELLES, Célia Marques, SOUZA, Risonete Batista de. Sobre a Liturgia Moçarábica. *In* **Série Estudos Medievais**, n.3. Gladis Massini-Cagliari, Márcio Ricardo Coelho Muniz, Paulo Roberto Sodré (org). Araraquara: ANPOLL, 2012.

Teule, Herman. Who are the Syriacs?. *In* **The Slow Disappearance of the Syriacs from Turkey: And of the Grounds of the Mor Gabriel Monastery**. Omtzigt, P.H., Tozman, M.K. and Tyndall, A. (ed). London: LIT Verlag, (2012).

VARGENS, João Baptista M. **A poesia árabe: um ensaio luso-brasileiro**. Rio Bonito [RJ]: Almadena, 2020.

## ANEXO

*The Syriac Aramaic Alphabet*

(Fonte: Omniglot Encyclopedia)<sup>128</sup>

<sup>128</sup> Disponível em <https://omniglot.com/writing/syriac.htm>

## Apêndice I

مقدمة للمؤلف

بسم الاب والابن والروح القدس

الاله الواحد آمين

الحمد لله الذي اصلح بكلمته الانفس المختلة واعراب بقدرته الفعالة عن الافعال السالمة والمعتلة واشتقت مفعولاته المحدثه بامرِه من العناصر المنحلة بعد ابرازه تلك الجواهر العقلية الغير المضمحلة واضاف الإستقصات بعضًا إلى بعضٍ اضافةً متداخلة غير متبلبةٍ ولا مضلة والسجود لابنه يسوع المسيح الوحيد المتجسد باقدس حلة الذي ارسله رحمةً للعالمين وخلصًا من الجريرة والزلة والتقدیس للروح القدس الذي يدبر الكائنات باحسن خلة والتعظيم للثالوث الاقدس ربّ الذات الواحدة والسلطة المُدَلَّة.

اما بعد فيقول المفتقر إلى ربه اسير وصمة ذنبه جبرائيل بن فرحات القس الراهب الحلبي الماروني الحقير المنضوي تحت قانون الرهبان اللبنانيين المتوشحين باسكيم القديس انطونيوس الكبير لما رأيت اقبال المستفيدين من المسيحيين منصبًا نحو معرفة القواعد العربية والأصول النحوية لكن يدهم تقصر عن الوصول إلى غايتها لاسباب توجب الاضراب عن الانصباب وتقرن الاكفاف بالانكفاف جَدَّبْتُني عند ذلك يدُ الغيرة الأخوية جَدَّبَ حنين الطبيعة الابوية إلى إحالة الحال المعجم وإزالة الأمر المبهم فانقدت طائعا نحوها بعد أمر الأمر المطاع وسؤال من يحقّ له مَيّ الاتباع فمددتُ حينئذٍ يداً قد غلّها عجزها وحلّها رمزها ومدّها ردّها وردّها فابتدرتُ كاشفا عن مُحَيّا العربية ذاك الفناع الذي كان مسدولا لأمر ما حينما وأنشأت مؤلفا ينطوي على مقدّمة وثلاثة كتب وخاتمة وجمعت فيه ما تفرّق من القواعد العربية تصريفا ونحوها في كتب متعددة وأثبت منها إثباته يلزمنا ونبذت عنّا ما هو غريب منّا فلهذا لا تصدّقنّ المعترض الواقف على موضوعنا والمختبر مشروعا بل قل له كل يقتات بما يكفيه وصاحب البيت ادري بالذي فيه واهملت التعليقات المملّة والاعتراضات المعلّة لما رأيت ابن الحاجب قد حجب الافهام برواياته وابن هشام قد هشم الاوهام بإراداته وابن مالك قد ملك الأذهان بزياداته فما هي الآ زيادة تدقيق وتنميق تحقيق أو أنّ لهم بذلك غرضا لا يشملنا ولازما لا يلزمنا ولهذا هم في وادٍ ونحن في وادٍ وكل منتدٍ يختصّ بناذٍ وأيّ يجيب المرء بغير مناد امور

فتلخص إذاً مما لخصناه ونصصناه أنّ المقصود من تألف ما ألفناه وإفناه ثلثة الأول إزالة تعقيد العبارات المبهمة الثاني ضمّ جميع ما تلزمتنا معرفته من هذه الصناعة في مؤلف واحد بوجه الاختصار الثالث ايراد شهاداته من الكتب المقدسة حسب الإمكان وسميته بحث المطالب وحثّ الطالب والمقصود منه نفع اولاد المسيحيين لئلا يتغرّبوا فيتجرّبوا ولئلا يتعبوا فيتعابوا ولئلا يصرّفوا الزمان باسهاب باطل فينصبوا فالمامول إذاً من الطلبة المستفيدين منه أن يتلقّوه بوجه القبول ولا يستكثروا المقول لأنّه خلاصة قد تنقّث من بين قلائد الفوائد بكّد يملّ ووردة قطفت من بين شوك الزوائد بكبح  
يجلّ نسأل الله أن ينفع به طالبيه ويفيد به افئدة راغبيه لأنه ارحم الراحمين. آمين

## Introdução pelo Autor

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Deus único. Amém.

Graças sejam dadas a Deus, Aquele que restaurou com Sua palavra as almas atormentadas e que com Sua onipotência operante indicou as virtudes e vícios. Os efeitos que aconteceram por Sua ordem são consequência dos elementos que se corromperam após ter sido dada à luz aquelas substâncias racionais imortais. Adicionou atributos umas às outras os quais quando associados não são nem confusos e nem enganosos. Então seja adorado o Seu filho único, Jesus Cristo, encarnado na mais santa veste, enviado como misericórdia em favor do mundo e salvação pelas culpas e faltas; e seja feita ação de graças ao Espírito Santo, que dispõe das criaturas da maneira mais fraterna; e seja exaltada a Santíssima Trindade, o Senhor de Essência Única e de Potestade subjugante.

Ademais, este indigente, prisioneiro da marca de seu pecado, Jibrā'īl Bin Farhāt, vil pastor e monge maronita de Aleppo, confrade sob a regra dos monges libaneses inspirados pelo hábito de Santo Antão, o Grande, diz: quando vi o interesse dos beneficiados dentre os cristãos dirigir-se ao conhecimento da gramática árabe e dos princípios sintáticos, mas suas mãos falhavam em alcançar o objetivo delas por razões que exigiram abandonar o esforço e que ataram as palmas das mãos com a limitação, a mão do zelo fraterno, me levou a isso, a atração do anseio da natureza paterna, a me referir à situação da lexicografia excluindo os assuntos confusos. E foi assim que segui obedecendo e chamando a quem tem o direito de me seguir. Para isso, estendi então o alcance da mão que se reduzira pela incapacidade. A completa liberdade das mãos é o que a simboliza; alcançar mais longe é próprio dela e é próprio dela alcançar mais longe. Assim, eu comecei a revelar o semblante da língua árabe por detrás daquela máscara que por algum motivo colocaram por um tempo. Então eu elaborei uma obra que inclui uma introdução, três livros e uma conclusão. Reuni nela o que estava disperso em diversos livros sobre a gramática árabe em relação à morfologia e à sintaxe. Eu demonstrei quais explicações são necessárias; e descartei o que é estranho a nós. Por isso, não acredite em quem se oponha ao nosso tema, ou naquele que põe em xeque nosso projeto. Em vez disso, diga a eles: “cada um se alimenta com aquilo que lhe satisfaz e o dono da casa faz saber o que há nela”. Descartei as explicações enfadonhas e as exposições cansativas, ao ver como Ibn al- Hājib turvava o entendimento com os seus versos, Ibn Hišām destruí a imaginação com suas argumentações e Ibn Mālek se apossava das mentes com seus exageros.

Tudo isso não passa de uma verificação excessiva e adorno na investigação. Ou talvez eles tenham nisso um propósito que não adicione a nós algo necessário, indispensável para nós. E é por isso que eles estão em um vale e nós em outro. Cada fórum é identificado por seu grupo. Como pode o indivíduo responder sem ser chamado?

Muna-se então com o que sintetizamos e explicamos. O objetivo dessa obra que compusemos e a ela nos familiarizamos são três: 1º) remover as dificuldades das expressões ambíguas; 2º) reunir sucintamente em uma única obra o conhecimento que vem deste ofício e que nos é necessário; 3º) argumentar com os testemunhos das Sagradas Escrituras quando aplicável. Eu a chamei de “Em Busca das questões e estímulo ao estudante”. Seu objetivo é auxiliar os filhos dos cristãos para que não vão embora, mas se engajem; para que não se cansem e nem deem canseira aos outros; para que não percam tempo com minúcias vazias, mas progridam. O que se espera, pois, dos estudantes que irão se beneficiar dela é que a recebam bem e não achem longo o que é dito, pois se trata de uma síntese esquemática a partir de uma árdua seleção dentro do rol das coisas importantes. É uma rosa colhida com esforço do meio dos espinhos dos exageros. Pedimos a Deus que seja favorável a quem O procura e proveitoso aos corações que O buscam, porque ele é o Misericordiosíssimo dentre os misericordiosos. Amém.

## Apêndice II

القسم الحادي عشر

في الجمل وفيه ثلاثة أبحاث

البحث الأول

في معنى الجملة واقسامها وفيه مطلبان

المطلب الأول

في معنى الجملة

بعد أن أنهينا الكلام في أحوال المفردات ساغ لنا الآن أن نتكلم في أحوال المركبات  
نقول إن اللفظ المركب إما مفيد كقام بطرس أو غير مفيد نحو إن قام بطرس فإن تمام فائدته  
بالجواب الذي هو قمتُ

فالمفيد يُسمى كلامًا وجملةً والغير المفيد يُسمى جملةً فكلُّ كلامٍ جملةٌ ولا يُعكس  
ثم الجملة إن صُدّرت باسمٍ كانت اسمية نحو بطرس قائمٌ وإن صُدّرت بفعلٍ كانت فعليةً نحو  
قامَ بطرسٌ وإن صُدّرت بحرفٍ كانت تابعةً لما بعد الحرف نحو هل بطرٌ قائمٌ وهل قامَ بطرسٌ

المطلب الثاني

في أقسام الجملة

أقسام الجملة اربعةً

الأول: جملة الصغرى أي الواقعة خبرًا نحو بطرس أخوه مؤمنٌ فأخوه مؤمنٌ جملةٌ صغرى لأنها  
خبرٌ بطرسَ ومثله بطرس آمنٌ أخوه

الثاني: الجملة الكبرى أي الواقعة خبرها جملةً كما في المثال المذكور

الثالث: الجملة الصغرى والكبرى معًا أي الواقعة خبرها جملةً وهي واقعةٌ خبرًا نحو بطرسٌ أخوه تلميذه  
منطلقٌ

فبطرس مبتدأ أولٌ وأخوه مبتدأ ثانٍ وتلميذه مبتدأ ثالثٌ ومنطلقٌ خبر المبتدأ الثالث والمبتدأ  
الثالث وخبره خبر المبتدأ الثاني والمبتدأ الثاني وخبره خبر المبتدأ الأول والمعنى بطرس تلميذ أخيه  
منطلق

فمن بطرسٍ إلى منطلق جملةٌ كبرى لأن خبرها جملةٌ وتلميذه منطلقٌ جملةٌ صغرى لأنها خبرٌ  
وجملةٌ أخوه تلميذه منطلقٌ كبرى لأن خبرها جملةٌ وصغرى لأنها خبر بطرسٍ



الرابع: الجملة التي ليست بصغرى ولا كبرى أي الواقع خبرها مفردًا نحو بطرس رسول لا تسمى

صغرى لأنها ليست خبرًا ولا تسمى كبرى لأن خبرها مفردٌ

البحث الثاني

في محلّ الجملة وفيه ثلاثة مطالب

المطلب الاول

في الجملة التي لها محلٌّ من الإعراب

الجملة التي لها محلٌّ من الإعراب سبعُ

الأولى، الواقعة خبرًا كقوله تعالى الروح يحيي فجمله يحيي في محلّ رفع خبر الروح المبتدأ

الثانية، الواقعة حالًا كقول البشير رجعوا يقرعون صدورهم فجمله يقرعون في محلّ نصب حالًا

من ضمير رجعوا

الثالثة، الواقعة مفعولًا كقوله تعالى أنت قلتَ إني ملكٌ فجمله إني ملكٌ محلّها نصب لأنها

مفعولٌ قلتَ وقس عليها كل جملةٍ وقعت مفعولًا

الرابعة، المضاف إليها ظرف زمانٍ أو مكانٍ مثال الزمان إذا جاء ابن البشر ومثال المكان حيث

تكون الجنة فكلٌّ من جاء وتكون في محلّ جرٍّ بالإضافة تقدير الاول حين مجيء ابن البشر وتقدير الثاني

مكان وجود الجنة

الخامسة، الواقعة جوابًا لشرطٍ جازمٍ مقترنةً بالفاء أو إذا كقوله تعالى إن لم تتوبوا فجميعكم

تهلكون فجمله جميعكم تهلكون محلّها الجزم لأنها جواب الشرط

السادسة، التابعة لمفردٍ كقوله تعالى كأناسٍ ينتظرون فجمله ينتظرون محلّها الجزم لأنها نعتٌ

لأناسٍ

السابعة، التابعة لجملةٍ لها محلٌّ من الاعراب كقول النبي الله يُميت ويحيي فجمله يُحيي محلّها

الرفع لأنها معطوفةٌ على جملة يُميت الواقعة خبرًا للمبتدأ

المطلب الثاني

في الجملة التي لا محلٌّ لها من الإعراب

الجملة التي لا محلٌّ لها من الإعراب سبعُ

الأولى، الابتدائية مثل بطرس قائم وقام بطرس

الثانية، صلة الموصول نحو يسوع الذي كفرتم به فجمله كفرتم لا محلٌّ لها من الإعراب لأنها

صلة الذي

الثالثة، الجملة المعترضة ما بين العامل ومعموله كقوله

إن الثمانين ووبلغتها

قد أحوجت سمعي إلى ترجمان

فجملة وبلغتها لا محل لها لأنها معترضة

الرابعة، الجملة المفسرة نحو بطرس رأيتُهُ فرأيتُهُ لا محل لها لأنها مفسرة لجملة مقدره والتقدير

رأيتُ بطرس رأيتُهُ كما مرّ بيننا هذا في باب الاشتغال

الخامسة، الواقعة جوابًا للقسم كقوله تعالى أقسم بذاتي إنني لأباركئك فجملة إنني لأباركئك لا

محل لها لأنها جواب للقسم

السادسة، الواقعة جوابًا لشرطٍ جازمٍ لم يقترن بالفاء أو إذا نحو إن تزرننا نزررك فجملة نزررك لا محل

لها لأنها غير مقترنة بالفاء أو لشرطٍ غير جازمٍ مثل إذا ولو ولولا نحو إذا قمت قمنا فجملة قمنا لا محل

لها لأنها جواب شرطٍ غير جازمٍ وقس مثله عليه

السابعة، التابعة لما لا محل لها من الإعراب كقول البشير جاء رئيس واحدٌ وسجد له فجملة

سجد له لا محل لها لأنها معطوفة على جملة جاء التي لا محل لها لأنها ابتدائية

المطلب الثالث

في الجملة الخبرية

الجملة الخبرية هي المحتملة للصدق والكذب

فان وقعت فضلة بعد المعرفة كانت حالًا نحو جاء بطرس الشمس طالعة فجملة والشمس طالعة

في محل نصبٍ حالًا من بطرس

وإن وقعت بعد النكرة كانت نعتًا لتلك النكرة نحو جاء رجلٌ يركض فجملة يركض نعتٌ لرجلٍ

وهكذا حكم الظرف والجار والمجرور نحو جاء يسوع بين تلاميذه وذهب بطرس على جواده

ورأيت رجلاً عندك أو في الدار

البحث الثالث

في احكام الظرف والجار والمجرور وفيه مطلبان

المطلب الاول

في متعلق الظرف والجار والمجرور الملفوظ به

يتعلق الظرف والجار والمجرور بالفعل وما يشتق منه

ثم هذا الفعل إما عامٌ وإما خاصٌ فالعامٌ هو كلُّ فعلٍ دلَّ على معنى الحصول الخاصُّ غيره

فان كان المتعلق خاصًا وجب ذكره نحو صمْتُ يوم الجمعة وصليتُ في البيعة فالظرف وحرف  
الجرّ متعلقان بصمْتُ وصليتُ

تنبيه متى قدّمتَ الجارّ والمجرور على متعلقه افاد الحصر ومتى أخرتهُ فلا مثال ذلك اذا قلتَ  
بزيدٍ مررتُ يفهم منه انك لم تمرُّ إلا بزيدٍ وحدهُ ومنهُ قول البشير به كانت الحياة اي ان الحياة لم توجد  
إلا بيسوع وحدهُ واذا قلتَ مررتُ بزيدٍ لا يفهم منه انك ما مررتَ إلا به

تنبيه، تكسر هاء الضمير اذا وقعت بعد ياء ساكنةٍ مثل فيه ويرميه وعليهما أو بعد حرفٍ مكسور  
مثل مررتَ به وبغلامه فالضمير مكسورٌ هنا للمجاورة ومتى زال كسر ما قبله ضُمَّ

### المطلب الثاني

في متعلّق الظرف والجارّ والمجرور المحذوف

إذا كان متعلّق الظرف والجارّ والمجرور عامًّا وجب حذفهُ ولا يكون المتعلق عامًّا إلا اذا كان  
الظرف والمجرور صِلَّةً أو صفةً أو خبرًا أو حالًا.

مثال الصلة مررت بالذي عندك أو في الدار ومثال الصفة مررت برجلٍ عندك أو في الدار ومثال  
الخبر بطرسُ عندك أو في الدار ومثال الحال جاء بطرسُ فوق المركبة أو على الحمارٍ فالمتعلق به في  
هذه الاماكن الاربعة محذوفٌ وجوبًا تقديره كائنٌ أو حاصلٌ أو مستقرٌّ أو حصل وما أشبه ذلك إلا في  
الصلة فيتعين تقديره بالفعل لأن الصلة لا تكون إلا جملةً كما عرفت

ثمّ ان المتعلق به سواءً كان عامًّا او خاصًا يكون عاملاً في الظرف والجارّ والمجرور واما رُبَّ وكاف  
التشبيه ولولا وحروف الجرّ الزائدة فلا تتعلق بشيء

تنبيه، جميع ما ذكرناه في هذا المؤلّف ينتهي إلى السماع والقياس فضابط السماع ما كان خاليًا من  
الحدّ والتعريف فاسمعهُ ولا تقس عليه وضابط القياس ما كان له حدٌّ وتعريفٌ فاسمعهُ وقس عليه

انتهى فاسمعنا اللهم ذلك الصوت المقول لأهل اليمين برحمتك يا أرحم الراحمين. آمين

## Seção Décima Primeira

### Das Frases e nela há três pesquisas

#### Pesquisa Primeira

Do significado da frase e suas partes e nela há duas questões

#### Questão Primeira

##### Do sentido da Frase

Depois que concluímos a exposição sobre o léxico, podemos agora falar sobre os componentes [da frase].

Dizemos que a expressão componente é qualquer uma que seja plena, como: *qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro); ou não-plena, por exemplo: *‘in qāma Buṭrus* (se levantar-se Pedro). Toda a utilidade dela [da expressão componente] está na resposta tratada adiante..

Então a plena é chamada enunciado ou frase e a não-plena é chamada frase. Logo, todo enunciado é uma frase, mas o contrário não acontece.

Assim, a frase se for emitida com um nome é nominal, por exemplo: *Buṭrus qā‘im* (Pedro [está] de pé); já se for emitida com um verbo, é verbal, por exemplo: *qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro); se, no entanto, for emitida com uma partícula, é seguinte quando estiver depois da partícula, por exemplo: *hal Buṭrus qā‘im* (Pedro está de pé?) e *hal qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro?)

#### Questão Segunda

##### Das Partes da Frase

As partes da frase são quatro:

A primeira é a Frase Menor, ou seja, que está na posição predicado, por exemplo: *Buṭrus ‘aḥūhu mu‘min* (Pedro o seu irmão é crente). Então *‘aḥūhu mu‘min* (seu irmão é crente) é uma Frase Menor, predicado de *Buṭrus* (Pedro). Exemplo similar seria *Buṭrus ‘āmana ‘aḥūhu* (Pedro seu irmão teve fé).

A segunda é a Frase Maior, isto é, cujo predicado é uma frase, como no exemplo mencionado..

A terceira é formada pela Frase Menor e a Frase Maior juntas, ou seja, na posição de predicado há uma frase que é o próprio predicado, por exemplo: *Buṭrus ‘aḥūhu tilmīduhu munṭaliquṇ* (Pedro seu irmão seu discípulo está partindo)

Então Buṭrus (Pedro) é o primeiro tópico, ‘aḥūhu (seu irmão) é o segundo e tilmīduhu (seu discípulo) o terceiro. E munṭaliqun (está partindo) é o predicado do terceiro tópico. O terceiro tópico e o seu predicado são o predicado do segundo tópico. E o segundo tópico e seu predicado, por sua vez, são o predicado do primeiro tópico. O sentido é: Buṭrus tilmīdu aḥīhi munṭaliqun (Pedro o discípulo do seu irmão está partindo).

Então de Buṭrus (Pedro) a munṭaliqun (está partindo) é uma Frase Maior porque seu predicado é uma frase. E tilmīduhu munṭaliqun (seu discípulo está partindo) é uma Frase Menor, pois é um predicado; e a frase ‘aḥūhu tilmīduhu munṭaliqun (seu irmão seu discípulo está partindo) é Maior, pois seu predicado é uma frase e é Menor porque é o predicado de Buṭrus (Pedro).

A quarta é a frase que não é Menor nem Maior, isto é: que na posição de predicado há um único vocábulo, por exemplo: Buṭrus rusūl (Pedro é um apóstolo). Não é chamada Menor porque não é predicado e não é chamada Maior porque seu predicado é um único vocábulo.

## Pesquisa Segunda

### Do lugar da frase e nela há três questões

#### Questão Primeira

##### Da frase que possui lugar de inflexão de caso e modo

As frases que possuem lugar de inflexão de caso e modo são sete:

A primeira está na posição de predicado, como nas palavras do Altíssimo: *arrūḥ yuḥyī* (o Espírito faz viver). Então a frase *yuḥyī* (faz viver) tem lugar de nominativo do predicado do tópico *arrūḥ* (o Espírito).

A segunda está na posição de circunstância. Como diz o Evangelista: *raja<sup>c</sup>ū yaqra<sup>c</sup>ūn ṣudūrahūm* (eles voltaram batendo no peito). Então a frase *yaqra<sup>c</sup>ūn* (batendo) tem lugar de acusativo de circunstância do pronome referente a *raja<sup>c</sup>ū* (voltaram).

A terceira está na posição de objeto, como está nas palavras do Altíssimo: *‘anta qulta ‘innī malikun* (Tu disseste que eu sou rei). Então a frase *‘innī malikun* (que eu sou

rei) tem lugar de acusativo, pois é o feito de *qulta* (disseste). Por extensão, toda a frase ocupou o lugar de objeto.

Já a quarta está na posição de segundo termo do estado construto e é adjunto adverbial de tempo ou lugar. Um exemplo para “tempo” é: *‘idā jā’a ibnu al-bašar* (então veio o filho do Homem); já um exemplo para “lugar” é: *ḥaītu takūn al-juttatī* (onde está o cadáver). Então tudo advindo de *jā’a* (veio) e *takūn* (está) tem lugar de genitivo no estado construto. O significado implícito do primeiro é: quando foi a chegada do filho do Homem; enquanto o do segundo é: o lugar da presença do cadáver.

A quinta está na posição de resposta de uma condicional no jussivo, iniciada com a letra “fā” ou o “‘ida”. Como está nos ditos do Altíssimo: *‘in lam tataūabū fajamī’ukum tahlakūn* (se não vos arrependerdes, então vós todos perecereis). Assim, a frase *fajamī’ukum tahlakūn* (vós todos perecereis) tem lugar de jussivo, porque é resposta da condicional..

A sexta é seguinte a um único vocábulo, como nas palavras do Altíssimo: *ka’unāsin yantaḍirūn* (como gente que esperam). Então a frase *yantaḍirūn* (que esperam) está no lugar de genitivo porque é uma descrição de *‘unās* (gente).

A sétima é seguinte a uma frase que possui lugar de inflexão de caso e modo. É como diz o profeta: *Allah yumīt wa yuḥyī* (Deus faz morrer e faz viver). Então a frase “faz viver” está no lugar de nominativo, pois está conectado à *yumīt* (faz morrer), que por sua vez está na posição de predicado do tópico *Allah* (Deus).

#### Questão Segunda

Da Frase que não possui lugar de inflexão de caso e modo

As frases que não possui lugar de caso e modo são sete:

A primeira é a primária, como *Buṭrus qā’im* (Pedro está de pé) ou *qāma Buṭrus* (levantou-se Pedro).

A segunda é a da cláusula do relativo, por exemplo *yasūc alladī kafartum bihi* (Jesus em quem não acreditastes). Então, *kafartum* (não acreditastes) não possui lugar de caso e modo porque é cláusula de *alladī* (que).

A terceira é a frase interposta, que está entre o elemento ativo e o elemento passivo [da frase], como no dito:

*‘in attamanīn wabalaḡtahā*

(Os oitenta, e chegarás lá)

*qad 'aḥwajat sam<sup>cī</sup> 'ila turjumān*

(fizeram meu ouvido precisar de um intérprete.)

Então a frase *wabalaḡtaha* (e chegarás lá) não tem lugar, pois é uma interposta.

A quarta é a frase explicativa, como no exemplo *Buṭrus<sup>u</sup> ra'aituhu* (Pedro, eu o vi). Então *ra'aituhu* (eu o vi) não tem lugar, pois é explicativa de uma frase avaliada e o sentido implícito é *ra'aytu Buṭrus<sup>a</sup>* (eu vi Pedro). *ra'aytu* (eu o vi) também foi comentado no capítulo do o objeto anteposto.

A quinta está na posição de complemento ao juramento, como nas palavras do Altíssimo: *'uqsim bidātī 'innī li'ubārikannaka* (eu juro por mim mesmo que vos abençoarei). Então a frase *'innī li'ubārikannaka* (eu vos abençoarei) não tem lugar porque é complemento ao juramento.

A sexta está na posição de resposta a uma condicional no jussivo não acompanhado do *fā'* ou do *'idā*, como no exemplo: *'in tazurnā, nazurka* (visita-nos, que te visitamos), então a frase *nazurka* (te visitamos) não tem lugar porque não está ligada a um *fā'*; ou na de condição não-jussiva como *'idā (se/caso), law (se/caso) ou laūlā (se não fosse)*, como no exemplo: *'idā qumta, qumnā* (se te levatares, nos levantamos), então a frase *qumnā* (nos levantamos) não tem lugar, pois é resposta a uma condicional não-jussiva e assim por diante.

A sétima é a seguinte quando esta não possuir lugar de inflexão de caso e modo, como nas palavras do Evangelista: *jā' ra'īs wāḥid wa-sajada lahu* (veio um chefe prostrando-se diante dele). Então a frase *sajada lahu* (prostrando-se diante dele) não possui lugar porque está copulada à frase *jā'* (veio) que por sua vez não tem lugar porque é primária.

### Questão Terceira

#### Da Frase Predicativa

A frase predicativa é complemento para a exatidão e a inexatidão

Se o restante da frase se posiciona depois do nome determinado, será de circunstância, por exemplo: *jā'a Buṭrus wa-ššams ṭālī<sup>c</sup>at<sup>un</sup>* (Pedro veio estando o sol poente). Então a frase *wa aššams ṭālī<sup>c</sup>at<sup>un</sup>* (estando o sol poente) tem lugar de complemento acusativo de circunstância de *Buṭrus* (Pedro).

Mas, se ela se posicionar depois de um nome indeterminado, será um adjetivo para tal nome, por exemplo: *jā'a rajul yarkuḍ* (veio um homem correndo). Desse modo, a frase *yarkuḍ* (correndo) é adjetivo *rajul* (um homem).

E é da mesma forma a regra do advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo, como por exemplo: *jā'a yasūc bayna talāmīdihi* (veio Jesus entre os seus discípulos); *dahaba Buṭrus cala jawādihi* (foi Pedro sobre seu cavalo); *ra'aytu rajalan cindaka 'aw fi addār* (eu vi um homem junto a você ou na casa).

#### Pesquisa Terceira

Da terminação do advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo

E nela há duas questões

#### Questão Primeira

Do referente do advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo, que são proferidos com ele

O advérbio, o regente de genitivo e o nome no genitivo se referem ao verbo e ao que deriva dele.

Esse verbo pode ser tanto geral quanto particular. O geral é todo verbo que indica um significado de acontecimento. O particular é diferente dele..

Então, caso o referente seja um particular, será necessário mencioná-lo, como no exemplo *ṣumtu yawm al-jum<sup>ca</sup> wa-ṣallaytu fī al-bī<sup>ca</sup>* (eu jejeuei sexta-feira e rezei no templo cristão). Então, o advérbio e a partícula de genitivo são os referidos ao *ṣumtu* (jejeuei) e *ṣallaytu*(rezei).

Nota: quando adiantares o regente de genitivo ou o nome no genitivo ao referente, isso servirá para restringir [o sentido]; e para o caso em que os pospuseres, não há necessidade de exemplo. Se disseres *bi-Zaydin marartu* (com o Zayd eu passei) é depreendido que não terias passado se não fosse com o Zayd, e somente com ele. Daí as palavras do Evangelista: *bihi kānat al-ḥayāt* (nele estava a vida), o que quer dizer que não há vida a não ser em Jesus, e somente nele. Portanto, se disseres *marartu biZaydin* (eu passei com o Zayd), não se depreende que não passarias senão com ele.

Nota: o pronome terá uma *kasra* se ocorrer depois do *yā'* com *sukūn* como em *fīhi* (nele), *yarmihi* (ele o joga) e *'alayhima* (sobre eles/elas dois/duas) ou depois de uma partícula vocalizada com *kasra*, como: *marartu bihi* (eu passei com ele) e *biḡulāmihi*



(com o seu criado). Então o pronome vocalizado com a *kasra* aqui é por causa da letra adjacente e quando a *kasra* é removida, fica com uma *ḍamma*.

#### Questão Segunda

Da supressão do referente do advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo excluído

Se o que for o referente da advérbio, do regente de genitivo e do nome no genitivo for um [verbo] geral, será necessário suprimi-lo, e o referente não será um [verbo] geral a não ser que o advérbio e o nome no genitivo sejam cláusula [do relativo], adjetivo, predicado ou circunstância.

Exemplo de cláusula [do relativo]: *marartu fi-alladī ʿindaka ʿaw fī addār* (eu passei com aquele que está contigo ou na casa); exemplo de adjetivo: *marartu bi-rajilīn ʿindaka ʿaū fī addār* (eu passei com um homem, ele está contigo ou na casa); exemplo de predicado: *Buṭrus ʿindaka ʿaū fī addār* (Pedro está contigo ou na casa); e exemplo de circunstância: *jāʾ Buṭrus fawq al-markaba ʿaw ʿala al-ḥimār* (Pedro veio em cima de uma carroça ou sobre um burro). Então, o que está relacionado a eles nessas quatro posições foi suprimido e é obrigatório reconhecê-lo como objeto, resultado, algo fixo ou acontecimento, e coisas semelhantes. Isso exceto no caso da cláusula [do relativo], cujo sentido das expressões relacionadas deve ser considerado com o verbo, uma vez que a cláusula [do relativo] é apenas frase, como sabes.

Portanto, o que está referido a eles, seja [verbo] geral ou particular, será um elemento ativo tanto no advérbio, regente de genitivo e nome no genitivo, quanto junto ao *rubba*, ao *ka-* de comparação e ao *lawla*. Quanto às partículas adicionais do genitivo, estas não se relacionam a nada.

Atenção, tudo o que mencionamos nessa obra acaba em usos aceitos no geral e analogias. Portanto, o padrão de uso é o que está livre de barreiras e definições, então use e não seja duro sobre isso. O padrão é o que transcende barreiras e definições, então use e compare.

Eis o fim. Ouça-nos então, ó Deus, essa voz emanada pelo povo de fé, por Vossa misericórdia, ó Misericordiosíssimo dentre os misericordiosos. Amém